



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DAS CIÊNCIAS - PPGE

RAQUEL EUFRÁZIO DE SANTANA

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA NA PERSPECTIVA
DE EDUCADORES DO ALTO CAPIBARIBE/PE

RECIFE

2015

RAQUEL EUFRÁZIO DE SANTANA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA NA PERSPECTIVA
DE EDUCADORES DO ALTO CAPIBARIBE/PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino de Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Roselaine de Oliveira Farias

**RECIFE
2015**

RAQUEL EUFRÁZIO DE SANTANA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA NA PERSPECTIVA
DE EDUCADORES DO ALTO CAPIBARIBE/PE**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Ensino de Ciências e aprovada em sua forma final.

Banca Examinadora:

Presidente: Profa. Dra. Carmen Roselaine de Oliveira Farias (PPGEC/UFRPE)

1º Examinador: Prof. Dr. Washington Luiz Pacheco de Carvalho (PPGFC/UNESP/Bauru)

2º Examinador: Prof.Dr. Ricardo Augusto Pessoa Braga (PRODEMA/UFPE)

3º Examinador: Profa. Dra. Ruth do Nascimento Firme (PPGEC/UFRPE)

**RECIFE
2015**

Este trabalho é dedicado aos professores que gentilmente contribuíram para que esta pesquisa fosse realizada.

AGRADECIMENTOS

Nestas palavras gostaria de oferecer minha gratidão a Deus, por seu amor e todas as oportunidades que Ele tem me proporcionado.

Agradeço aos meus familiares, Dalvanira Cobé, Sebastião Joaquim (Raimundo), Mariana Santana, Ivan Santana, Nazaré Cobé, Dalvací Cobé, Geraldo Peixoto, Dalvani Cobé, e ao amigo Adriano Rocha por toda torcida e ajuda durante esse processo.

Agradeço a minha orientadora, professora Carmen Farias, uma grande amiga que pude conhecer durante minha graduação, e que sempre me incentivou e se mostrou disposta a contribuir com minha formação. Agradeço pela paciência, ensinamentos, apoio, atenção, carinho e compromisso.

Agradeço ao Prof. Dr. Washington Luiz Pacheco de Carvalho, Prof. Dr. Ricardo Augusto Pessoa Braga e Profa. Dra. Ruth do Nascimento Firme pela leitura e sugestões a este trabalho.

Agradeço aos professores dos municípios de Santa Cruz do Capibaribe, Brejo da Madre de Deus, Jataúba e Poção. Muito obrigada pelas contribuições e pelo acolhimento de cada um de vocês.

Agradeço ao professor Arnaldo Vitorino, um grande amigo que me acompanhou durante minhas viagens para a coleta de dados e entrevistas com os professores participantes dessa pesquisa. Obrigada pela disponibilidade, dedicação e ensinamentos.

Agradeço aos amigos do GEPES, pelos nossos encontros, discussões, divertimentos, e principalmente pela ajuda e apoio durante a realização desse trabalho.

Agradeço também à Associação Águas do Nordeste (ANE), que através do Projeto Águas de Areias contribuiu para que esse trabalho fosse realizado.

Aos professores e amigos do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, obrigada pela aprendizagem e bons momentos que passamos juntos.

Também agradeço à CAPES pelo apoio financeiro para a realização dessa pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a Educação Ambiental (EA) desenvolvida no contexto escolar a partir da vivência narrada de educadores ambientais do Alto Capibaribe, no Semiárido pernambucano. Contou com a colaboração de onze educadores dos municípios de Santa Cruz do Capibaribe, Brejo da Madre de Deus, Jataúba e Poção. O objetivo foi analisar a perspectiva dos professores sobre a EA, visando compreender como o contexto local é tematizado em suas práticas, bem como as dificuldades e possibilidades encontradas na sua realização. Para atendermos aos objetivos da pesquisa, utilizamos uma abordagem qualitativa, tendo a observação participante e a entrevista semiestruturada como procedimentos de coleta de dados. A análise dos resultados foi orientada pela Análise Textual Discursiva e nos permite destacar aspectos diversificados da atuação docente, tais como: quem são os sujeitos das ações de EA; como se concretiza a EA no espaço interno e externo à escola; que temáticas são mais recorrentes; o que motiva e o que fragiliza o desenvolvimento de ações de EA na escola. Os resultados também apontam para diversas pedras no caminho, refletidas na falta de apoio da direção/coordenação escolar, na rigidez da organização do currículo, no trabalho solitário, na carência de fontes de informação e de logística. No entanto, mesmo diante dessas dificuldades, os professores sustentam seus ideais e buscam motivações na sua história de vida e no cotidiano para sua constituição como educadores ambientais e afirmação das práticas de EA no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação ambiental; Ensino; Educação básica.

ABSTRACT

This research investigates Environmental Education (EE) developed in the school space based on the experience narrated by environmental educators from Alto Capibaribe in Semi-arid of Pernambuco. It counted with the collaboration of eleven educators from the municipalities of Santa Cruz do Capibaribe, Brejo da Madre de Deus, Jataúba and Poção. The objective was to analyze the teachers' perspective on the EE practices developed in the school, aiming to understand how the local context is thematized, as well as the difficulties and possibilities faced by these environmental educators. To meet the research objectives, we use a qualitative approach, having the participant observation and the semi-structured interview as data collection procedures. The analysis of the results was oriented by Discursive Textual Analysis and allows us to highlight diversified aspects of the performance of the teacher, such as: who are the subjects of EE's actions; how EE materializes in the internal space and external to the school; which themes are more recurring; what motivates and what weakens the development of EE actions in the school. The results also point to several rocks in the path, reflected in the lack of support of the management / school coordination, rigidity of the organization of the curriculum, in solitary work, lack of sources of information and logistics. However, even in the face of these difficulties, the teachers stand firm in their ideas and seek motivations in their life history and in the routine, for their constitution as environmental educators and affirmation of their EE practices in the school context.

Key-words: Environmental education; Teaching; Basic education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Percurso da Pesquisa	29
Figura 2. Distribuição dos educadores ambientais e suas respectivas instituições de ensino. .	31
Figura 3. Oficina de produção das Cartilhas Autorais.....	42
Figura 4. As Cartilhas Autorais	44
Figura 5. Análise das convergências e divergências	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Instituição educativa, localização e nível de ensino ofertado – Santa Cruz do Capibaribe (PE).	30
Quadro 2 - Instituição educativa, localização e nível de ensino ofertado – Brejo da Madre de Deus (PE).....	30
Quadro 3 Instituição educativa, localização e nível de ensino ofertado – Jataúba (PE)	31
Quadro 4 Instituição educativa, localização e nível de ensino ofertado – Poção (PE).....	31
Quadro 5 - Temas e subtemas citados pelos professores.....	41
Quadro 6.Exemplo de constituição de unidade de significado (US).....	48
Quadro 7. Foco de análise e categorias	49
Quadro 8. Reagrupamento das categorias	50

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANE	Associação Águas do Nordeste
CFC	Centro de Formação de Condutores
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental
EA	Educação Ambiental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EREM	Escola de Referência do Ensino Médio
GEPES	Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Sustentabilidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JEPEX	Jornada de Ensino Pesquisa e Extensão
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MMA	Ministério do Meio Ambiente
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNMA	Política Nacional do Meio Ambiente
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PRONEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
SCC	Santa Cruz do Capibaribe
SESCOOP	Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)
US	Unidades de Significado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	14
1.1 A CRISE ECOLÓGICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO INTERNACIONAL	14
1.2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO BRASILEIRO	18
1.3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA DO EDUCADOR AMBIENTAL	20
2. O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	25
2.1 A PESQUISA QUALITATIVA	25
2.2 A ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA	25
2.3. OS PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	27
2.4. OS SUJEITOS E AS ESCOLAS	30
2.4.1. OS EDUCADORES AMBIENTAIS	32
2.4.2. AS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS	35
2.5. ENCONTROS E DIÁLOGOS COM OS EDUCADORES AMBIENTAIS	40
2.5.1. Acompanhando a produção das cartilhas autorais.....	40
2.5.2. As entrevistas e o processo de análise	44
4 COMPREENSÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE EDUCADORES AMBIENTAIS DO ALTO CAPIBARIBE.....	52
4.1 QUEM FAZ	52
4.2 COMO SE FAZ	56
4. 3 TEMAS	65
4.4 AS PEDRAS NO CAMINHO	71
4.5 O CONFORTO E MOTIVAÇÃO	78
4.6 INFLUÊNCIAS E ENGAJAMENTOS	80
4.7 AS EXPECTATIVAS	86
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

Esta investigação foi desenvolvida no Alto Capibaribe, uma microrregião do Semiárido pernambucano, e contou com a participação de sujeitos que se encontravam à época de sua realização engajados em um projeto de educação ambiental (EA), que buscava motivá-los a trabalhar com questões ambientais que são prementes no mundo todo e, em particular, nessa microrregião, questões ligadas principalmente à escassez hídrica do lugar, situação crítica que o Alto Capibaribe vem vivenciando nos últimos anos.

Os colaboradores desta pesquisa são professores com diferentes formações acadêmicas, que trabalham com a EA há algum tempo, através de seus engajamentos em projetos vivenciados na microrregião, além de seus próprios projetos desenvolvidos dentro do ambiente escolar.

No momento desta pesquisa, a pesquisadora e os colaboradores estavam envolvidos em uma atividade de EA intitulada *Produção de Cartilhas Autorais nas Escolas*. A atividade foi desenvolvida no âmbito do Projeto Águas de Areias¹, patrocinado pela Petrobras, através do Programa Petrobras Socioambiental e realizado pela Organização Não Governamental (ONG) Associação Águas do Nordeste (ANE) em parceria com universidades e outras instituições².

Vale esclarecer que desde 2011 a pesquisadora vivenciou vários projetos de formação docente em educação ambiental e acompanhou o desenvolvimento de ações educativas promovidas por professores e educadores da educação básica nesta região, através de atividades extensionistas, como foi o caso do *Programa Capivara de educação socioambiental na bacia do Capibaribe*³, um projeto coordenado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

¹O Projeto Águas de Areias objetiva contribuir para a recuperação ambiental e gestão dos mananciais de água de aluvião no Alto Capibaribe, visando a sustentabilidade hídrica das populações rurais situadas na região do Semiárido pernambucano. Esse projeto é dividido em quatro eixos, sendo a EA tema transversal dentro dos mesmos.

² A Associação Águas do Nordeste (ANE) é uma organização não governamental e, conforme seu Estatuto, tem a missão de contribuir para o conhecimento, a conservação e a gestão das águas na Região Nordeste do Brasil.

³ O Programa Capivara de educação socioambiental na bacia do Capibaribe foi uma ação de extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco financiada pelo Ministério da Educação (MEC), através do Programa de Extensão Universitária (PROEXT) durante os anos de 2011 e 2013. Teve por objetivo dinamizar espaços democráticos de formação, educação e comunicação socioambiental, com reflexos na formação acadêmica, na produção de conhecimentos e na educação escolar e comunitária.

Além da inserção no Programa Capivara, este trabalho também se beneficiou das discussões e reflexões sobre a EA realizadas no âmbito do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Sustentabilidade (GEPES) da UFRPE, que desde 2011 promove diversas discussões voltadas para a EA, com o foco de pesquisas em processos e práticas de ambientalização curricular.

Sendo assim, diante de nossa⁴ trajetória voltada para o desenvolvimento de ações de EA na microrregião do Alto Capibaribe, lançamos nossos olhares para alguns contextos educacionais situados nessa microrregião, na tentativa desenvolver compreensões relacionadas aos significados da EA que é desenvolvida na escola, através da análise de narrativas de um grupo de onze professores da educação básica, de quinze escolas situadas em quatro municípios pernambucanos, a saber: Santa Cruz do Capibaribe (SCC), Brejo da Madre de Deus, Jataúba e Poção.

Queremos salientar que, ao longo desse trabalho, os professores participantes também são chamados de *educadores ambientais*, fazendo menção à ideia de um profissional que assume uma posição baseada em um ideário ecológico e desenvolve suas práticas direcionadas para a EA (CARVALHO, 2008a). Nesta perspectiva teórica, ser *educador ambiental* evoca o modo de ser do *sujeito ecológico* descrito por Carvalho (2008a), o qual está relacionado à adoção de um estilo de vida ecologicamente orientado. Segundo a autora, o conceito de sujeito ecológico pode também ser entendido como um ideal ou uma utopia internalizada pelos indivíduos ou pessoas que adotam uma orientação ecológica em suas vidas. Logo, adiantamos que nessa investigação, os participantes da pesquisa serão tratados ora como professores, ora como educadores ambientais.

Desse modo, propomos uma compreensão da EA na escola a partir do olhar dos professores, pois são eles os sujeitos que podem falar da sua constituição como educadores ambientais, bem como das experiências que vivenciam dentro e fora da escola. Dessa forma, optamos por tomar os educadores ambientais como intérpretes de seus contextos educativos, ao mesmo tempo em que eles próprios serão por nós interpretados (CARVALHO, 2008a).

De forma mais específica, buscamos também analisar: (1) as perspectivas dos professores sobre suas práticas de EA na escola; (2) as formas pelas quais o contexto local é temati-

4 Ao longo da dissertação é empregada a primeira pessoa no plural para designar um texto que foi concebido a partir de muitos diálogos e conversações. Não se trata aqui de um plural de modéstia ou majestático que poderia sugerir uma tentativa de esconder a individualidade da autora que escreve. Ao contrário, o “nós”, neste trabalho, tem o sentido de expressar um pensamento que se construiu a muitas mãos.

zado nas atividades de EA; e (3) as potencialidades e fragilidades que a EA encontra no espaço escolar.

O trabalho está organizado em três seções, como segue:

- **Primeira seção** – apresentação da fundamentação teórico-metodológica da pesquisa. Encontra-se dividida em três tópicos, sendo eles: inicialmente é apresentada uma discussão sobre a temática ambiental no contexto internacional, fazendo-se um apanhado dos principais eventos que culminaram na criação da EA; o segundo tópico traz um pouco da trajetória da EA no contexto brasileiro, comentando principalmente as recomendações para a inserção da EA no ambiente educativo; e o terceiro tópico versa sobre a educação ambiental como prática do educador ambiental na escola.
- **Segunda seção** – é apresentado o percurso metodológico, com uma breve fundamentação sobre a pesquisa qualitativa e a análise textual discursiva (ATD) empregada, o desenho da pesquisa e os procedimentos utilizados para a coleta de dados, bem como a caracterização dos sujeitos e das instituições de ensino envolvidas. Nesta seção também é situado o contexto particular de produção da pesquisa que inclui o processo de desenvolvimento das cartilhas autorais de educação ambiental e a realização das entrevistas com professores;
- **Terceira seção** – são apresentadas as compreensões da educação ambiental desenvolvidas em escolas do Alto Capibaribe. Esta seção encontra-se organizada em sete tópicos, a saber: quem faz; como se faz; temas; pedras no caminho; conforto e motivação; influência e engajamentos; e as expectativas.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, as referências que orientaram teórica e metodologicamente este trabalho e quatro apêndices que informam o roteiro das questões que nortearam as entrevistas; as entrevistas transcritas na íntegra; o Termo Esclarecido de Livre Consentimento e o Quadro Geral das categorias e unidades de significado destacadas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1 A CRISE ECOLÓGICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO INTERNACIONAL

A temática ambiental aparece na sociedade moderna mediante diversos questionamentos, que culminaram em insatisfações relacionadas com a grande busca pelo desenvolvimento a qualquer custo, sentimento que tomou conta da sociedade ocidental durante o século XX. Esse tipo de desenvolvimento gerou inúmeras perturbações no ambiente, que serviram de pontapé inicial para o surgimento de manifestações que buscavam discutir a respeito dos rumos que a concepção de desenvolvimento estava nos conduzindo, deflagrando/revelando assim, uma crise ambiental ou, como também pode ser chamada, uma crise ecológica.

Essa crise se reflete nas relações da sociedade com a natureza, e nas relações sociais que condicionam as formas de acesso e distribuição dos recursos deste planeta. Nesse contexto de crise, a noção de pertencimento à natureza sai de cena, e abre um caminho para uma reapropriação conceitual desta, que encontrou no racionalismo, empirismo e mecanicismo a noção de “natureza-máquina”, que estava sempre disponível a servir, a qualquer custo, às necessidades da produção capitalista, em busca do progresso (FIGUEIRÓ, 2011).

Com esse olhar voltado para o progresso, por volta de 1945, o mundo começa a enxergar as consequências devastadoras do modelo de desenvolvimento instaurado na sociedade moderna. Neste mesmo ano, as cidades de Hiroshima e Nagasaki se viram condenadas a viver sob os efeitos devastadores alcançados pela explosão da bomba atômica. Posteriormente, na década de 50, a cidade de Londres amanhece debaixo de uma grande névoa de fumaça decorrente das atividades industriais que, conseqüentemente, afetou a saúde dos londrinos.

Diante desses acontecimentos, Czapski (1998) afirma que data da década de 50 os primeiros sintomas da crise ambiental, acompanhada dos grandes impactos gerados com a Revolução Industrial. No entanto, Marcatto (2002) afirma que os problemas ambientais não passaram a existir somente após a Revolução Industrial. Mas acrescenta que é inegável que os impactos da ação dos seres humanos se ampliaram violentamente com o desenvolvimento tecnológico e com o aumento da população mundial provocados por essa Revolução.

Nesse clima de grande crise instaurada, Rachel Carson, em 1962 aparece com a publicação de sua grande obra, *Primavera Silenciosa*, publicação que veio instigar novos olhares para o curso da história de nosso planeta, tornando-se assim um grande marco para as denún-

cias referentes aos rumos que a sociedade moderna, com toda a sua sede pelo desenvolvimento a qualquer custo, estava nos levando.

Diante desse cenário, começam a ocorrer diversas manifestações com a participação de vários países, na tentativa de promover discussões ligadas à crise ambiental. Assim, diante dessa crise, surge à preocupação de organizar eventos internacionais para discutir questões relacionadas à preservação do meio ambiente.

Em 1972 o Clube de Roma publica o relatório *Os Limites do Crescimento*, que traz algumas previsões pessimistas referentes ao futuro de nossa sociedade, mediante o modelo exploratório presente na mesma (MARCATTO, 2002). Neste mesmo ano, acontece em Estocolmo, Suécia, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano. Realizada pela ONU, essa conferência se tornou um marco histórico político internacional, e estabeleceu um plano internacional de educação ambiental (DIAS, 1998), onde a EA é vista como uma forma de enfrentar uma crise global, na busca de promover uma educação voltada para a defesa do meio ambiente (MARCATTO, 2002).

Dessa forma, outras reuniões em nível internacional foram acontecendo, na busca de promover discussões sobre a EA. Em 1975 ocorre um encontro internacional de EA, o “The Belgrado Workshop on Environmental Education”, promovido pela UNESCO, onde foram elaborados princípios e orientações para um programa internacional de Educação Ambiental, o que hoje se conhece como a *Carta de Belgrado* (DIAS, 1998).

Sob a organização da UNESCO em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), ocorre a Conferência Intergovernamental sobre a Educação Ambiental (1977), em Tbilisi, na Geórgia. Nessa ocasião foi estabelecido o *Programa Internacional de Educação Ambiental* (DIAS, 1998). Essa conferência é considerada um dos eventos mais importantes voltados para os rumos da EA a nível mundial (GRÜN, 1996), onde em sua declaração, podem ser encontrados os objetivos, funções, estratégias, características e recomendações para a EA.

Assim, com a finalidade de analisar o que foi conquistado e as diversas dificuldades enfrentadas pela EA desde Conferência de Tbilisi, em 1987 foi realizado em Moscou o Congresso Internacional da UNESCO-PNUMA sobre Educação Ambiental (DIAS, 1998).

Além de realizar uma avaliação sobre os caminhos trilhados pela EA, o congresso em Moscou também buscou traçar metas para a década de 90, considerando o âmbito mundial da EA, na busca da compreensão, prevenção e resolução de problemas ambientais, objetivando mudanças comportamentais de ordem cognitiva e afetiva (SORNBERGER *et al*, 2014).

Em 1983 é criada a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, comissão presidida pela primeira ministra da Noruega, Sra. Gro Harlem Brundtland. Essa comissão tinha o objetivo de pesquisar os problemas ambientais em uma perspectiva global. O relatório elaborado pela comissão, Relatório de Brundtland, busca apontar uma conciliação entre a conservação da natureza e o crescimento econômico, esse relatório serviu de preparo de terreno para a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, a Eco-92, que veio ocorrer na década de 90 na cidade do Rio de Janeiro (GRÜN, 1996).

Alguns dos principais documentos produzidos na Eco-92, foram: Carta de Terra, que apresenta declaração de princípios para a Eco-92; Agenda 21, que consiste em um plano de ação mundial, que vem tratar da EA e define algumas de suas áreas prioritárias; Convenção das Mudanças Climáticas, que veio discutir a emissão de gases poluentes na atmosfera; e a Convenção da Biodiversidade (CZAPSKI, 1998).

Entre esses documentos, destaca-se a Agenda 21, a qual consiste em um programa de ações recomendado a todos os países, os quais terão a incumbência de criar suas agendas e pôr em prática durante o século 21. O seu capítulo 36 refere-se à educação que se propõe em um esforço global para fortalecer atitudes, valores e ações que sejam ambientalmente saudáveis e que apoiem o desenvolvimento sustentável por meio da promoção do ensino, da conscientização e do treinamento (BRASIL, 2004).

Concomitantemente à Eco-92, ocorreu o Fórum Internacional de Organizações Não-Governamentais e Movimentos Sociais, evento também sediado na cidade do Rio de Janeiro, que contou com a participação de ambientalistas, sindicalistas, representantes de nações indígenas e Organizações Não Governamentais (ONG's) de todas as partes do mundo (MARCATTO, 2002). Nesse encontro ocorreu à formulação do *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*, documento que veio reforçar a importância da EA na promoção da preservação dos recursos naturais (SORNBERGER *et al*, 2014).

Em 1997 ocorre a Conferência Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Consciência Pública para a Sustentabilidade. Evento organizado pela UNESCO, sediado em Thessaloniki, Grécia. Esse evento é considerado o segundo de maior importância para a Educação Ambiental ocorrido na década de 90, sendo a Eco-92 considerada o primeiro.

Algumas declarações podem ser destacadas do documento produzido, a *Declaração de Thessalonik*: governos e líderes mundiais deem à Educação os meios necessários para a busca de uma futura sustentabilidade; apoio as escolas para que as mesmas formulem seus currícu-

los em busca de um futuro sustentável; a inclusão de temáticas relacionadas com o meio ambiente e desenvolvimento sustentável em todas as áreas temáticas da escola; contribuição de todos para a efetivação do capítulo 36 da *Agenda 21* (SORNBERGER *et al*, 2014).

Em 2002 ocorre a Conferência Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+10), sediada na cidade de Joanesburgo, África do Sul. O evento foi realizado grande apreensão, uma vez que, poderia representar um estímulo para o fortalecimento do processo educativo articulado à sustentabilidade. No entanto, as principais discussões que se formaram em torno da sustentabilidade foram direcionadas para uma tendência economicista, vinculadas com as ecotecnologias, direcionando-se assim para discussões voltadas para um desenvolvimento capitalista (LAYRARGUES, 2012).

Ainda nos anos 2000, ocorre a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, sediada no Rio de Janeiro (Brasil), conhecida como a RIO +20. A realização dessa conferência marcou vinte anos da Conferência Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92). Na visão de Layrargues (2012), Rio +20 ficou aquém do esperado, uma vez que o mesmo foi marcado pelo predomínio de discussões direcionadas para a economia verde, enquadrando o meio ambiente às lógicas do mercado.

Assim, diante dos acontecimentos ao longo da história, pode-se perceber que as discussões referentes às questões ambientais começaram a surgir devido a mudanças ocorridas no mundo. Mudanças essas que surgiram principalmente diante de uma visão crítica frente à industrialização desenfreada, que trouxe consequências graves para todas as formas de vida no planeta, através da crescente necessidade de apropriação dos recursos naturais, determinando amplas e profundas mudanças nas relações ecológicas, culturais, sociais e econômicas (JARDIM, 2009).

Dessa forma, o surgimento da educação ambiental sofreu várias influências dos acontecimentos e discussões ocorridas durante os encontros e conferências internacionais ocorridas no mundo todo, discussões essas que tinham o objetivo de proporcionar reflexões sobre os rumos que o desenvolvimento acelerado estava nos conduzindo.

No contexto mundial, diante de tantos acontecimentos, a EA surge na tentativa de buscar uma compreensão maior para as relações que se estabeleceram na sociedade moderna. Ou seja, a EA surge com o “intuito de (re) discutir a relação natureza-sociedade, o que denuncia uma crise de conhecimento, política e educativa, a qual, por sua vez, implica a busca de um novo saber ambiental” (MORALES, 2009, p 160).

O saber ambiental é caracterizado como a construção de uma nova racionalidade ambiental que emerge da exclusão gerada pelo desenvolvimento, um pensamento que busca res-

significar as concepções de progresso, desenvolvimento e crescimento, buscando uma racionalidade baseada na reflexão sobre a construção do mundo atual, por meio do campo da produção do conhecimento, da política e das práticas educativas (LEFF, 2011).

1.2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO BRASILEIRO

No Brasil, a EA começa a aparecer como prática educativa durante a década de 80. Carvalho (2008a) nos diz que é na década de 80 que a EA passa a ganhar visibilidade no país, aparecendo em um período de nossa história que pode ser caracterizado como de “abertura política”, no qual os movimentos sociais viriam a ser os protagonistas da mudança social. Nesse período, as ações ecológicas se fortalecem e abrem um caminho para a construção de identidade social voltada para práticas ligadas ao meio ambiente.

É nessa década que a EA começa a ser institucionalizada através de políticas públicas, primeiramente através da Lei Federal Nº 6.938/81, que estabelece a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), e que objetiva a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, atendido em seu princípio X, a EA em todos os níveis de ensino, objetivando a capacitação para a participação ativa na defesa do meio ambiente (BRASIL, 1981).

Ainda na década de 80, a Constituição de 1988 traz em seu artigo 225, o qual nos diz que “todos tem o direito ao meio ambiente equilibrado”, para assegurar a efetividade desse direito, incube ao Poder Público promover a EA em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente (BRASIL, 1988).

Assim, podemos notar que a EA no Brasil surge primeiramente com característica não formal, através de sua institucionalização ligada a formulações de políticas ambientais, e foi fortemente influenciada pelos movimentos ecológicos que emergiram na década de 80. Carvalho (2001) nos fala que a EA se situa na confluência dos campos ambiental e educativo, porém, a mesma não emergiu das teorias educacionais, o que implica estar mais relacionada “aos movimentos ecológicos e ao debate ambientalista do que propriamente ao campo educacional e à teoria da educação”.

Apenas a partir de 1994 é que a EA começa a ser inserida em políticas educacionais propriamente ditas, nascendo assim uma EA no contexto formal de ensino, sendo incorporada nas práticas educativas. Neste ano foi criado o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), que se constitui em um documento elaborado através de uma parceria entre o

Ministério do Meio Ambiente (MMA) e o Ministério da Educação (MEC), e que apresenta as diretrizes, princípios, objetivos e linhas de ação para a EA no país. A formulação do documento caracterizou-se como um avanço significativo para a institucionalização da EA, pois buscou incentivar uma nova relação entre o ser humano e a natureza, através de uma compreensão integrada do meio ambiente (MORALES, 2009).

Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) incorporaram a temática ambiental como tema transversal. Esse é um documento desenvolvido pelo MEC e que busca fornecer orientações para as escolas, como um instrumento de apoio às discussões pedagógicas na escola, na elaboração de projetos educativos, no planejamento de aulas e na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático (BRASIL, 1997).

Os chamados “temas transversais” estabelecem que temáticas relacionadas com a ética, saúde, orientação sexual, pluralidade cultural e meio ambiente, sejam discutidos na escola através da abordagem dos diversos olhares das disciplinas escolares (MARCATTO, 2002):

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais os conteúdos de Meio Ambiente foram integrados às áreas, numa relação de transversalidade, de modo que impregne toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, crie uma visão global e abrangente da questão ambiental, visualizando os aspectos físicos e histórico-sociais, assim como as articulações entre a escala local e planetária desses problemas. Trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, a explicitação de valores e a inclusão de procedimentos, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participantes. (BRASIL, 1997, p.193)

Em 1999 foi publicada a Lei n. 9795/99, a qual instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), regulamentada pelo Decreto 4.281/02. No seu cujo artigo 1º define educação ambiental como sendo “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimento, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente”. Em seu artigo 2º, a PNEA nos diz que a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal (BRASIL, 1999).

Mais de uma década depois, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA) instituída pela Resolução Nº 02/2012 do Conselho Nacional de Educação (CNE), visando orientar o planejamento curricular da EA nas instituições e sistemas de ensino, em todos os níveis e modalidades. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) são regras obrigatórias e estão previstas na Lei de Diretrizes de Bases da Educação

Nacional (LDB), Lei Nº 9.394/96, em seu artigo 9º, inciso IV, quando atribui à União a incumbência de estabelecer diretrizes que nortearão os currículos escolares.

Dessa forma, Silva (2013) ao realizar uma análise da questão ambiental no campo educativo formal, afirma que a institucionalização desta ocorreu através de políticas ambientais e curriculares direcionadas, como por exemplo, os PCN e as DCN. Dessa forma, a autora pontua que nessa situação, a EA parte de um currículo para que possa “modificar” a escola e seu entorno, apresentando o professor como o principal agente desencadeador desse processo.

No entanto, novos rumos para a EA na escola vão surgindo, aparecendo agora uma tentativa de promover a mobilização, não só dos professores, como também de outros membros participantes da comunidade escolar (alunos, gestores, funcionários), através do Com-vida e das Escolas Sustentáveis (SILVA, 2013).

Essa visão pautada na participação de múltiplos atores no processo educativo possibilita a escola cumprir o seu papel educacional e social, principalmente através de ações socioambientais que possam contribuir na formação de sujeitos capazes de compreender o mundo que os cerca.

A educação ambiental cumpre papel importante quando se consideram processos de transformação socioambientais capazes de ressignificar tempos e espaços escolares. Ela favorece a participação de múltiplos atores no processo educativo e aponta outros percursos possíveis a serem trilhados pela escola e comunidade com a adoção de princípios e práticas sociais sustentáveis.

Os eventos e documentos supracitados apontam para o crescente processo de institucionalização da EA no campo educacional e mostram que a educação ambiental vem sendo apreciada como uma ação educativa que deve permear, de forma transversal e interdisciplinar, o processo de ensino e aprendizagem, articulando o conjunto de saberes, formação de atitudes e sensibilidades ambientais.

1.3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁTICA DO EDUCADOR AMBIENTAL

Diante dos debates voltados para a questão ambiental e com o surgimento da educação ambiental no contexto internacional e brasileiro, podemos considerar que tais discussões além de apresentarem repercussões voltadas para a construção da EA, também repercutiram e influenciaram na vida de pessoas que passaram a assimilar em suas práticas diárias um tipo de comportamento tido como “ambientalmente correto”.

Cada pessoa a que me refiro no parágrafo acima pode ser entendida como um sujeito que assume uma identidade voltada para a militância em prol do meio ambiente, quando este incorpora ideais e práticas ambientais em suas atividades diárias.

Esse modo de ser e de viver constitui o perfil do que se pode designar de “sujeito ecológico” (CARVALHO, 2004). O sujeito ecológico é adepto de crenças e valores voltados para um jeito ecológico de ser na sociedade. Corresponde a um ideal de ser e viver, e que adota decisões que vão sendo incorporadas em seu cotidiano, através de atitudes e comportamentos ecologicamente orientados (CARVALHO, 2008a).

Nesse contexto se encaixam os educadores ambientais, como sendo sujeitos ecológicos que através de várias experiências de vida assumem uma militância em favor do meio ambiente, militância essa que acaba muitas vezes influenciando na profissionalização e nas práticas desses sujeitos (CARVALHO, 2008a). Assim, diante do exposto, partimos da ideia de que a EA é enxergada como a ação do sujeito ecológico, sendo nesse caso, professores que assumem uma identidade de educador ambiental.

Assim, acreditamos que o educador ambiental ao assumir sua identidade, traz consigo diversas experiências que são assimiladas, e aos poucos vão fazendo parte dessa identidade. No entanto, a identidade de educador ambiental deve ser entendida como um processo em andamento, e não pode ser vista como algo acabado e definitivo, uma vez que constantemente nos comportamos como seres que influenciam e podem ser influenciados em uma sociedade.

Em relação ao processo de constituição da identidade dos educadores ambientais, Sampaio e Wortmann (2014, p.229) afirmam que:

(...) não estamos supondo que os processos de constituição identitária dos educadores ambientais sejam evolutivos e lineares e que culminem na produção de identidades definitivas e homogêneas. Estamos entendendo que essas identidades se organizam como arranjos provisórios, como se fossem contingentes cruzamentos de muitas vias, que não são, no entanto, aleatórios, visto que a sua construção envolve investimento, mas situacionais, por decorrerem da confluência de diversos fatores em determinados momentos (SAMPAIO; WORTMANN, 2014).

Nesse mesmo sentido, Carvalho (2008), também afirma que o educador ambiental não apresenta uma identidade totalizante, uma vez que sua identidade se comporta sempre como algo em movimento.

Assim, trilhando um caminho cheio de influências, o educador ambiental assume sua identidade e começa a desenvolver suas práticas. E se tratando da educação formal, através do desenvolvimento da EA, esse educador entra na escola e realiza ações a partir dos reflexos conquistados pela legitimidade da temática ambiental na sociedade (CARVALHO, 2008).

Dessa forma, a principal necessidade, ou até mesmo o ponto de partida que aponta para a inserção da EA nas instituições educativas, também faz menção aos problemas ambientais ocorridos diante da grande valorização da Ciência e da Tecnologia na sociedade moderna, bem como a influência vinda dos debates ocorridos nos encontros e conferências internacionais e nacionais em relação à temática ambiental.

Assim, diante de uma série de acontecimentos, a questão ambiental começa a penetrar nas distintas esferas sociais, produzindo um processo de “ambientalização” da escola. Esta pode ser caracterizada “tanto na emergência de questões e práticas ambientais como um fenômeno novo, quanto na reconfiguração de práticas e lutas tradicionais que se transformam ao incorporar aspectos ambientais” (CARVAHO; TONIOL, 2010, p.2). Ainda em relação à ambientalização, Leite Lopes (2006) a percebe como um processo de interiorização e formulação de novos sentidos em relação à temática ambiental, que vai sendo institucionalizada e formando novas linguagens e práticas entre diferentes grupos sociais, que visam principalmente à conservação do meio ambiente.

Diante desse processo de ambientalização, a escola começa a incorporar as questões ambientais, refletindo-se em práticas ambientalmente orientadas. No entanto, como já mencionado anteriormente, o surgimento da educação ambiental ligada às políticas ambientais e, esse fato, somado às grandes influências que a EA brasileira herdou dos debates internacionais, caracterizados em sua maioria por discursos ligados à conservação dos recursos naturais, estimula a EA Conservadora, voltada para o desenvolvimento de ações de conservação do solo, água, energia, entre outros. Essa abordagem de EA, segundo Guimarães (2004), é fundamentada na visão fragmentada da realidade, focada no indivíduo e em práticas pedagógicas comportamentalistas. O referido autor ainda pontua algumas das características que esse tipo de prática tenta promover, sendo elas:

[...] o aspecto cognitivo do processo pedagógico, acreditando que transmitindo o conhecimento correto fará com que o indivíduo compreenda a problemática ambiental e que isso vá transformar seu comportamento e a sociedade; o racionalismo sobre a emoção; sobrepor a teoria à prática; o conhecimento desvinculado da realidade; a disciplinaridade frente à transversalidade; o individualismo diante da coletividade; o local descontextualizado do global; a dimensão tecnicista frente à política; entre outros (GUIMARÃES, 2004, p.28).

No entanto, diante da crise ambiental instaurada percebe-se a necessidade da construção de uma EA voltada para a participação social, para que a coletividade possa intervir nas

decisões e rumos a serem tomados, na perspectiva de chegar a uma sustentabilidade ambiental, deixando apenas de nos preocuparmos com ações pontuais e conservacionistas.

Assim, com o passar do tempo, outras formas de práticas de EA vão aparecendo, desenvolvendo-se uma educação socioambiental, que serviu como um grande campo para o nascimento de outras abordagens. Nessa perspectiva surge a EA Crítica que, segundo Carvalho (2004), busca a formação do sujeito enquanto ser individual e social, historicamente situado. A EA baseada numa perspectiva crítica se pauta em ações pedagógicas que buscam superar a mera transmissão de conhecimentos e comportamentos “ecologicamente corretos” (GUIMARÃES, 2004), buscando desenvolver uma prática social que possa vincular os processos ecológicos aos sociais, possibilitando ao sujeito intervir e participar das transformações em sua realidade (LOUREIRO, 2007).

Assim, diante da discussão levantada em relação à EA Conservadora e à EA Crítica, faz-se necessário um olhar atento para dentro das escolas para refletirmos sobre como esta tem se organizado e encontrado condições para sua realização no interior dos espaços escolares, nem sempre condiz com as recomendações de EA construídas durante anos de debates realizados principalmente durante as conferências internacionais e defendidas em documentos de políticas públicas e de movimentos sociais que acerca da emergência e da importância da inserção da educação ambiental através de uma perspectiva crítica e socioambiental.

Em particular, olhando para o contexto brasileiro e para os documentos e recomendações produzidas para a EA na escola, vemos a necessidade de repensar o currículo, o espaço físico, a gestão, as relações com as comunidades do entorno, com o ambiente do bairro e da cidade, para que se criem as condições apropriadas para a inserção da EA no cotidiano escolar. É preciso olhar criticamente para dentro dessa instituição que está impregnada de regras que quase sempre tem dificultado o trabalho interdisciplinar e engajado nas problemáticas socioambientais, e conseqüentemente, o desenvolvimento da EA que se aproxime de uma perspectiva crítica.

A interdisciplinaridade trata de uma proposta que visa superar a excessiva especialização disciplinar surgida da racionalidade científica moderna, na tentativa de buscar uma nova organização do conhecimento, e que possa responder melhor aos problemas da sociedade (GONZÁLEZ-GAUDIANO, 2005). Assim, a interdisciplinaridade busca a articulação entre as ciências naturais, sociais e exatas, na perspectiva de superar a grande especialização do conhecimento (JACOBI, 2005).

Dessa forma, na prática educativa, a interdisciplinaridade requer uma mudança na forma de ensinar e aprender, através da construção de novas metodologias, reestruturação dos

conteúdos curriculares (CARVALHO, 1998). Nesse sentido, os educadores ambientais têm, nas ações e nos projetos interdisciplinares, a expectativa de mudança de todo o processo de formação de sujeitos capazes de interferência social (GUIMARÃES *et al*, 2012).

Outro desafio lançado a essa proposta está relacionado à forma de olhar o ambiente, ou melhor dizendo, as lentes que usamos para decodificar a realidade. Nesse sentido, Carvalho (2008a, p. 122), afirma que:

Trata-se de um combate ao mesmo tempo externo e interno, no qual a reorganização das áreas e das formas de relacionar os conhecimentos corresponde à reestruturação de nossa própria maneira de conhecer e nos posicionar perante o conhecimento, desfazendo-nos dos condicionamentos históricos que nos constituem. Trata-se de mudarmos as lentes e sejamos capazes de novas leituras do real.

Nesse sentido, se faz necessário olhar os educadores ambientais como intérpretes de seus contextos, buscando ao mesmo tempo interpretar as suas experiências, visto que o nosso ambiente está constantemente sendo lido e relido por nós (CARVALHO, 2008).

É nessa perspectiva que esse trabalho se insere, na tentativa de compreendermos como os educadores ambientais participantes dessa investigação compreendem seus contextos educacionais, promovermos reflexões a cerca desses contextos.

2. O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

2.1 A PESQUISA QUALITATIVA

A presente investigação trata de uma pesquisa qualitativa, sendo esta constituída por um modo de investigação que busca desenvolver uma reflexão em torno do objeto em estudo, na tentativa de compreendê-lo em um determinado contexto histórico. Chizzotti (2003) afirma que o termo “qualitativo” utilizado nessa modalidade de pesquisa traz consigo a necessidade de um convívio e envolvimento com pessoas e contexto local, com o objetivo de extrair significados que o objeto em estudo pode nos revelar.

Os significados obtidos através da investigação qualitativa podem ser compreendidos mediante a formulação de interrogações feitas aos sujeitos pertencentes a um determinado contexto, que por meio da expressão de suas experiências vem nos revelar os significados referentes ao fenômeno investigado. Dessa forma, a pesquisa qualitativa se propõe a compreender e encontrar o sentido dos fenômenos, e ainda buscar os significados que as pessoas dão aos mesmos (CHIZZOTTI, 2003).

Trata-se de um processo analítico-reflexivo de uma determinada realidade, que utiliza certos métodos e técnicas com o objetivo de obter uma compreensão do objeto em estudo. Os métodos e técnicas utilizados nessa modalidade de pesquisa podem ser aplicação de questionários, entrevistas, observações e análise de dados apresentada de forma descritiva, sendo esta recomendável desde a definição do objeto de estudo, delimitação do lugar, tempo, revisão de literatura e coleta de dados (OLIVEIRA, 2012).

Sendo assim, buscando atender os objetivos que norteiam este trabalho, optamos pela pesquisa qualitativa, por acreditarmos que tal modalidade se constitui em uma maneira de olhar nosso objeto em estudo, na busca de compreendê-lo.

2.2 A ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

A metodologia utilizada para chegar à compreensão dos significados a qual esta investigação se propõe foi a Análise Textual Discursiva (ATD), um processo de análise qualitativa

ancorada em três elementos, *unitarização*, *categorização* e *comunicação*, os quais constituem um ciclo (MORAES; GALIAZZI, 2006).

A *unitarização* é a primeira fase da análise. Para dar início a esta fase, o pesquisador necessita definir o *corpus* da pesquisa, conjunto de textos, documentos, que serão analisados na investigação (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Nesse trabalho, o *corpus* da análise foi produzido durante a pesquisa, e corresponde às transcrições de entrevistas realizadas com os professores, os registros de observações realizadas durante a participação dos educadores no projeto de produção das cartilhas autorais, anotações realizadas no caderno de campo e outros trabalhos de pesquisas relacionadas com a EA no Alto Capibaribe.

Após a definição do *corpus* a ser analisado, inicia-se o processo de desconstrução do texto, *unitarização*, na perspectiva de perceber os sentidos dos textos, o que irá resultar nas unidades de significado (US). As US correspondem a trechos que apresenta sentido pertinentes aos objetivos de pesquisa, e que são destacados no texto (MORAES; GALIAZZI, 2006).

O segundo momento do ciclo de análise tem o objetivo de estabelecer relações entre as US anteriormente construídas, culminando no processo de categorização (MORAES; GALIAZZI, 2006).

As categorias podem ser construídas através do método dedutivo, construção das categorias antes da análise do *corpus*, através do método indutivo, construção das categorias através das informações contidas no *corpus*, e através do método intuitivo, construir as categorias através da intuição (MORAES; GALIAZZI, 2006). Nesse trabalho, as categorias foram construídas através do método indutivo.

A construção das categorias também pode ser feita *a priori*, antes de realizar a análise propriamente dita dos dados, e que provém das teorias que fundamentam o trabalho. Essa construção também pode ser feita de categorias emergentes, que são construções teóricas que o pesquisador elabora a partir das informações do *corpus*. Ou ainda, através do modelo misto de categorias, onde o pesquisador pode utilizar de categorias definidas *a priori*, que serão reorganizadas durante a análise (MORAES; GALIAZZI, 2006). Nessa investigação, as categorias foram construídas de forma emergente.

Assim, de posse das categorias definidas, chega o momento que consiste em buscar relações entre as mesmas, situação que poderá resultar na construção de metatextos, com o objetivo de chegar à compreensão do todo, fase que corresponde ao *captando o novo emergente*. Diferentes tipos de textos podem ser produzidos por meio dessa metodologia, textos

mais descritivos, mantendo-se mais próximos do *corpus* original, outros poderão ser construídos através de um maior afastamento do material original (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Assim como descrito acima, o texto segue sendo analisado de acordo com o ciclo, ocorrendo através de um processo *auto-organizado*, da qual novas compreensões emergem, diante da sequência de três passos: desconstrução dos textos que compõem o *corpus* (unitarização), estabelecimento de relações entre os elementos gerados durante o processo de unitarização (categorização) e o novo emergente que é captado através da reorganização e das relações estabelecidas entre as categorias, bem como sua comunicação e validação (MORAES; GALIAZZI, 2006).

2.3. OS PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Situada no caminho direcionado para a compreensão do fenômeno que irei percorrer durante a realização dessa pesquisa, lancei mão dos seguintes procedimentos de coleta de dados: observação participante e entrevistas.

A observação participante é um procedimento bastante valorizado nas pesquisas qualitativas, que permite ao pesquisador estabelecer uma interação com os sujeitos investigados, com objetivo de vivenciar um pouco sobre o cotidiano que pesquisado (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998). Ou seja, a observação participante vai de encontro ao meio em que os atores sociais vivem, uma vez que os dados apreendidos através das pesquisas qualitativas não podem ser considerados como algo isolado, devem ser enxergados como fenômenos que precisam ser percebidos além de suas aparências. Nessa situação, o pesquisador precisa interagir diretamente com os grupos ou pessoas pesquisadas, sempre observando e interrogando-os por meio de um constante diálogo (OLIVEIRA, 2012).

Sendo assim, a observação participante nessa investigação foi realizada através do meu envolvimento e apoio a uma das metas desenvolvidas no âmbito do Projeto Águas de Areias, a *Produção de Cartilhas Autorais nas Escolas*. Minha participação nessa atividade será melhor esclarecida no tópico 5 (O percurso da pesquisa e o olhar da pesquisadora), onde serão relatadas as ações que ocorreram durante todo o processo de produção dessas cartilhas.

Outro procedimento utilizado nessa investigação foi a realização de entrevistas. Esta se constitui em um dos recursos mais utilizados para chegar à compreensão do fenômeno. Uma vez que, através da entrevista, o pesquisador pode mergulhar na experiência vivenciada

pelo entrevistado, buscando também compreender de que forma diferentes sujeitos envolvidos em uma mesma situação vivenciam certas condições comuns a todos (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

A entrevista pode se constituir no principal procedimento de coleta de dados, ou ainda pode ser utilizada como parte integrante da observação participante. De modo geral, as entrevistas utilizadas nas pesquisas qualitativas são pouco estruturadas ou semiestruturadas, e assemelham-se muito a uma conversa direcionada a compreender os significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1988).

Durante a realização das entrevistas, é de suma importância que o entrevistador não interfira nas respostas relatadas pelo entrevistado. Nesse momento, o pesquisador precisa prestar bastante atenção ao sujeito pesquisado, limitando-se apenas em ouvir e gravar a fala deste, sem jamais direcionar algum tipo de resposta (OLIVEIRA, 2012).

Além de se posicionar atentamente durante o ato da entrevista, é de grande importância que o pesquisador conheça os locais onde residem ou trabalham os sujeitos entrevistados, e ainda estabeleça um bom relacionamento com cada um desses (OLIVEIRA, 2012). Situação essa que para mim foi facilitada, uma vez que os sujeitos e suas instituições educativas envolvidas nessa pesquisa vêm desde 2011 desenvolvendo trabalhos de educação ambiental, através de suas participações no *Programa Capivara* e no *Projeto Águas de Areias*.

Sendo assim, foram realizadas 11 entrevistas com os educadores participantes dessa investigação (o caminho trilhado durante a realização dessas entrevistas será apresentado no tópico 5).

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas logo após a finalização da coleta de dados. Ao final das transcrições foram geradas 11 narrativas nas quais os educadores puderam relatar suas experiências com a educação ambiental desenvolvida na escola.

A narrativa segundo Mendes e Vaz (2009) pode ser entendida como uma história bem contada, onde o interlocutor possui a liberdade de contar sua história como lhe prouver, caracterizando a exposição de acontecimentos presentes em uma narrativa que não está isenta de fatos intencionais.

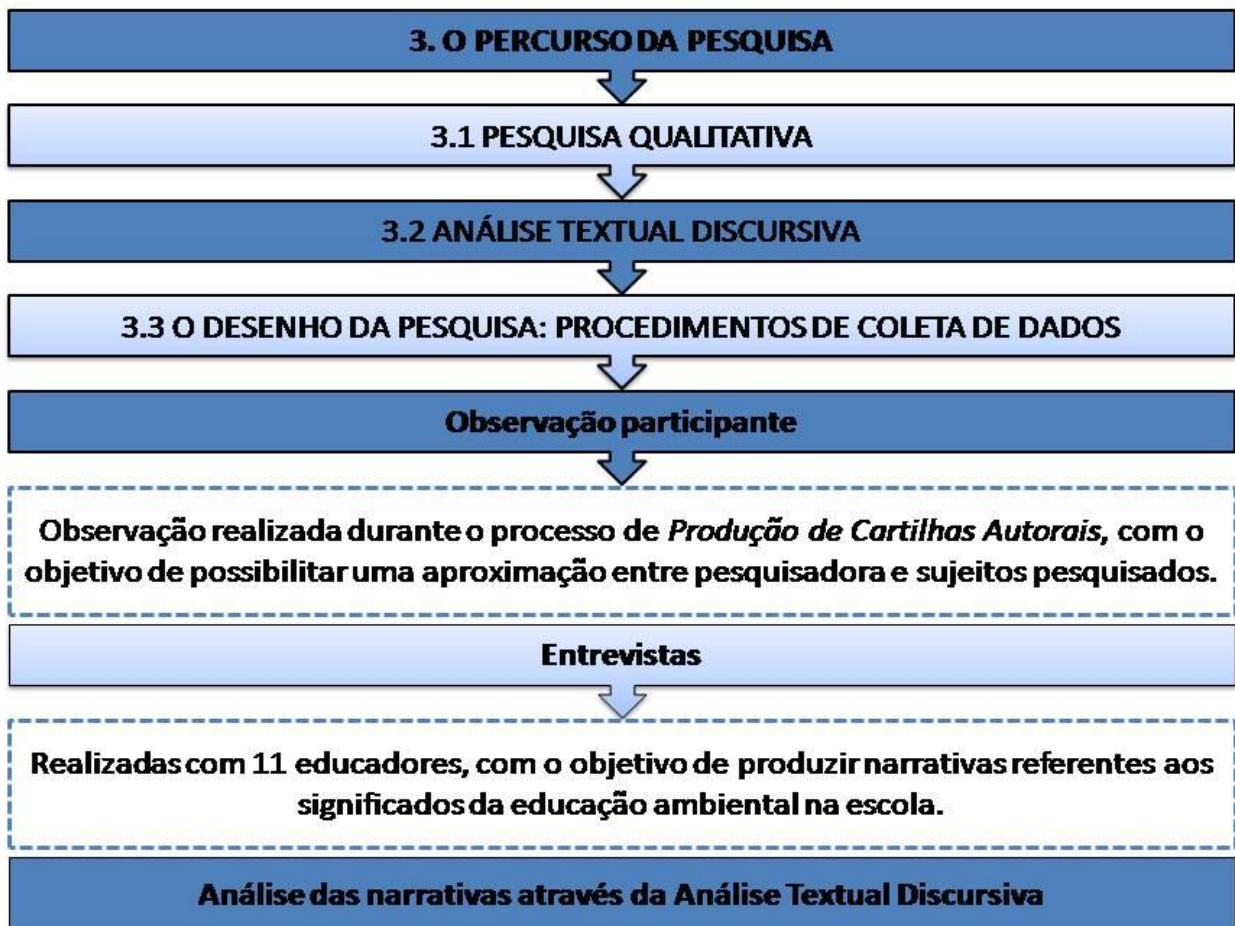
Segundo Bruner (2001, p. 131) *apud* Mendes e Vaz (2009):

O que as pessoas fazem nas narrativas nunca é por acaso, nem estritamente determinado por causa e efeito; o que elas fazem é motivado por crenças, desejos, teorias, valores e outros 'estados intencionais'. As ações narrativas implicam estados intencionais.

Dessa forma, a narrativa das práticas docente apresenta a potencialidade de revelar as intenções que levam professores a realizar determinadas práticas com seus alunos, mostrando assim as perspectivas das atividades desenvolvidas, bem como suas consequências pedagógicas (MENDES; VAZ, 2009). Situação essa que nos motivou a olharmos para a EA que é desenvolvida na escola através das narrativas realizadas por educadores ambientais. Essas narrativas compõem o *corpus* utilizado na análise desse trabalho, que serão analisadas através da Análise Textual Discursiva.

Assim, diante do exposto, o percurso da pesquisa aqui apresentado pode ser visualizado no esquema (Figura 1).

Figura 1. Percurso da Pesquisa



2.4. OS SUJEITOS E AS ESCOLAS

Neste tópic, optamos por apresentar um pouco sobre os sujeitos envolvidos na presente pesquisa e as instituições educativas nas quais cada educador leciona. As descrições dos sujeitos e das instituições aqui apresentadas foram baseadas nos relatos contidos nas entrevistas individuais de cada participante, nas anotações realizadas no caderno de campo e através de minhas experiências vivenciadas como pesquisadora no Programa Capivara e no Projeto Águas de Areias.

Ao todo, contamos com a participação de onze professores, quatro homens e sete mulheres, com faixa etária que varia de 24 a 50 anos. Estes estão distribuídos em quinze instituições educativas localizadas nos municípios de Santa Cruz do Capibaribe (SCC), Brejo da Madre de Deus, Jataúba e Poção.

No município de Santa Cruz do Capibaribe (SCC), seis educadores participaram da presente investigação sendo dois homens e quatro mulheres, e um total de sete instituições educativas, como pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1 - Instituição educativa, localização e nível de ensino ofertado – Santa Cruz do Capibaribe (PE).

Educador	Instituição Educativa	Localização	Níveis de ensino
Bruno	Escola Municipal Mulungu	Zona Rural	Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II
	Escola Municipal Mandacaru	Zona Urbana	Ensino Fundamental I e II
Juliana	Escola Estadual Caraibeira	Zona Urbana	Ensino Fundamental II e Ensino Médio
Clara	Escola Estadual Algaroba	Zona Urbana	Ensino Fundamental II
	Escola Municipal Mulungu	Zona Rural	Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II
Júlia	Escola de Referência do Ensino Médio Catingueira	Zona Urbana	Ensino Médio Integral
Henrique	Escola Municipal Jurema	Zona Rural	Ensino Fundamental I e II
Laura	Escola Particular Juazeiro	Zona Urbana	Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio
	Escola estadual Caraibeira	Zona Rural	Ensino Fundamental II e Ensino Médio

No município de Brejo da Madre de Deus, uma educadora participou da presente investigação (Quadro 2).

Quadro 2 - Instituição educativa, localização e nível de ensino ofertado – Brejo da Madre de Deus (PE).

Educadora	Instituição Educativa	Localização	Níveis de ensino
Laura	Escola Municipal Facheiro	Zona Urbana	Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II

No município de Jataúba, três educadores participaram, sendo dois homens e uma mulher, os quais atuam em quatro instituições de ensino, como aparece no Quadro 3.

Quadro 3 Instituição educativa, localização e nível de ensino ofertado – Jataúba (PE)

Educador	Instituição Educativa	Localização	Níveis de ensino
Mariana	Escola Municipal Umbuzeiro	Zona Rural	Multisseriada (Ensino Fundamental I e II)
Paulo	Escola Particular Xique-xique	Zona Urbana	Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II
Ivan	Escola Municipal Carová	Zona Urbana	Ensino Fundamental I e II
	Escola de Referência do Ensino Médio Coroa-de-Frade	Zona Urbana	Ensino Médio Integral

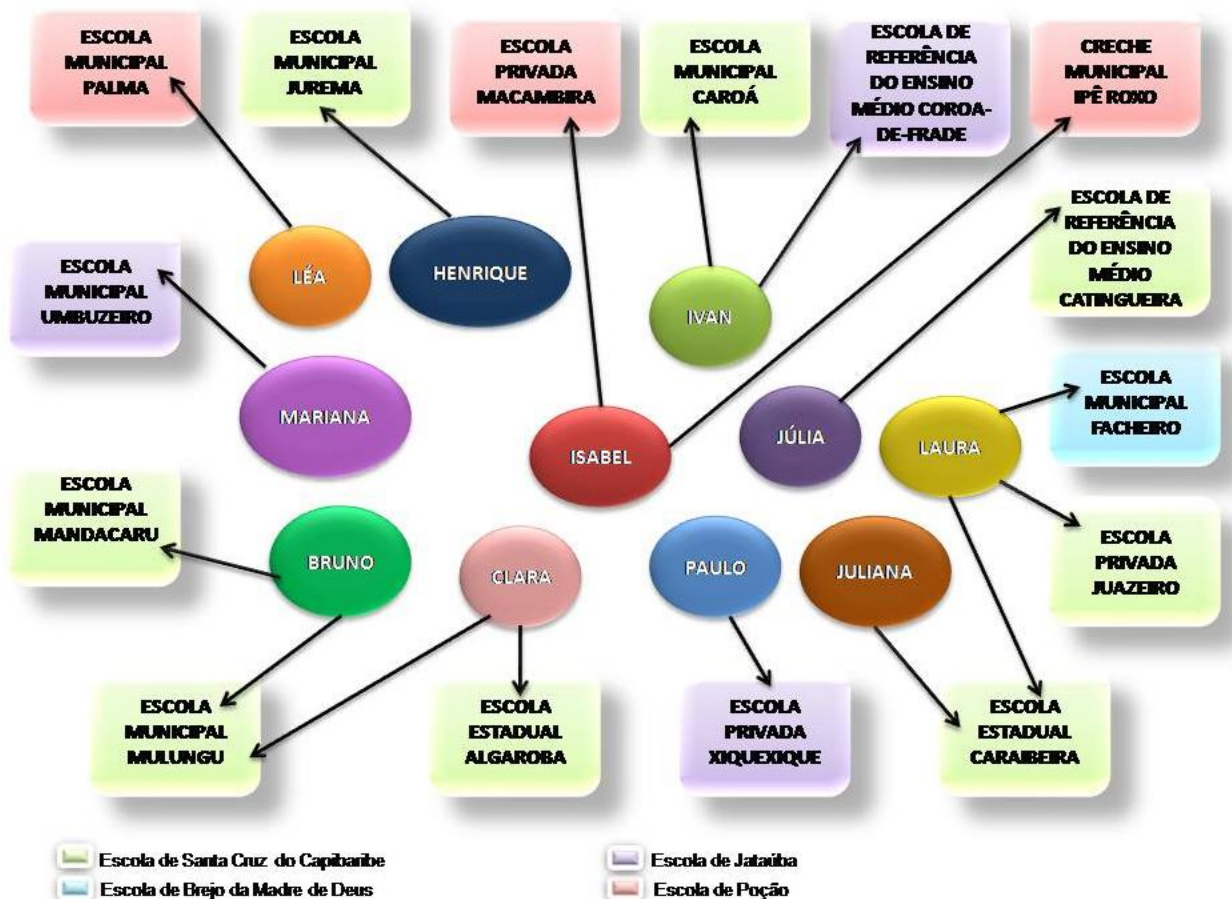
No município de Poção, participaram duas educadoras e três instituições (Quadro 4).

Quadro 4 Instituição educativa, localização e nível de ensino ofertado – Poção (PE)

Educador	Instituição Educativa	Localização	Níveis de ensino
Lea	Escola Municipal Palma	Zona Urbana	Ensino Fundamental I
Isabel	Creche Municipal Ipê Roxo	Zona Urbana	Educação Infantil
	Escola Particular Macambira	Zona Urbana	Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II

A Figura 2 sintetiza a distribuição dos educadores por escola. Pode-se observar que há educadores que lecionam em mais de uma escola.

Figura 2. Distribuição dos educadores ambientais e suas respectivas instituições de ensino.



2.4.1. OS EDUCADORES AMBIENTAIS

1) O educador Bruno

O educador Bruno tem 24 anos, é licenciado em Biologia e leciona há aproximadamente um ano. Trabalha atualmente como professor de Matemática em duas escolas localizadas no município de Santa Cruz do Capibaribe, a saber, a Escola Municipal Mulungu e a Escola Municipal Mandacaru.

Atualmente, Bruno desenvolve a educação ambiental (EA) apenas na Escola Municipal Mulungu, uma vez que o mesmo não encontra espaço na Escola Municipal Mandacaru para trabalhar com as questões ligadas à EA.

2) A educadora Clara

A educadora Clara tem 37 anos, é licenciada em Ciências Biológicas, e possui Especialização em três programas, a saber, Programação do Ensino de Biologia, Ensino de Ciências e Mídias na Educação. Leciona há vinte anos, e atualmente trabalha como professora de Ciências e Biologia na Escola Estadual Algaroba, e como professora de Ciências e Filosofia na Escola Municipal Mulungu.

Atualmente, Clara desenvolve a EA em duas escolas, uma que atende a um grande público, localizada no centro do município de SCC, e outra que atende a um menos público, localizada no distrito de Poço Fundo (SCC). Segundo Clara, o trabalho com EA em instituições de “pequeno porte”, como por exemplo, a Escola Municipal Mulungu, se torna mais fácil de ser desenvolvido, uma vez que os fica mais fácil de envolver outros professores na realização das ações de EA na escola. Ao contrário, o trabalho com a EA em instituições de “grande porte”, como por exemplo, na Escola Estadual Algaroba, dificulta o envolvimento de outros professores com as atividades de da EA.

3) A educadora Juliana

A educadora Juliana tem 37 anos, é licenciada em Ciências Sociais e Especialista em Psicopedagogia, e leciona há nove anos. Trabalha atualmente como professora de História, Geografia e Sociologia na Escola Municipal Caraiqueira, e ainda leciona a disciplina de Edu-

cação Ambiental em um Centro de Formação de Condutores (CFC) que também fica localizado na área central de SCC.

A professora Juliana relata que apenas três professores desenvolvem a EA na Escola Estadual Caraibeira, incluindo ela mesma, e que o trabalho com a EA na escola teve início através da participação das professoras no Projeto Águas de Areias.

4) A educadora Laura

A educadora Laura tem 28 anos, é Licenciada em Pedagogia e Geografia. Possui Especialização em Psicopedagogia e leciona há 9 anos. Atualmente, a educadora trabalha em três escolas, a saber, a Escola Estadual Caraibeira que fica localizada no centro do município de Santa Cruz do Capibaribe, onde a professora leciona a disciplina de Geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA); a Escola Particular Juazeiro que também se localiza no centro de SCC, na qual a professora leciona a disciplina de Geografia para o Ensino Fundamental II; e a Escola Municipal Facheiro, que fica localizada em São Domingos, distrito de Brejo da Madre de Deus, na qual a professora leciona para uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental I.

A educadora Laura afirma que desenvolve a educação ambiental apenas nas escolas municipal e estadual, e ainda relata que enfrenta diversas dificuldades para trabalhar com a educação ambiental na escola privada.

5) A educadora Júlia

A educadora Júlia tem 37 anos, é Licenciada em Ciências Sociais e Especialista em História do Brasil. Leciona há 18 anos, e trabalha atualmente como professora de Geografia na Escola de Referência do Ensino Médio Catingueira (EREM Catingueira) que fica localizada no centro do município de Santa Cruz do Capibaribe.

Atualmente, Júlia desenvolve a educação ambiental na EREM Catingueira juntamente com outros professores da mesma instituição. A professora relata que encontra apoio da coordenação, direção e dos demais professores na realização de atividades voltadas para a EA.

6) O educador Henrique

O educador Henrique tem 43 anos, é formado em Pedagogia e Especialista em Psicopedagogia. Leciona há 22 anos, e atualmente trabalha com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I e desenvolve atividades de coordenador em um projeto desenvolvido na escola chamado *Mais Educação*.

7) A educadora Mariana

A educadora Mariana tem 50 anos, é licenciada em Geografia, possui Especialização em Supervisão Escolar e Gestão Pedagógica, e leciona há 22 anos. Atualmente a mesma trabalha como professora de uma escola multisseriada localizada no Sítio Jacarará, zona rural do município de Jataúba, e também trabalha em sua própria casa com uma turma de reforço escolar.

Mariana relata que desenvolve a EA tanto na escola municipal na qual a mesma leciona, como também com suas turmas de reforço particular.

8) O educador Paulo

O educador Paulo tem 25 anos, apresenta formação no Normal Médio e é Graduando em Licenciatura em Biologia. Leciona há oito anos, e atualmente trabalha na Escola Privada Xiquexique, onde desenvolve a EA através de projetos.

9) O educador Ivan

O educador Ivan tem 43 anos de idade e é formado em Licenciatura em Geografia. Leciona há 12 anos e atualmente trabalha como coordenador na Escola Municipal Caroá, e leciona a disciplina de Geografia na Escola de Referência do Ensino Médio Cora-de-frade. Ivan relata que trabalha com a EA apenas na EREM, através de projetos voltados para a construção de hortas na escola.

10) A educadora Léa

A educadora Léa tem 24 anos e no momento encontra-se cursando Licenciatura em Letras. Leciona há 1 ano e apresenta a formação Normal Médio. Atualmente ela trabalha com alunos do 4º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Palma.

Léa relata que os trabalhos com EA começaram a acontecer na escola há apenas um ano, através do incentivo da coordenadora que conseguiu contagiar os demais professores para que pudessem trabalhar com EA através do desenvolvimento de um projeto voltado para a reciclagem do lixo.

11) A educadora Isabel

A educadora Isabel tem 25 anos de idade, trabalha com educação há 7 anos e apresenta formação em Pedagogia, com Especialização em Psicopedagogia, e atualmente encontra-se cursando uma segunda Especialização em Psicanálise.

Isabel trabalha como coordenadora em duas instituições educativas, a saber, a Escola Particular Macambira e a Creche Municipal Ipê Roxo, nas quais a mesma desenvolve trabalhos com EA.

2.4.2. AS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS

A Escola Municipal Mulungu

A Escola Municipal Mulungu fica localizada na zona rural do município de Santa Cruz do Capibaribe, na Vila de Poço Fundo. Atende à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental I e II. Os alunos que estudam na referida instituição são, em sua maioria, moradores da própria Vila. No entanto, a escola também atende a alunos que moram em alguns sítios que ficam localizados em áreas mais afastadas da escola.

Segundo os educadores Bruno e Clara, a Escola Municipal Mulungu é uma instituição bastante envolvida com a educação ambiental, onde anualmente são desenvolvidas ações que EA com os alunos e comunidade local.

Os educadores ainda afirmam que os professores que trabalham com a EA, nesta instituição, encontram total apoio da direção, coordenação e dos demais professores na realização das atividades de EA.

A educadora Clara relata que os trabalhos de EA na Escola Municipal Mulungu são desenvolvidos em conjunto com os projetos voltados para o cooperativismo, através da participação da instituição em um programa chamado de COOPERJOVEM, programa do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop).

A Escola Municipal Mandacaru

A Escola Municipal Mandacaru fica localizada na área urbana do município de SCC, e atende ao Ensino Fundamental I e II. Segundo o professor Bruno, a referida instituição não apresenta professores que desenvolvam a EA.

A Escola Estadual Algaroba

A Escola Estadual Algaroba fica localizada na zona urbana, centro do município de SCC. Atualmente a referida instituição oferece o Ensino Fundamental II. A EA é desenvolvida na escola através de ações realizadas pela educadora Clara que leciona as disciplinas de Ciências e Biologia.

O trabalho com a EA na referida instituição, segundo a educadora Clara, é algo bastante solitário, uma vez que outros professores não se engajam em tais trabalhos. A educadora ainda afirma que o fato da Escola Estadual Algaroba atender a uma grande quantidade de alunos, e apresentar grande quantidade de professores, tem dificultado o engajamento dos professores com a EA.

Escola Estadual Caraiqueira

A Escola Estadual Caraiqueira fica localizada na área urbana do município de SCC, e atende ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A educadora Juliana relata que nesta instituição não existiam professores envolvidos com a educação ambiental, e que a iniciativa dos trabalhos com EA na escola aconteceu apenas através da participação de três professoras no projeto através de um projeto chamado *Águas de Areias*. No entanto, mesmo diante do envolvimento das professoras com o projeto, Juliana ainda afirma que é muito difícil trabalhar com a temática ambiental na Escola Estadual Caraiqueira, uma vez que os professores não encontram apoio da gestão/coordenação da referida instituição.

Apesar dos entraves relatados pela educadora Juliana para desenvolver trabalhos de EA Escola Estadual Caraiqueira, a educadora Laura relata que desenvolve a EA com suas turmas de Educação de Jovens de Adultos (EJA) juntamente com a disciplina de Geografia. Ela ainda nos conta que o trabalho de EA com os alunos que frequentam a EJA é de grande importância, uma vez que os mesmos são educandos excluídos e marginalizados da escola.

Apesar da grande importância de trabalhar com a EA na Escola Estadual Caraiqueira, a educadora Laura afirma que a direção e coordenação da instituição têm dificultado esse tipo de trabalho. No entanto, mesmo diante das dificuldades impostas, a educadora consegue trabalhar com a EA dentro de sala de aula com seus alunos.

A Escola Privada Juazeiro

A Escola Privada Juazeiro fica localizada na área urbana do município de Santa Cruz do Capibaribe. Atualmente a instituição atende do Ensino Infantil até o Ensino Médio. A professora Laura relata que apenas os professores que lecionam há bastante tempo na referida

instituição possuem a liberdade para desenvolver a EA na mesma, situação na qual a professora Laura não se enquadra. Laura revela ainda que a EA na Escola Particular Juazeiro é desenvolvida como um “jogo de marketing” que busca a promoção e o crescimento da escola.

A Escola Municipal Facheiro

A Escola Municipal Facheiro localiza-se no distrito de São Domingos, município de Brejo da Madre de Deus, e oferece a Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II.

Nesta instituição, a educadora Laura trabalha com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental e relata que é difícil desenvolver a EA nessa instituição, uma vez que os professores recebem todo ano um cronograma pronto para que possa ser seguido, o que muitas vezes tem impedido o trabalho do professor com a temática ambiental. No entanto, Laura afirma que mesmo com a presença de um cronograma fechado, consegue aliar os conteúdos presentes no cronograma com algumas temáticas ambientais.

A Escola de Referência do Ensino Médio Catingueira (EREM Catingueira)

A Escola de Referência do Ensino Médio Catingueira apresenta um trabalho mais sólido voltado para a educação ambiental. Atualmente, grupos de alunos se reúnem com a professora Júlia, e realizam diversos trabalhos na área ambiental, trabalhos esses que têm rendido bons frutos, como por exemplo, a participação desses alunos em Congressos Regionais e na Jornada de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco (JEP-PEX-UFRPE), através da publicação de artigos voltados para temáticas ambientais.

A professora Júlia relata que todos os professores se engajam no desenvolvimento da EA na EREM Catingueira, e que os mesmos recebem total apoio da direção e coordenação da escola nesse trabalho. Ainda contam com a parceria de um Projeto de Extensão da Universidade UFRPE chamado “*De olho na água do Capibaribe*”⁵.

A Escola Municipal Jurema

⁵ O projeto “De Olho na água do rio Capibaribe: estratégias educativas de monitoramento da qualidade da água” é coordenado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), através da Área de Ensino das Ciências Biológicas do Departamento de Biologia. O projeto apresenta objetivo de fortalecer a investigação socioambiental na Bacia Hidrográfica do Capibaribe, através de ações de gestão e monitoramento da qualidade ambiental. O público alvo integra professores, coordenadores, gestores, lideranças comunitárias, estudantes universitários, de escolas e outras instituições educativas localizadas nas regiões do Alto, Médio e Baixo Capibaribe.

A Escola Municipal Jurema fica localizada na zona rural do município de Santa Cruz do Capibaribe, e atende ao Ensino Fundamental I e II. A instituição é bastante envolvida com trabalhos voltados para a educação ambiental. No entanto, o professor Henrique relata que tem passado por algumas dificuldades que tem prejudicado o desenvolvimento da EA na escola, geradas por conta de proibições feitas pela direção que não permite que ações de EA sejam desenvolvidas fora do ambiente escolar.

A Escola Municipal Umbuzeiro

A escola Municipal Umbuzeiro é uma instituição multisseriada que atende alunos do ensino fundamental I e II. Localiza-se no Sítio Jacarará, zona rural do município de Jataúba. Atualmente a referida escola está funcionando em um espaço provisório por conta de problemas estruturais que acometeram a sede da instituição.

A educadora Mariana relata que todos os dias têm enfrentado diversos problemas na instituição na qual a mesma trabalha, uma vez que a escola apresenta um espaço limitado e condições precárias de funcionamento. No entanto, mesmo diante de tantos problemas enfrentados, a professora Mariana ainda afirma que sente prazer no que faz, e que esses desafios se tornam pequenos diante da alegria que ela sente em poder crescer junto com seus alunos.

A educadora ainda nos conta que desenvolve trabalhos voltados para a EA com seus alunos na escola, e que apresenta total autonomia para desenvolver tais trabalhos.

A Escola Privada Xiquexique

A Escola Privada Xiquexique fica localizada na área central do município de Jataúba. A instituição oferece a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I e II, e aborda a EA principalmente a partir da realização de projetos, que são vivenciados durante todo o ano letivo, e que apresentam culminância em Amostras Culturais e a Amostras Ambientais que são realizadas na escola.

A Escola Municipal Caroá

A Escola Municipal Caroá fica localizada no centro do município de Jataúba. Na referida instituição, segundo o educador Ivan, não existe professores ou outras pessoas que desenvolvam ações de educação ambiental na escola.

A Escola de Referência do Ensino Médio Coroa-de-frade (EREM Coroa-de-frade)

A EREM Coroa-de-frade fica localizada na área urbana do município de Jataúba. A educação ambiental na escola é desenvolvida principalmente através do professor de Geografia, o educador Ivan, e do professor de Biologia. Ivan afirma que desenvolve seus trabalhos de EA voltados principalmente para a área da vegetação.

A Escola Municipal Palma

A Escola Municipal Palma fica localizada no município de Poção. É uma instituição educativa na qual todos os professores trabalham com a EA através do desenvolvimento de projetos voltados para melhoria da escola. Tais projetos são vivenciados durante o ano todo, onde são realizadas ações voltadas principalmente para a reciclagem do lixo na escola.

A Creche Municipal Ipê Roxo

A Creche Municipal Ipê Roxo fica localizada no centro do município de Poção. A referida instituição desenvolve ações de educação ambiental nas quais todos os professores se envolvem através principalmente do estímulo e liderança da educadora Isabel, coordenadora da instituição. Na Creche Municipal Ipê Roxo as ações de EA são direcionadas principalmente para questões que envolvem o tema do lixo, através do desenvolvimento de ações que busquem mudança de comportamento.

A Escola Particular Macambira

A Escola Particular Macambira fica localizada na área urbana do município de Poção. A referida instituição desenvolve ações de educação ambiental voltadas principalmente para a questão do lixo e a construção de hortas. A educadora Isabel que trabalha como coordenadora nessa instituição afirma que desenvolve um trabalho tímido de EA na escola, uma vez que enfrenta algumas resistências por parte da direção da instituição. No entanto, a educadora afirma que após a sua participação Projeto Águas de Areias, a mesma se sentiu motivada em envolver mais professores nas ações de EA que têm vivenciado na escola.

2.5. ENCONTROS E DIÁLOGOS COM OS EDUCADORES AMBIENTAIS

Considerando toda nossa participação em ações de educação ambiental (EA) realizadas no Alto Capibaribe, optamos por tomar como ponto de partida dessa pesquisa nosso envolvimento atual com os educadores participantes do projeto *Água de Areias*, através da colaboração da pesquisadora na composição da equipe de apoio, no planejamento e execução de uma das metas deste projeto, através de uma atividade direcionada para a *Produção de Cartilhas Autorais nas Escolas*.

2.5.1. Acompanhando a produção das cartilhas autorais

A *Produção de Cartilhas Autorais nas Escolas* se baseou em um processo coletivo de produção de conhecimento, tomando a escola como um espaço de reflexão direcionada para o lugar onde se vive. E se tratando de uma ação vivenciada no Alto Capibaribe, tal reflexão seguiu ancorada em temáticas ligadas aos cuidados e usos da água de leito seco de rio intermitente, abrangendo quatro municípios pernambucanos (Santa Cruz do Capibaribe, Brejo da Madre de Deus, Jataúba e Poção).

Assim, a participação da pesquisadora na equipe de apoio nesse processo, se baseou em reuniões para a elaboração da primeira oficina para a produção das cartilhas autorais; colaboração na execução da primeira oficina; visitas às escolas envolvidas no processo, reuniões para a elaboração da segunda oficina; encontro de apoio instrucional com os professores; colaboração na execução da segunda oficina; suporte no planejamento e desenvolvimento de algumas atividades de EA vivenciadas nas escolas; auxílio a alguns professores na construção inicial das cartilhas; recebimento dos materiais que seriam utilizados na elaboração final das cartilhas autorais.

Dessa forma, participamos de três reuniões direcionadas para o planejamento da primeira oficina, as quais ocorreram via *skype*, e presencial, sendo estas realizadas na sede da ANE (SCC). Participaram também das reuniões, representantes da equipe de coordenação pedagógica do projeto e dois professores (Bruno e Clara) que fizeram um trabalho de assessoria aos demais educadores durante todo o processo vivenciado com as produções das cartilhas. Vale salientar que os professores/assessores também desenvolveram trabalhos de EA na escola e produziram suas cartilhas autorais.

Dessa forma, após o planejamento, as oficinas foram vivenciadas. A primeira oficina ocorreu no dia 17 de julho de 2014 na sede da Associação Águas do Nordeste (ANE) Santa Cruz do Capibaribe (SCC). A oficina teve uma duração de 8h, divididas em dois momentos (manhã e tarde), e apresentou o objetivo de orientar os professores e coordenadores no desenvolvimento de metodologias de ensino aprendizagem voltadas para a produção de conhecimentos sobre o cuidado e uso da água no Semiárido.

A primeira oficina teve início com uma dinâmica conduzida através da música Ciland'água (CD Vozes do Capibaribe), e logo após ocorreu uma breve apresentação sobre o Projeto Águas de Areias e a meta de produção de cartilhas autorais.

Em seguida, foi feita uma discussão sobre o tema água e suas possibilidades de abordagem. Essa discussão foi conduzida de modo que os professores participantes pudessem citar alguns subtemas ligados à palavra água e rio Capibaribe. Os principais subtemas citados pelos professores estão representados (Quadro 5).

Quadro 5 - Temas e subtemas citados pelos professores.

Tema	Subtemas
Água	Escassez; Produção de alimentos; Formas de captação; Fontes hídricas Usos múltiplos; Diferentes usos da água; Reaproveitamento; Utilização consciente; Ciclo; Qualidade; Desperdício.
Rio Capibaribe	Água e floresta; Mata ciliar; Reflorestamento; Nascente; Lençóis freáticos; Poluição; Extração de areia; Cacimbas e cacimbões; História das pessoas com o rio.

Após a construção dos temas foram escolhidos, coletivamente, alguns princípios que iriam nortear a produção dos projetos para as cartilhas autorais. Os princípios foram construídos a partir das experiências dos educadores com os projetos de EA já vivenciados por cada um deles.

Dessa forma, cada professor começa a relatar suas experiências, enquanto que são alguns princípios vão sendo destacados dessas experiências, sendo eles: pesquisa de campo; uso de diferentes metodologias; olhar para o entorno; olhar de outro ângulo; despertar a curiosidade; se identificar com o lugar onde se vive; pensar relação, escola, família e comunidade; conhecer a história do lugar; identificar estratégias de convivência com as condições locais; investir no sonho; pensar o que agrada e o que agride do ponto de vista estético, ético; despertar os sentidos e a afetividade; promover ação e conscientização; pensar caminhos e estratégias para driblar as dificuldades; valorização do produto final e também do processo de construção desse produto; continuidade das ações. Os projetos não podem terminar na cartilha, é preciso que eles apontem para novas possibilidades.

Após essa construção de princípios, foi realizado um intervalo para o almoço. Em seguida as atividades foram retomadas através da condução de uma dança circular. Após esse momento, foi ressaltada a importância dos registros e sistematização de todo o processo vivenciado com a construção das cartilhas autorais nas escolas.

Por fim, chegamos à parte direcionada ao planejamento dos projetos. Cada escola ali representada pelos professores construiria seu projeto, o qual deveria conter o tema, objetivos, público alvo, etapas e materiais necessários. Irei destacar apenas os principais temas abordados nesses projetos construídos, sendo eles: Poluição das margens do rio Capibaribe PE; A cidade onde eu moro resgate histórico; O nascer do Capibaribe; O rio Capibaribe em nossas mãos; Água, vida e sustentabilidade; Reflorestamento das margens do rio (mata ciliar); Trecho do Capibaribe precisa viver; O uso da água do afluente rio Luiza; Resgate histórico: açude Poço Fundo.

No momento da oficina, procuramos ficar bastante atentos as situações que estavam ocorrendo na mesma. Realizei gravações de vídeo, áudio e anotações no caderno de campo. E ainda tivemos a oportunidade de auxiliar alguns professores na construção de seus projetos.

Figura 3. Oficina de produção das Cartilhas Autorais



Fonte: Arnaldo Vitorino.

Assim, com a vivência da primeira oficina, os educadores retornam as escolas, motivados e cheios de planos a serem executados. E as ações de EA começam a acontecer. Cabe ressaltar que não acompanhamos todas as atividades de EA desenvolvidas nas escolas, uma vez que esse não era nosso objetivo.

Apesar de não ter realizado esse acompanhamento, algumas visitas de apoio técnico às escolas foram realizadas. Essas visitas foram feitas juntamente com os professores/assessores

Bruno e Clara, e tinham o objetivo de acompanhar um as ações que estavam sendo desenvolvidas nas escolas, e auxiliar os professores em relação às necessidades que alguns estavam passando com o desenvolvimento de seus projetos.

As ações seguem, e marcamos uma reunião para a elaboração da segunda oficina direcionada as cartilhas autorias. A reunião ocorreu na sede da ANE (SCC).

Antes de ocorrer a segunda oficina, foi realizado um encontro de apoio instrucional com os professores. Esse encontro ocorreu na sede da ANE (SCC), e teve o objetivo de passar algumas Orientações Gerais para a Elaboração das Cartilhas Autorais, onde foram discutidos os seguintes tópicos: qual o papel do projeto Águas de Areias; o que é uma cartilha autoral; por que e para que fazer uma cartilha; para quem faremos a cartilha; como iniciar uma cartilha; qual o conteúdo da cartilha; como se deve selecionar o conteúdo; o próximo passo é...; publicação das cartilhas; formato básico das cartilhas.

Assim, após o encontro acima, os professores retornam e dão continuidade a suas ações de EA. Nosso próximo encontro ocorreu nos dias 07 e 08 de novembro de 2014 através da vivência da segunda oficina.

E assim, chegamos à segunda oficina que também foi realizada na sede do projeto, na zona rural de SCC. No primeiro dia, a oficina teve o objetivo de promover uma socialização dos trabalhos de EA que foram vivenciados nas escolas. Cada professor teve a oportunidade de socializar seus trabalhos. Os mesmos trouxeram vídeos, maquetes, cartazes, objetos confeccionados, fotos etc.

No segundo dia da oficina, os professores se reuniram e pensaram na melhor forma de sintetizar e expor seus trabalhos nas cartilhas autorais que seriam confeccionadas. Assim, cada escola ali representada, confecciona um protótipo de cartilha que seria encaminhada para um designer, e posteriormente para uma gráfica.

Cabe destacar que nem todos os professores conseguiram finalizar suas ações e construir o protótipo de suas cartilhas autorais. Assim, ainda pudemos auxiliar alguns deles nessa construção, através de algumas oficinas de EA nas escolas, na condução de algumas atividades que envolveram visitas das escolas à sede do projeto (SCC), auxílio na montagem do protótipo das cartilhas e recolhimento de alguns materiais, cartazes, fotos, desenhos, etc., que foram utilizados pelo designer na montagem final das cartilhas.

E assim, diante de vários ajustes, as cartilhas ficaram prontas e foram lançadas durante a realização da *Oficina de Uso das Cartilhas*. A pesquisadora-autora desta dissertação não acompanhou as exposições itinerantes, devido à necessidade de elaborar a redação da disser-

tação. Ao todo foram produzidas 12 cartilhas, como podem ser visualizadas na Figura 3 a seguir.

Figura 4. As Cartilhas Autorais



Fonte: Associação Águas do Nordeste (ANE).

2.5.2. As entrevistas e o processo de análise

Após todo nosso contato com os educadores através da vivência de atividades desenvolvidas com a produção das *Cartilhas Autorais*, queremos evidenciar que esse momento de aproximação serviu para que pudéssemos conhecê-los melhor, e assim decidir quais deles seriam convidados a contribuir com nossas investigações.

Acreditamos que essa aproximação proporcionou ao investigador e aos sujeitos investigados uma relação de amizade e confiança entre ambas as partes, situação essa que facilitou bastante o caminhar da pesquisa durante a realização das entrevistas.

Ao todo, 20 professores participaram do projeto de *Produção de Cartilhas Autorais*, no entanto, apenas 11 foram convidados a colaborar com essa investigação, de modo a contemplar todas as instituições educativas participantes do projeto. Dessa forma, nossas investigações seguem, e assim, entramos em contato com os educadores convidando-os para contribuir com a proposta deste trabalho, e todos aceitaram e se mostraram dispostos.

De mala pronta para iniciarmos a viagem ao município de Santa Cruz do Capibaribe (SCC), retornando à área de estudo e ficamos hospedados na sede do projeto (SCC). Nossa hospedagem durou seis dias.

Durante nossa estadia, além de realizar as entrevistas com os educadores, também pudemos dar continuidade as atividades ligadas ao processo de produção das cartilhas autorais, como por exemplo, realização de oficinas de educação ambiental (EA) nas escolas, condução de atividades que envolveram visitas das escolas à sede do projeto (SCC), auxílio na montagem dos protótipos de algumas cartilhas e recolhimento desses protótipos.

Assim, iniciamos as entrevistas com os educadores. No primeiro dia, foram realizadas três entrevistas com professores que residem no município de SCC, a saber, Bruno, Laura e Juliana.

A entrevista realizada com o educador Bruno ocorreu em sua residência, local em que fomos bem recebidos. A priori, o educador se mostrou nervoso ao responder alguns questionamentos presentes no roteiro da entrevista, no entanto, aos poucos o mesmo foi se soltando e revelando suas experiências com a educação ambiental nas escolas em que leciona (Escola Municipal Mulungu e Escola Municipal Mandacaru), localizadas no município de SCC.

Ao finalizar a entrevista, o educador Bruno nos acompanhou até o local em que tínhamos marcado com a educadora Laura para nos encontrarmos. Encontramos a educadora Laura e seguimos para sua residência.

Laura, sempre disposta a contribuir com a pesquisa, se mostrou à vontade para responder todos os questionamentos que surgiram. A entrevista segue e a educadora relata suas experiências com a educação ambiental vivenciadas na Escola Particular Juazeiro, na Escola Estadual Caraiqueira, ambas localizadas no município de SCC, e na Escola Municipal Facheiro, localizada no município de Brejo da Madre de Deus.

Ainda no mesmo dia, a educadora Laura, muito prestativa, nos acompanha até a residência da educadora Juliana, que já nos esperava ansiosa. Chegando à sua residência arrumamos um espaço em sua cozinha e iniciamos a entrevista.

A educadora Juliana parecia bastante nervosa em relação à nossa conversa. A educadora começa a relatar que vinha passando por dificuldades na escola onde estava desenvolvendo as ações de educação ambiental com as Cartilhas Autorais.

Pudemos notar a preocupação da educadora quando a mesma é indagada sobre “quem eram as pessoas que desenvolviam a educação ambiental na escola em ela trabalhava”, e a educadora responde apresentando as dificuldades enfrentadas por ela e por suas colegas de trabalho.

Após o desabafo, a educadora se emociona ao relatar suas dificuldades. Passado o momento para a mesma se recompor e decidir se queria dar continuidade à entrevista, a professora relata que queria continuar, não apenas a entrevista que ali estava sendo realizada, mas

que também gostaria de dar continuidade ao seu trabalho com a educação ambiental na escola, mesmo diante das dificuldades enfrentadas na instituição, e que a motivação para essa decisão advinha de seus alunos, visto que sempre se mostraram interessados em trabalhar com as temáticas ambientais.

Assim, a entrevista com a educadora Juliana segue, é finalizada e retornamos à sede da ANE em SCC. No dia seguinte, vamos à casa da educadora Clara, marcamos nesse local para conversarmos. Como já mencionado, além da realização da entrevista, também aproveitamos para ajudar a educadora com a confecção do protótipo de sua cartilha autoral, e ainda recolhemos os materiais das cartilhas para que fossem entregues ao designer responsável por sua edição.

Após o momento de trabalho com as cartilhas, iniciamos a entrevista com a educadora Clara. A educadora fala bastante de suas experiências com a educação ambiental nas duas escolas nas quais leciona, a Escola Municipal Mulungu e a Escola Estadual Algaroba, ambas situadas no município de SCC. Após o término de nossa conversa, já no início da noite, retornamos novamente à sede da ANE (SCC).

No dia seguinte conseguimos marcar a entrevista com a educadora Júlia, que nos recebe na sala dos professores da escola em que ela leciona a Escola de Referência do Ensino Médio Catingueira (EREM Catingueira). Júlia trabalha há bastante tempo com a educação ambiental no Alto Capibaribe, e contribui bastante com essa investigação, através do relato de suas muitas experiências.

Após o término da entrevista com a educadora Júlia, voltamos para casa, onde demos início à organização do caderno de campo e dos áudios produzidos durante as entrevistas que tinham sido realizadas. Na semana seguinte retornamos a sede da ANE (SCC).

Antes de dar continuidade às entrevistas, recebemos duas escolas que fizeram uma visita a sede da ANE (SCC), para conhecer as principais ações desenvolvidas pelo Projeto *Águas de Areias*. Durante essas visitas, pudemos contar com a colaboração de dois parceiros do referido projeto, o educador Bruno e o professor Arnaldo, que auxiliaram na condução da visita das escolas. Adiantamos que essas visitas foram realizadas por escolas participantes da ação de produção das cartilhas autorais.

No dia seguinte, prosseguimos com as entrevistas, e dessa vez pudemos contar com a ajuda do professor Arnaldo, um grande amigo e parceiro que sempre tem se mostrado disposto a colaborar com nossas investigações realizadas no Alto Capibaribe. Nos encontramos na sede do projeto (SCC) e de lá seguimos viagem para o município de Poção. Viajamos na moto do professor Arnaldo, levamos sol, chuva e muita lama que se acumulava na estrada de barro.

Ao chegar em Poção fomos direto para a Escola Municipal Palma, onde pudemos participar de um saboroso café da manhã preparado pela coordenadora da escola, e ainda tivemos a oportunidade de conhecer alguns trabalhos que os professores estavam desenvolvendo em conjunto com o projeto de educação ambiental voltado para a reciclagem na escola.

Em seguida, fomos para uma sala reservada juntamente com a educadora Léa, onde pudemos conversar mais à vontade e assim realizei a entrevista. A educadora se mostrou bastante prestativa em colaborar com a pesquisa.

Logo após término da investigação, seguimos para a Creche Municipal Ipê Roxo, onde pudemos conhecer sobre o dia a dia da instituição e alguns trabalhos de educação ambiental desenvolvidos com os alunos.

Logo em seguida, realizamos a entrevista com a educadora Isabel, que nos recebeu na sala da coordenação. A educadora Isabel participou da entrevista com bastante empolgação, tentando sempre nos mostrar os resultados positivos gerados através do trabalho com a educação ambiental que estava sendo realizada na sua instituição.

Finalizamos as entrevistas, almoçamos e voltamos para a sede ANE (SCC). No dia seguinte, realizamos a entrevista com o educador Henrique da Escola Municipal Jurema. A entrevista foi realizada na própria ANE (SCC), local no qual ainda estávamos hospedados. Ao finalizar a entrevista, aproveitamos o momento para começar a montar o protótipo da cartilha do educador Henrique.

No último dia de entrevista, com o professor Arnaldo ainda nos auxiliando, seguimos viagem para o município de Jataúba, onde iríamos entrevistar mais três educadores.

A primeira foi a educadora Mariana, a quem solicitei por telefone no dia anterior, que escolhesse um local para que pudéssemos conversar. O local escolhido foi um posto de combustível que fica logo na entrada do município. Não era um local tão calmo, pois o barulho de automóveis era constante, mas respeitamos sua escolha e começamos nossa conversa.

A educadora Mariana mostrou-se bastante aberta para responder às questões presentes na entrevista, revelando suas experiências com a educação ambiental, principalmente na Escola Municipal Umbuzeiro, instituição em que leciona atualmente.

Após o término de nossa conversa, seguimos para a Escola Particular Xiquexique, onde pudemos conversar com o educador Paulo. A entrevista foi realizada em uma sala de aula, onde o professor ficou a vontade para falar sobre suas experiências com a educação ambiental.

Da Escola Particular Xiquexique, seguimos para a Escola de Referência do Ensino Médio Coroa-de-frade (EREM Coroa-de-frade) onde pudemos conversar com o educador

Ivan. Nossa conversa ocorreu em uma área bastante arborizada que fica localizada nos fundos da escola, onde o educador Ivan nos mostrou alguns trabalhos voltados para a criação de uma área de convivência, a partir da confecção de bancos e mesas feitos com pneus velhos.

A entrevista com o educador Ivan seguiu e, logo após sua finalização, voltamos para o município de Santa Cruz do Capibaribe, de lá retornamos para casa.

Dessa forma, o contato com os educadores realizados durante a ação de Produção de Cartilhas Autorais na Escola, bem como o nosso envolvimento com alguns desses educadores na realização de outros projetos de educação ambiental, facilitou a participação e confiança dos mesmos na presente pesquisa.

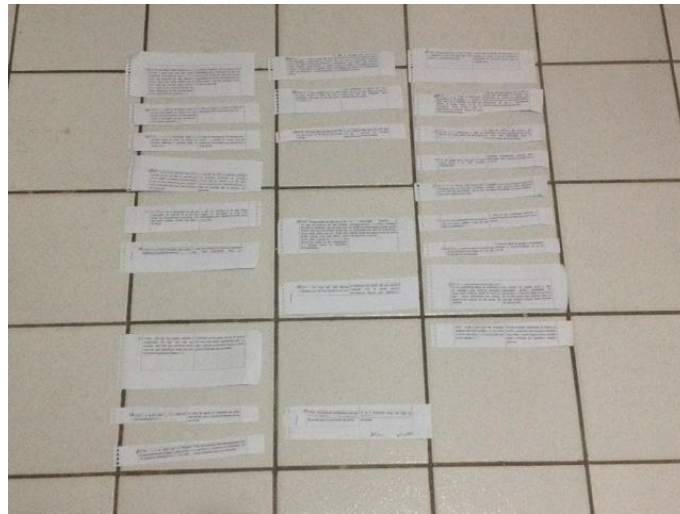
Continuando as investigações, após a realização das entrevistas, iniciamos as transcrições das mesmas e demos continuidade à organização das anotações realizadas no caderno de campo, material que juntamente com as transcrições produzidas durante a observação participante e os resultados obtidos através de outras pesquisas realizadas no âmbito do grupo interdisciplinar de pesquisadores participantes do projeto Águas de Areias, serviu para a produção do *corpus* da pesquisa.

De posse do *corpus* do trabalho, dei início ao processo de unitarização, selecionando as unidades de significado (US). Nesse processo de seleção de US, os textos analisados foram fragmentados e destacados, marcando cada US com as duas primeira letras iniciais do nome de cada educador, mais a sigla US e a ordem de numeração. Como pode ser visualizado no Quadro 6.

Quadro 6.Exemplo de constituição de unidade de significado (US)

Na realidade na Escola Maria José eu trabalho assim a questão ambiental com o professor Michael que é formado também na área de Biologia. (CLUS1)E na, ativamente nem um outro que eu conheço, né. Foi uma das dificuldades que eu me senti assim solitária nessa luta. (CLUS2) Mas em geral os professores com quem eu trabalho, que eu trabalhei, os trabalham com as questões ambientais sempre são da área de Ciências e às vezes da área de Geografia. (CLUS3)

Após a seleção de todas as US, iniciamos o processo de busca de convergências e divergências entre as mesmas, como pode ser visualizado na Figura 5.

Figura 5. Análise das convergências e divergências

Fonte: própria autora

O percurso da análise seguiu ancorado nas US, onde as convergências e divergências entre as US serviram para agrupar e criar categorias de análise. Após a criação das categorias, as mesmas foram reagrupadas de acordo com o foco que cada uma representava.

Por fim, com as categorias já formadas bem como as respectivas unidades de significados referentes às mesmas, realizamos uma discussão de acordo com a literatura pertinente, sempre com o objetivo de buscar uma elucidação da questão geral de pesquisa.

O Quadro 7 apresenta os focos de análise e as categorias criadas através de todo o processo descrito acima. Os focos de análise utilizados para a construção das categorias foram construídos previamente, enquanto que as categorias são emergentes, ou seja, foram aparecendo no decorrer das interpretações feitas pela pesquisadora.

Quadro 7. Foco de análise e categorias

Foco da análise	Categorias
Quem desenvolve a educação ambiental na escola	Categoria - 1 A EA na escola é desenvolvida por alguns professores
	Categoria 2 – Em certos casos todos os professores podem se engajar em ações de EA na escola
Como a educação ambiental é desenvolvida na escola	Categoria 3 – As atividades de educação ambiental realizadas fora da escola despertam aprendizagens e sensibilidades
	Categoria 4 – As atividades propostas de educação ambiental são desenvolvidas na sala de aula nas diferentes áreas do conhecimento escolar
	Categoria 5 – Os projetos constituem modos de planejamento e atuação em educação ambiental
	Categoria 6 – Atividades que têm dimensão lúdica despertam o interesse das crianças pela educação ambiental
	Categoria 7 – A EA nos limites da escola e da sala de aula
A abordagem de temáticas ambientais locais nas ações de educação	Categoria 8 - O ambiente local oferece oportunidades para o trabalho de educação ambiental na escola

ambiental	Categoria 9 - As relações entre o local e o global se complementam nas ações de educação ambiental
	Categoria 10 – A temática do lixo é muito valorizada na escola
	Categoria 11 – As questões que envolvem a água da região orientam certos trabalhos de EA na escola
Facilidades encontradas para o desenvolvimento da educação na escola	Categoria 12 – O apoio da comunidade escolar facilita o desenvolvimento da educação ambiental
	Categoria 13 – Os projetos externos ampliam as possibilidades das atividades de EA na escola
Dificuldades encontradas para o desenvolvimento da educação ambiental na escola	Categoria 14 – A falta de apoio à educação ambiental por parte da gestão/coordenação escolar dificulta o desenvolvimento da EA na escola
	Categoria 15 – A estrutura e organização curricular criam obstáculos para o professor desenvolver práticas de EA
	Categoria 16 – O trabalho solitário na educação ambiental
	Categoria 17 – A falta de fontes de informações direcionadas a EA para o ensino infantil dificulta o desenvolvimento da EA na escola
	Categoria 18 - Os problemas de logística dificultam a execução dos projetos/ações de educação ambiental na escola
	Categoria 19 – Quando a educação ambiental integra o jogo do mercado.
Resultados gerados com o desenvolvimento do trabalho da educação ambiental na escola	Categoria 20 - A educação ambiental possui uma dimensão ética que repercute na vida e na prática docente
Influência e engajamentos com a educação ambiental	Categoria 21 – A vida familiar próxima à natureza
	Categoria 22 – A educação escolar e universitária
	Categoria 23 – A influência do exercício profissional
	Categoria 24 – A participação em projetos contribuiu para o engajamento como educador ambiental
	Categoria 25 - A sensibilidade frente aos problemas ambientais

Na seção seguinte será discutida cada uma das categorias criadas nessa investigação. Para chegarmos a uma melhor compreensão, agrupamos as categorias em sete tópicos, sendo eles: Quem faz; Como se faz; Temas; Pedras no caminho; Conforto e motivação; Influência e engajamentos; As expectativas. Estes tópicos podem ser visualizados no Quadro 8.

Quadro 8. Reagrupamento das categorias

Tópicos	Categorias
Quem faz	Categoria 1 – A EA na escola é desenvolvida por alguns professores.
	Categoria 2 – Em certos casos todos os professores podem se engajar em ações de EA na escola.
Como se faz	Categoria 4 – As atividades propostas de educação ambiental são desenvolvidas na sala de aula nas diferentes áreas do conhecimento escolar
	Categoria 7 – A EA nos limites da escola e da sala de aula
	Categoria 5 – Os projetos constituem modos de planejamento e atuação em educação ambiental
	Categoria 14 – Os projetos externos ampliam as possibilidades das atividades de EA na escola

	<p>Categoria 3 – As atividades de educação ambiental realizadas fora da escola despertam aprendizagens e sensibilidades</p> <p>Categoria 6 – Atividades que têm dimensão lúdica despertam o interesse das crianças pela educação ambiental</p>
Temas	<p>Categoria 8 - O ambiente local oferece oportunidades para o trabalho de educação ambiental na escola</p> <p>Categoria 9 - As relações entre o local e o global se complementam nas ações de educação ambiental</p> <p>Categoria 10 – A temática do lixo é muito valorizada na escola</p> <p>Categoria 11 – As questões que envolvem a água da região orientam certos trabalhos de EA na escola</p>
Pedras no caminho	<p>Categoria 14 – A falta de apoio à educação ambiental por parte da gestão/coordenação escolar dificulta o desenvolvimento da EA na escola</p> <p>Categoria 15 – A estrutura e organização curricular criam obstáculos para o professor desenvolver práticas de EA</p> <p>Categoria 16 – O trabalho solitário na educação ambiental</p> <p>Categoria 17 – A falta de fontes de informações direcionadas a EA para o ensino infantil dificulta o desenvolvimento da EA na escola</p> <p>Categoria 18 - Os problemas de logística dificultam a execução dos projetos/ações de educação ambiental na escola</p> <p>Categoria 19 – Quando a educação ambiental integra o jogo do mercado.</p>
Conforto e motivação	<p>Categoria 12 – O apoio da comunidade escolar facilita o desenvolvimento da educação ambiental</p> <p>Categoria 13– Os projetos externos ampliam as possibilidades das atividades de EA na escola</p>
Influências e engajamentos	<p>Categoria 21 – A vida familiar próxima à natureza</p> <p>Categoria 22 – A educação escolar e universitária</p> <p>Categoria 23 – A influência do exercício profissional</p> <p>Categoria 24 – A participação em projetos contribuiu para o engajamento como educador ambiental</p> <p>Categoria 25 – A sensibilidade frente aos problemas ambientais.</p> <p>Categoria 20 - A educação ambiental possui uma dimensão ética que repercute na vida e na prática docente</p>

4 COMPREENSÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE EDUCADORES AMBIENTAIS DO ALTO CAPIBARIBE

4.1 QUEM FAZ

Neste tópico intitulado “Quem faz” são apresentadas as pessoas que fazem/desenvolvem a educação ambiental (EA) na escola.

Categoria - 1 A EA na escola é desenvolvida por alguns professores

(...) eu trabalho a questão ambiental com o professor Bruno (...) (CLUS1)

A educação ambiental na escola é desenvolvida por alguns professores que apresentam formação em diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo, História, Matemática, Português, Geografia, Letras, Pedagogia e Biologia. Situação que pode ser verificada nas US citadas abaixo:

Gabriela é Biologia, Daiany também é Biologia e Juliana, se eu não me engano, é História. (LAUS20)

Clara e Daniele são de Ciências, Nazaré é de História e eu Matemática. (BRUS1)

Olhe, trabalham comigo diretamente Geraldo e a formação dele é Biologia, (...). (...) e os professores de Língua Portuguesa, (...). (JUUS1)

Mas em geral os professores com quem eu trabalho as questões ambientais sempre são da área de Ciências e às vezes da área de Geografia. (CLUS3)

Daiany parece que é Biologia e Dalva é Pedagogia. (JULUS4)

Tem Pedagogia, tem professores com Letras, Inglês, Espanhol, mas que eles voltam pra essa área constantemente. (PAUS3)

No entanto, apesar dessa diversidade de áreas, o professor que leciona a disciplina de Biologia/Ciências ainda é quem mais desenvolve a educação ambiental na escola. Além de corresponderem à maioria dos educadores ambientais, os professores de Biologia/Ciências também geralmente são apontados como aqueles que possivelmente desenvolvem ações de EA.

Tal situação pode ser verificada quando o professor Bruno é indagado a respeito de

quem são os professores que desenvolvem a EA na escola: “*E na Escola Municipal Mandacaru tem o professor Marcos, só que eu não sei se ele trabalha a EA lá na escola (...)*” (BRUS2). Quando indagado o porquê dessa dúvida, o professor argumenta: “*Porque ele é de Ciências*” (BRUS2).

No entanto, nota-se que o fato de possuir formação na área de Biologia/Ciências algumas vezes parece não ser suficiente para que esse professor seja apontado como alguém que desenvolve a EA, visto que, além da formação, o professor precisa apresentar certos comportamentos dentro da escola: “*Aí eu não sei, porque lá eu vejo a postura dele, aí eu acho que ele não trabalha não. Não vejo ele uma pessoa engajada para poder querer mudar alguma coisa não. (...)*” (BRUS3).

Esses comportamentos, engajamentos e sentimento de mudança podem decorrer de uma militância que alguns educadores ambientais assumem através de posicionamentos que os caracterizam como sujeitos ecológicos (CARVALHO, 2008).

Outra questão ainda relacionada aos professores de Biologia/Ciências é que existe a ideia de que lecionar essas disciplinas facilita o trabalho do professor com a educação ambiental, uma vez que se acredita que os “conteúdos de EA” já se encontram inseridos no currículo de Biologia/Ciências. Como nos relata o professor Bruno: “*(...) como elas já trabalham, já faz parte do assunto e do conteúdo que elas dão aos alunos. Aí elas já em Ciências têm uma carta a mais para poder trabalhar aquilo com os alunos*”. (BRUS15)

No entanto, a situação exposta acima, muitas vezes acaba restringindo a EA apenas a questões ligadas aos aspectos ecológicos/biológicos do ambiente.

Além dos professores de Biologia/Ciências, também existe a ideia de que os educadores que apresentam formação em Geografia devem apoiar as ações de educação ambiental que são desenvolvidas na escola, *E ele é formado em Geografia, então ele era uma das pessoas que era para dar o maior apoio* (JULUS21). Essa afirmação feita pela professora Juliana, se refere às coibições feitas pelo coordenador da escola em relação às ações de EA que a professora tem tentado desenvolver na escola.

A visão exposta acima nos remete a uma discussão já presente no campo da EA há muito tempo, que defende que a EA não pode ser apreendida apenas através de uma visão biologizante da natureza, haja vista sua natureza interdisciplinar, transversal e socioambiental (CARVALHO, 2008). Nessa perspectiva, as práticas de EA deveriam ser informadas pela articulação entre as ciências naturais, sociais e exatas, na perspectiva de responder melhor aos problemas da sociedade (JACOBI, 2005).

Nessa investigação, contudo, os professores nos revelam que em geral, na escola, a EA ainda permanece sendo de responsabilidade de apenas alguns professores que, em razão da sua formação ou da sua afinidade com a área, a assumem na sua vida e na prática docente. Apenas em algumas situações, todos os professores que lecionam em uma determinada escola, engajam-se em ações de EA, como pode ser visto na Categoria 2 abaixo.

Categoria 2 – Em certos casos todos os professores podem se engajar em ações de EA na escola

(...) Todos trabalham envolvidos no projeto de educação ambiental (ISUS1)

Existem situações que favorecem a atuação de todos os professores no desenvolvimento da EA na escola. Uma dessas situações ocorre na Escola Municipal Umbuzeiro, uma instituição rural que funciona apenas com uma turma multisseriada.

As ações de EA na Escola Municipal Umbuzeiro são desenvolvidas pelas duas funcionárias que trabalham nessa instituição, sendo a professora Mariana e sua estagiária. Esta, além de trabalhar com a EA, ainda auxilia nos trabalhos diários em sala de aula, cuida da cozinha e limpeza da escola.

Outra situação na qual todos os professores acabam desenvolvendo ações de EA ocorre na Escola Municipal Palma e na Creche Municipal Ipê Roxo, onde todas as pedagogas, graduadas e graduandas, se engajam na realização dos projetos de EA vivenciados nessas instituições.

Esses engajamentos surgiram através da iniciativa das coordenadoras das duas instituições, que apresentaram propostas de projetos voltados para a temática do lixo com foco na reciclagem, para que fossem desenvolvidos com os alunos.

Além da iniciativa das coordenadoras, o engajamento de todos os professores com os projetos de EA na Escola Municipal Palma e na Creche Municipal Ipê Roxo, também foi estimulado e fortalecido através da participação dessas coordenadoras e de alguns professores no Projeto Águas de Areias. Contudo, essa questão será mais bem abordada na categoria 14.

A situação na qual todos os professores acabam se engajando em projetos de EA desenvolvidos na escola também ocorre na Escola Particular Xiquexique. No entanto, nessa instituição, a iniciativa de envolver todos os professores partiu de um educador, que ao participar

do Projeto Águas de Areias, levou a ideia para a escola, e junto com a direção/coordenação da mesma, terminou por envolver todos os demais professores nesse processo.

Nessas situações, aparece à figura de um “articulador”, que segundo Farias Filho (2014) corresponde a um profissional (professor, diretor, coordenador, ou outro ator escolar) que busca organizar, motivar e inserir ações de EA na escola, se comportando como um mediador de práticas de EA.

Assim, apesar do envolvimento dos professores em atividades de EA explicitado nos casos citados acima, em alguns casos ainda existe desafios para o tratamento da EA na escola, o professor Ivan, que leciona na EREM Coroa-de-frade e na Escola Municipal Caróá, defende (...) *a implantação da disciplina de EA(...)* (IVUS13), como forma de superar algumas dificuldades que a EA tem enfrentado na escola. Vale salientar que essa US foi considerada como sendo uma divergência das demais US que compõem as categorias 1 e 2.

Diante da visão de criação de uma disciplina de EA, a Lei Federal nº 9.795/1999 traz em seu artigo 10º e parágrafo 1º que a educação ambiental não deve ser implantada como disciplina nas escolas, e sim abordada de maneira interdisciplinar e transversal de forma que possa ser trabalhada nos currículos escolares (BRASIL, 1999).

No entanto, essa posição não é consensual, desde a aprovação da Política Nacional de Educação Ambiental, ocorreram diversos debates em relação à criação de uma disciplina específica de EA. Diante das discussões, prevaleceu o princípio de se tratar a EA como uma temática a ser desenvolvida de forma interdisciplinar e transversal (BERNARDES& PRIETO, 2010).

Alguns que defendem e argumentam a criação de uma disciplina específica de EA, afirmam que diante das problemáticas ambientais vivenciadas na atualidade, para chegarmos a resultados efetivos através de uma tomada de consciência em relação à preservação do meio ambiente, se faz necessária à criação de um componente curricular específico nas escolas. Nesse componente seriam abordados conteúdos e conceitos ligados à preservação ambiental, desenvolvimento sustentável e conscientização ecológica. No entanto, outros posicionamentos, afirmam que dificilmente apenas a abordagem desses conteúdos e conceitos, seria capaz de produzir algum sentido sem uma discussão efetiva através de uma abordagem histórica, sociológica, filosófica, ou desvinculada dos conteúdos ministrados por todas as áreas do conhecimento (BERNARDES& PRIETO, 2010).

Apesar das recomendações expressas na Lei Federal nº 9.795/1999, desenvolver a EA de forma transversal e interdisciplinar na escola, nem sempre se configura como uma tarefa

fácil, situação que tem levado a certos posicionamentos favoráveis à criação de uma disciplina de EA.

4.2 COMO SE FAZ

Neste tópico intitulado “Como se faz” são apresentadas as diferentes formas indicadas pelos entrevistados de fazer educação ambiental no contexto escolar.

Categoria 4 – As atividades propostas de educação ambiental são desenvolvidas na sala de aula nas diferentes áreas do conhecimento escolar

Eu ligo a EA à minha disciplina (IVUS9)

Os temas transversais, segundo Bernardes & Pietro (2010), constituem um conjunto de eixos condutores da atividade escolar, que não estão ligados a uma disciplina em específico, mas que podem ser abordados de maneira comum em todas as áreas do conhecimento.

Nestes eixos estão inclusos alguns temas como ética, pluralidade cultural, orientação sexual e meio ambiente, assuntos que devem ser desenvolvidos em todos os conteúdos e trabalhados no desenvolvimento da educação ambiental (BRASIL, 1997).

A educação ambiental desenvolvida juntamente com as disciplinas escolares, de forma transversal, é vivenciada pelos professores de Geografia da EREM Coroa-de-frade e da EREM Catingueira, como eles afirmam:

Eu trabalho muito com alguns assuntos de Geografia tem muito a ver com a questão ambiental (...). O desenvolvimento sustentável, a questão da escassez de água, tudo isso a gente procura trazer para o lado da questão ambiental também. (IVUS8)

(...), conversando, às vezes alguns temas dentro da minha própria disciplina, quando é que a gente trabalha água e pode tirar duas aulas de 50 minutos pra falar sobre água, e também as pesquisas e além de projetos, (...). (JUUS11)

O professor Ivan indica a integração da sua disciplina com a questão ambiental, citando, inclusive algumas dimensões políticas e sociais que envolvem a abordagem dos temas em sua aula. Embora a professora Júlia destaque a articulação entre os conteúdos da disciplina e a EA, trazendo o exemplo da água, ela aponta o desafio de inserir a temática dentro do espaço da disciplina.

A EA também é trabalhada nas escolas através da vivência de atividades de leitura, pintura, textos informativos e construção de objetos feitos com materiais reciclados, como pode ser visto nas US abaixo:

Então geralmente toda atividade é com texto informativo que a gente trabalha Língua Portuguesa, muito a parte de Ciências, de Geografia. Então, se você for trabalhar a EA seja qual for o tema você consegue encaixar a EA, porque faz parte de tudo na vida do ser humano. (MAUS17)

A leitura que eu fazia todo o dia, eu procurava uma leitura que falava da água, a utilização da água, (...). É uma leitura livre. Eu já aproveitava e fazia essa leitura para ele. (LAUS4).

Tem um dia que eu trabalho Matemática e Artes. Quando eu falei sobre o rio, sobre a vida que tinha no rio, eu interliguei a parte da Matemática em que eu fiz vários peixes, várias estrelas-do-mar, fiz cavalos marinhos. Eles fizeram a pintura livre de todos os materiais, (...). Não fugi da minha aula, que era os temas trabalhados de adição com ou sem reserva, só que eu incrementei o conteúdo que ia ser trabalhado e eu utilizei a arte através da pintura livre. (LAUS5)

Para as professoras Mariana e Laura, que tem atuação polivalente e trabalham com séries iniciais, a leitura de textos voltados para temas ambientais apresenta-se como uma ferramenta, tanto para estímulo da leitura entre crianças em fase de alfabetização ou recém-alfabetizadas, como para a abordagem da EA no currículo. Laura também enfatiza que usa temas ambientais para a aprendizagem dos conceitos das disciplinas, no trecho citado, ela conta da sua experiência com a matemática.

Entre os temas de EA abordados em sala de aula, nas diferentes áreas do conhecimento escolar, a reciclagem aparece como tema corrente, como destacam as UC:

Eu já utilizei recicláveis uma vez fazendo alguns objetos lá na escola, e inclusive um dos objetos era um cubo, para depois fazer um jogo de Matemática com aquele dado. (BRUS17)

Normalmente eles trazem o que eles querem produzir, aí a aula da gente sempre é na quinta ou na sexta, a aula de reciclagem. Aí eles já trazem na segunda e na terça o que eles querem produzir. Aí eu levo pra casa, eu faço o material para trazer um prontinho que eu fiz, aí eu vou colocar dentro de meu planejamento, ver lá em meu fluxo em que vai se encaixar, (...). (LEUS14)

Nas duas situações citadas acima os professores trabalham a EA através do tema da reciclagem, fica evidente que a produção de materiais artesanais aparece como sendo uma atividade de EA. Essa perspectiva se aproxima de uma abordagem conservadora da EA que pode levar a simplificações e reduções que negligenciam as dimensões coletivas, sociais, políticas, econômicas necessárias para a resolução de questões ambientais (LOUREIRO, 2012).

Além do desenvolvimento da educação ambiental na sala de aula nas diferentes áreas

do conhecimento escolar, a EA também é desenvolvida através de ações vivenciadas nos limites da escola e da sala de aula, como pode ser visto na **Categoria 7**.

Categoria 7 – A EA nos limites da escola e da sala de aula

Ela é praticada tanto no dia a dia e em sala de aula (...). (JUUS9)

Esta categoria busca compreender algumas atividades de EA que são vivenciadas nas dependências da escola. Nossas interpretações apontam que em certos casos tais atividades são trabalhadas através de ações direcionadas para uma EA que busca desenvolver certos comportamentos considerados “corretos” ou ambientalmente orientados.

Trazemos como exemplo o caso da EREM Catingueira, onde as situações que acontecem nos corredores da escola são utilizadas pela professora Júlia para chamar a atenção dos alunos em relação a certos comportamentos ligados ao descarte incorreto do lixo.

Quando a professora Júlia é indagada sobre como a EA é desenvolvida na escola, ela responde: (...) *nos corredores da escola quando a gente passa, até eu mesmo digo, “olha como é que a gente trabalha tanto o meio ambiente e vocês ainda jogam lixo aqui?” (JUUS10).*

Dessa forma, a situação descrita acima nos remete a uma prática que se aproxima de uma EA Conservadora, onde a questão comportamentalista é bastante valorizada, na tentativa de produzir comportamentos orientados por moralidades ambientais, nesse caso a perspectiva da educação ambiental compreende a observação de certas normas, como não jogar lixo no chão, apagar a luz, fechar a torneira, dentre outros conjuntos de regras que nos são ensinados.

No entanto, cabe frisar que diante de nossas compreensões expostas acima, essas não se constituem em uma tentativa de generalizar “os tipos” de práticas de EA que são desenvolvidas pela educadora Júlia na EREM Catingueira, uma vez que, concordando com Sauv  (2005), acreditamos que as formas de classificarmos as práticas de EA, as quais a referida autora denomina de “correntes de EA”, não significa que a prática de educadores esteja atrelada a apenas uma corrente, pelo contrário, em sua prática nuances de vários tipos podem aparecer, dependendo das experiências do professor com a EA e dos objetivos que o mesmo pretende alcançar com suas ações.

Além das oportunidades vivenciadas nos corredores da escola em conversas com os alunos, algumas vezes quando não há condições, a EA limita-se ao espaço de sala de aula e da escola, uma vez que, os professores encontram algumas dificuldades para desenvolver seus

trabalhos fora do espaço escolar, como por exemplo, a realização de aulas de campo. Dessa forma, mesmo diante das dificuldades, os professores desenvolvem suas estratégias e se adaptam as “regras” da escola.

Essa situação ocorre nas Escolas Municipal Jurema e na Escola Estadual Caribeira, onde as atividades de EA fora dos limites da escola são coibidas pela direção/coordenação da escola. Situação que pode ser verificada abaixo:

(...) e como a gente não tem essa liberdade, a gente procura mostrar através de vídeos, de imagens de livros e o nosso próprio conhecimento, e pegar também conhecimento do próprio aluno. Trazer pra realidade o conhecimento dos outros. (HEUS9)

Eu levo o material, pesquisa, levo slide. A gente faz pesquisa, eu distribuo temas para que eles façam pesquisa individual, (...). (JULUS16)

Diante dessa situação, é importante destacar que, os professores representados pelas suas US acima, Henrique e Juliana, respectivamente, durante grande parte da realização da entrevista se mostraram “inconformados” com as coibições feitas as aulas fora dos limites escola, uma vez que, esses educadores estavam passando por alguns dilemas dentro de suas instituições de trabalho, dilemas esses voltados para as atividades que se propuseram a realizar durante a proposta da ação de produção das cartilhas autorais, a saber, a construção de uma horta em um terreno localizado ao lado da escola, e visitas de campo direcionadas para a observação e entrevistas voltadas para a questão da poluição do trecho do rio Capibaribe que fica próximo à escola.

Outras questões relacionadas à EA que é desenvolvida nos limites da escola podem ser destacadas na fala da professora Laura, quando esta afirma que: “(...) *tem aquela questão, eu tenho liberdade porque só tem eu em sala de aula e eu tenho liberdade (...)*”(LAUS13).

Essa situação ocorre na Escola Privada Juazeiro, onde segundo a professora Laura, apenas os professores que trabalham há bastante tempo nessa instituição, encontram espaço e liberdade para desenvolver a EA.

Mesmo diante dessa situação, a professora Laura relata que desenvolve suas atividades de EA dentro da sala de aula, uma vez que, esta ainda se constitui em um espaço de liberdade para o desenvolvimento das mesmas.

Situação parecida é também destacada pela professora Clara, da Escola Municipal Mulungu, quando afirma que suas ações de EA na sala de aula estão relacionadas à falta de espaço e tempo dos professores para desenvolver outros tipos de atividades. “*Às vezes a gente*

não tem muito tempo, muito espaço, mas na sala de aula na realidade é a gente quem dá as cartas, e eu sempre tive muita consciência disso” (CLUS33). Essa perspectiva está atrelada a concepção que a sala de aula é o lócus da prática docente. No espaço da sua disciplina é que o professor encontra maior liberdade para atuar, o que segundo Contreras (2012), precisa ser superado pelo entendimento da escola enquanto o contexto de trabalho do professor e não apenas a sala.

Categoria 5 – Os projetos constituem modos de planejamento e atuação em educação ambiental

(...) é a partir sempre de projetos (...). (CLUS13)

Os projetos de educação ambiental são práticas bastante desenvolvidas nas escolas, sendo considerados como uma alternativa promissora para o desenvolvimento da EA nessas instituições (PALMIERI& CAVALARI, 2012), uma vez que nossas investigações mostram que, a EA desenvolvida a partir de projetos ajuda a envolver vários professores durante o desenvolvimento das ações, previnem que a EA seja trabalhada apenas através de atividades pontuais e possibilita a participação de educadores e educandos em eventos de Iniciação Científica.

Assim, o trabalho com a educação ambiental a partir de projetos acontece na Escola Municipal Palma, através do engajamento de todos os professores que lecionam na referida instituição. Tais projetos são vivenciados durante todo o ano letivo, “(...)o projeto não é só um momento” (LEUS11), e ainda apresenta culminância através de exposições. Essa mesma situação ocorre na Escola Privada Xiquexique onde os projetos de EA que também são vivenciados durante todo o ano letivo, apresentam culminância em *Mostras Culturais* e *Mostras Ambientais*.

Na EREM Catingueira, os projetos de EA são desenvolvidos com grupos de alunos que realizam pesquisas e trabalhos que são apresentados em determinados eventos de Iniciação Científica da área⁶. Nessa situação, a professora Júlia, que trabalha na referida instituição educativa, afirma que uma das desvantagens de trabalhar dessa forma, é que “(...) não dá pra

⁶ Como a participação da Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural de Pernambuco (JEPEX-UFRPE), evento aberto para as inscrições de trabalhos de professores e alunos do ensino médio envolvidos em pesquisas.

trabalhar com todo mundo, (...)” **JUUS18**, uma vez que esse tipo de trabalho demanda bastante tempo e esforço do professor.

Diante dessa situação, acreditamos que se faz necessário o planejamento de projetos coletivos, que envolvam toda a comunidade escolar, e que esses projetos estejam ligados ao Projeto Político Pedagógico da escola, como tentativa de superarmos essa “exclusão” de alguns alunos dos projetos de EA, bem como engajar a equipe pedagógica nas ações.

Sendo assim, além dos projetos de educação ambiental que são planejados e desenvolvidos pelos próprios professores, há também o engajamento desses professores em projetos externos os quais aumentam as possibilidades de desenvolvimento de atividades de EA, como pode ser visto na **Categoria 14**.

Categoria 14 – Os projetos externos ampliam as possibilidades das atividades de EA na escola

E o Águas de Areias possibilitou isso. (ISUS3)

O envolvimento dos professores e de suas instituições educativas em projetos externos, projetos desenvolvidos por instituições governamentais ou não governamentais e que chegam à escola, ampliam as possibilidades de desenvolvimento de ações de EA na escola. Em alguns casos esses projetos externos podem se constituir como incentivadores do início das ações de EA, como retrata o professor Bruno, que começou a trabalhar com a EA na Escola Municipal Mulungu apenas a partir do seu envolvimento com o Projeto Água de Areias.

Além de possibilitar o despertar para o desenvolvimento de ações de EA na escola, os projetos externos podem agregar professores na abordagem de questões ambientais, como aponta a professora Clara: *“por a gente fazer parte de um projeto que é o COOPERJOVEM estimula muito esse trabalho é de cooperação. Então a gente consegue envolver outros professores” (CLUS16)*.

Outro aspecto dos projetos externos é a possibilidade de ampliar a relação com as comunidades do entorno da escola, através de ações de extensão. No caso do COOPERJOVEM as atividades de EA buscam desenvolver o cooperativismo na comunidade: *“(…) que não sejam projetos que beneficiem só a escolas, mas que eles repercutam na comunidade, que traga a comunidade pra escola, que leve a escola para fazer ações na sociedade, (...)*” **(CLUS18)**.

A participação dos educadores e de suas instituições educativas em projetos externos também apresenta a potencialidade de auxiliar na formação desses educadores. Tal situação

ocorreu na Creche Municipal Ipê Roxo, onde a coordenadora e algumas professoras puderam participar de atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto Águas de Areias, que, serviram para direcionar e auxiliá-las no desenvolvimento de ações de EA direcionadas para a educação infantil, como pode ser observado nas US abaixo:

E o Águas de Areias possibilitou isso. Pelo menos como coordenação pude participar das formações de lá e diante disso desenvolver as atividades com elas. (ISUS3)

As professoras daqui participaram de algumas formações, então isso que nos ajudou a vivenciar as atividades de EA, as que são de mais ludicidade. (ISUS7)

O envolvimento dos professores e de suas instituições educativas em projetos externos contribui para o envolvimento e participação dos educadores e alunos em eventos científicos. Tal situação ocorre na EREM Catingueira através da participação de alguns professores e alunos em um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, o *De olho na água do Capibaribe*. A educadora Júlia relata que essa parceria é muito importante, pois a mesma possibilita a participação dos alunos em eventos de pesquisas através da apresentação de artigos desenvolvidos durante da realização de atividades vivenciadas no âmbito do projeto.

Essa participação em eventos e desenvolvimento de pesquisas na escola possibilita que a escola e seus atores sejam vistos não como expectadores ou agentes passivos de uma escola reprodutora do conhecimento, mas sim, como uma escola produtora de conhecimento e seus atores como agentes críticos e atuantes (BEHRENS, 2005).

Categoria 3 – As atividades de educação ambiental realizadas fora da escola despertam aprendizagens e sensibilidades

(...) ele aprende quando ele vai pra o rio (JUUS14)

Esta categoria foi dividida em dois focos, que serão apresentados no decorrer da análise. Assim, o primeiro foco são as atividades de EA vivenciadas fora do espaço escolar e desenvolvidas com o objetivo de sensibilizar a comunidade.

Tal situação ocorre na EREM Catingueira, onde atividades de EA são frequentemente direcionadas para a sensibilização da comunidade do entorno em relação ao meio ambiente. Como por exemplo, ações que são realizadas durante a comemoração do “Dia da água”. Como afirma a educadora Júlia: “(...) sair da escola e tentar sensibilizar outras escolas em relação ao meio ambiente”. (JUUS12)

A mesma situação ocorre na Escola Municipal Umbuzeiro, onde as ações de educação ambiental são direcionadas para temáticas que envolvem principalmente a questão da agricultura, através da sensibilização e incentivo aos moradores locais a realizarem plantações, cultivo de hortaliças: “(...) *que quando eu comecei a trabalhar lá na Escola Municipal Umbuzeiro, (...), eu comecei a trabalhar com o pessoal incentivando a ir à feira do verde, a necessidade de plantar, de recolher aquele lixo. Então aqueles vizinhos lá da escola, eles começaram.*” (MAUS1)

O segundo foco dessa categoria revela que a EA desenvolvida fora da escola, principalmente através de visitas e observação do lugar no qual se vive, desperta a aprendizagem dos alunos e ainda contribui para o desenvolvimento de habilidades voltadas para a área da pesquisa.

Tal situação ocorre na EREM Catingueira, onde há um grupo formado em média por dez alunos que são orientados pela educadora Júlia. Esses desenvolvem diversas pesquisas e escrevem trabalhos que são apresentados e publicados em eventos ligados à área da EA. Dessa forma, a professora Júlia afirma que:

(...) a pesquisa é muito importante porque aí você incentiva o aluno a perceber (...), que ele não aprende apenas quando ele tá na sala de aula sentado e escrevendo, (...). (JUUS13)

(...) ele aprende quando ele vai pra o rio, identifica uma área de lançamento de esgoto sem tratamento, (...) eles pesquisando lendo outros artigos, (...). (JUUS14)

Ainda podemos destacar na fala da professora Júlia que a mesma se “contrapõe” a forma de trabalhar a EA nos moldes da pedagogia tradicional, modelo que ainda se encontra presente nas escolas, bem incorporado em sua organização e nas práticas do professor.

Dessa forma, podemos notar que a professora Júlia defende o desenvolvimento de uma EA pautada no conhecimento do lugar e que busque a reflexão do sujeito, situação que pode ser notada quando a educadora enfatiza que os alunos também aprendem quando esses se deparam com situações reais que envolvem as questões ambientais.

Concordamos com FREIRE (1980), quando este afirma que “Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (FREIRE, 1980, p. 35). Como forma de buscar desenvolver ações de EA que possam ultrapassar os limites enraizados pela educação tradicional na escola, permitindo o envolvimento dos alunos com sua realidade, na busca de

possibilitarmos reflexões direcionadas para os problemas ambientais vivenciados em nossa sociedade.

Categoria 6 – Atividades que têm dimensão lúdica despertam o interesse das crianças pela educação ambiental

Aí isso mexe no lúdico, na parte do real, aí a criança fica mais interessada pela aula

(LAUS7)

As atividades desenvolvidas através de viés lúdico contribuem para o interesse das crianças pelas ações que são realizadas. Dallabona & Mendes (2004) afirmam que o desenvolvimento de atividades lúdicas apresenta a potencialidade de abrir caminhos para que as crianças possam se expressar, analisar, criticar e transformar uma realidade. Tais atividades, quando bem orientadas, ainda apresentam a potencialidade de contribuir com a melhoria do ensino.

As professoras Laura, da Escola Estadual Juazeiro e Isabel da Escola Municipal Palma, têm em suas práticas procurado desenvolver atividades lúdicas, como pode ser verificado nas US abaixo:

(...), teve um dia em que eu falei sobre a utilização da água (...). Aí um dia antes eu mandei elas levarem as bonecas delas, e os meninos os carrinhos, aí eu falei, olhe essa água vai servir para vocês passarem o pano dentro de casa, (...). Aí isso mexe no lúdico, na parte do real, aí a criança fica mais interessada pela aula. (LAUS7)

Todas as atividades tiveram que ser nesse caráter de lúdicas, desde as confecções de maquetes com objetos reciclados, a implantação da horta, a confecção de cartazes. Então tudo passou por esse processo de ser lúdico. Então realmente tinha que ser em uma linguagem compreensível por eles, e tem que se lúdico. (ISUS8)

É importante ressaltar que as práticas lúdicas estão relacionadas a um viés que passa por uma EA comportamentalista, como por exemplo, o desenvolvimento de ações que possam contribuir para a economia da água que é utilizada dentro de casa, e a questão da reciclagem do lixo para a confecção de maquetes e cartazes.

Dessa forma, apesar de concordarmos com Dalabona & Mendes (2004) que afirmam que o lúdico contribui “(...) para a formação de cidadãos autônomos, capazes de pensar por conta própria, sabendo resolver problemas e compreendendo um mundo que exige diferentes conhecimentos e habilidades”, acreditamos que essas atividades precisam ser direcionadas para a vivência de ações que possa ser significativa para as crianças, e assim possibilitem que a criança compreenda e construa seu próprio conhecimento, na perspectiva de se tornarem

pessoas críticas que possam vir a atuar frente aos problemas ambientais vivenciados em nossa sociedade, e não apenas pautada na geração de comportamentos “corretos”.

4.3 TEMAS

Neste tópico intitulado “Temas” são apresentados os diferentes temas que são abordados na educação ambiental que é desenvolvida na escola.

Categoria 8 - O ambiente local oferece oportunidades para o trabalho de educação ambiental na escola

Eu procuro sempre contextualizar e mostrar os problemas daqui. (IVUS12)

As temáticas ambientais locais são vistas como oportunidade para geração de temas a serem trabalhados na educação ambiental na escola, principalmente como o objetivo de buscar soluções que possam influenciar na melhoria do lugar.

Na Escola Municipal Umbuzeiro, as temáticas ambientais locais estão presentes nos trabalhos de EA que são desenvolvidos na instituição, situação que podemos notar na fala da professora Mariana:

(...). Pronto, durante esse projeto trabalhamos bastante a retirada da areia, (...). Então, o que vai causar o desmatamento? Porque tem Caibeiras que são madeiras antigas que eles gostam de cortar, quem é carpinteiro, para trabalhar com móveis de boa qualidade. (MAUS16)

Vale salientar que a retirada de areia em leito seco de rios tornou-se um tema trabalhado na EA a partir do envolvimento dos professores com o Projeto Águas de Areias.

Outra questão observada é que a professora Mariana quando questionada sobre a EA que a mesma desenvolve na sua escola, na maioria das vezes, ela remete seu discurso para questões ligadas ao desmatamento e plantio: *Mas a gente desenvolveu muito é a forma de plantar, porque em 2009-2010 é lá o rio não secou, que o rio Taboca. (...). E todos tiveram a consciência dentro do próprio quintal” (MAUS7)*. Tal situação nos remete a questão do sujeito ecológico que, através da sua trajetória de vida ligada as questões ambientais, assume sua identidade e passa a refletir suas experiências em suas práticas diárias. Quando esse sujei-

to ecológico trata-se de um educador ambiental, essas influências de vida acabam se refletindo em suas práticas vivenciadas na escola (CARVALHO, 2008). Situação essa que ocorre com a professora Mariana que relata durante o momento de nossa entrevista a sua relação com as plantas ainda estabelecida durante sua infância.

O ambiente local também oferece oportunidade para geração de temáticas a serem trabalhadas na Escola Municipal Mulungu. O professor Bruno destaca a importância de trabalhar a EA a partir de temas ambientais locais, uma vez que permite ao aluno compreender certas questões e transmitir o conhecimento adquirido a outras pessoas.

Na Escola Municipal Jurema a EA trabalhada com temáticas locais é desenvolvida através da realização de sarau, e envolve principalmente os problemas ambientais enfrentados no entorno da escola, como por exemplo, os prejuízos causados pelo desmatamento no entorno da instituição.

Na Escola Particular Xiquexique, a educação ambiental é trabalhada através de uma conciliação entre as questões ambientais locais e o planejamento da escola, através de uma ligação entre os conteúdos abordados nesse planejamento e os problemas ambientais da localidade.

Nesse sentido, é de grande importância o desenvolvimento de ações de educação ambiental que busquem fazer uma contextualização com os problemas ambientais locais, uma vez que, esse tipo de trabalho pode se constituir em uma saída para se promover debates em relação a tais questões, e assim contribuir na formação de sujeitos capazes de compreender e intervir na sociedade, através de ações que possam ser capazes de produzir mudanças em relação aos problemas ambientais. Como aponta a professora Clara: “(...) *a gente tem que aprender a conviver e a valorizar*” (CLUS22).

As escolas aqui representadas, como já foram mencionadas anteriormente, encontram-se inseridas no bioma da Caatinga. Muitos professores têm percebido que, na maioria das vezes, os alunos não conseguem compreender a dinâmica que ocorre neste bioma, principalmente em relação ao clima Semiárido que dificulta a formação de chuvas na região. Tal situação muitas vezes se reflete na desvalorização do lugar, através de um sentimento de “não pertencimento”.

Dessa forma, a educadora Clara reforça a importância de desenvolver estratégias de educação ambiental contextualizadas com temáticas ambientais locais:

(...) tanto pra eles compreenderem a importância do bioma onde eles estão inseridos, porque às vezes eles não valorizam, não enxergam assim nenhuma beleza. Então é importante que eles tenham esse respeito, esse orgulho, (...) Um bioma único

no mundo que tem todas essas características, (...), e que a gente tem que aprender a conviver e a valorizar (CLUS22).

Em relação ao trabalho de EA ligado ao local, Grün (2008) propõe que as ações de EA sejam desenvolvidas de modo que possibilitem uma reapropriação social dos lugares, na perspectiva de nos “sentirmos no lugar”, perceber que fazemos parte de um lugar, só a partir dessa aproximação são possíveis ações comprometidas com transformações e melhorias locais. Para o autor os lugares foram absorvidos pelo espaço neutro e homogêneo da ciência moderna, dificultando nossa noção e percepção dos lugares e aprofundando a crise ecológica, por isso se faz necessário uma EA que valorize o lugar.

Categoria 9 - As relações entre o local e o global se complementam nas ações de educação ambiental

(...) começa do local e depois que a gente vai abranger outras áreas também (MAUS11)

Os problemas ambientais locais são abordados no desenvolvimento da educação ambiental na escola, no entanto esse trabalho não fica apenas restrito às questões locais, pois, acabam sendo extrapolados e relacionados com problemas ambientais de outras localidades. Algumas vezes, essas ações são vivenciadas através da realização de projetos, como afirma a professora Mariana: “*A gente sempre trabalha, sempre faz um pequeno projeto principalmente visando o local, a gente começa do local e depois que a gente vai abranger outras áreas também*” (MAUS11).

A situação inversa também acontece, quando são abordadas as questões ambientais globais e os educadores fazem uma ligação com os problemas da localidade:

(...), porque mesmo quando trabalhamos as questões mais globais assim, a gente acaba fazendo uma análise de como isso se dá aqui. (CLUS20)

Essa perspectiva de articulação entre as questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais está em consonância com os princípios básicos da EA presentes no artigo 4º, parágrafo II da Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999).

Nesse sentido, acreditamos que o trabalho de EA direcionado as ações que permitam a compreensão de questões ambientais do ponto de vista global e local, precisa ser direcionado

numa perspectiva crítica, uma vez que, segundo Loureiro (2007) uma EA pautada em um viés crítico procura desenvolver práticas que possam contextualizar questões sociais e ambientais para a formação de sujeitos que possam intervir em suas realidades.

Categoria 10 – A temática do lixo é muito valorizada na escola

Então, o lixo é uma questão que trabalhamos bastante (ISUS19)

As ações de EA trabalhadas nas escolas têm sido em sua maioria voltada para a abordagem da temática do lixo, com ênfase no desenvolvimento de comportamentos voltados para a coleta, separação, reciclagem, desperdício e o descarte correto do lixo.

A separação e reciclagem do lixo aparecem nas práticas desenvolvidas pela Creche Municipal Ipê Roxo, onde são confeccionadas “lembrancinhas” para os alunos, a partir de material reciclável. Assim, a professora Isabel afirma que: “(...). Lá nós temos a separação de lixo, boa parte das lembrancinhas são confeccionadas já com recicláveis (...)”(ISUS15).

Na situação acima, podemos perceber que para a educadora Isabel, o ato de separar embalagens que posteriormente serão usadas na confecção de objetos, se constitui em um trabalho de EA. Diante dessa situação, acreditamos que, além do recolhimento das embalagens que seriam descartadas no lixo, a atividade de EA voltada para essa ação poderia ser complementada através de discussões voltadas para a questão do consumismo, respeitando a faixa etária de cada criança, na perspectiva de produzirmos práticas de EA mais significativas.

Nessa discussão ainda podemos perceber que o lixo é bastante trabalhado na escola, uma vez que este é apontado por alguns professores como sendo um problema da localidade. Tal situação pode ser verificada nas US que representam a fala dos professores Bruno e Mariana, respectivamente:

(...) agora com os outros professores, por exemplo, Libânea ela tenta, é vai muito lixo, muito retalho de tecido pro lixo, ela faz uma reciclagem desse tecido e faz alguns artesanatos. (BRUS14)

Então a gente trabalhou essa consciência ambiental na comunidade, porque lá tem fabricos, muito lixo, resto de tecido, e eles não tem a noção assim de como economizar nada, de como reaproveitar aquele tecido. Então é tudo jogado. (MAUS6)

O lixo composto por retalhos de tecido se constitui em um problema ambiental na região do Alto Capibaribe, uma vez que o município de Santa Cruz do Capibaribe é um grande polo de confecção de roupas, e boa parte da população do município e da região trabalha com

a costura. Os resíduos têxteis, muitas vezes, são descartados de forma incorreta e geram problemas ambientais.

Outra questão ligada ao problema local do lixo trata-se da deficiência da coleta desse material, como podemos notar nas US abaixo:

(...) semanalmente a gente trabalha em sala de aula a importância do meio ambiente, a importância (...) de não se jogar o lixo de não se queimar o lixo de não enterar o lixo. (HEUS12)

(...). E também tem o lixo. Existe a preocupação de queimar o lixo porque não tem coleta. (MAUS18)

Nas US acima podemos perceber que a queima do lixo produzido se constitui numa prática bastante comum na localidade. Os professores Henrique e Mariana enfatizam a importância de trabalhar a temática do lixo na escola, uma vez que essa prática que é muito comum na região, por se tratar de áreas rurais nas quais a coleta do lixo é realizada de forma precária.

Na Escola Municipal Mulungu, a educação ambiental trabalhada através da temática do lixo é desenvolvida principalmente com o objetivo de tentar modificar ações e comportamento dos alunos em relação ao descarte incorreto do lixo: “(...) *saber onde jogar, como eles não têm essa consciência, eles jogam em qualquer lugar, é isso que a gente tem o maior trabalho para tentar mudar, (...)*” (BRUS11).

No entanto, apesar dos trabalhos voltados para a mudança de comportamento em relação ao descarte incorreto do lixo, muitas vezes essas ações acabam sem um retorno positivo. Como percebe o educador Bruno, quando afirma que apesar do tema do lixo ser bastante trabalhado na escola, os alunos ainda continuam fazendo o descarte incorreto do lixo. Situação essa que pode ser notada quando o professor afirma que “(...) *lá escola eles utilizam a janela como lixo, como lixeira. Jogam as coisas pela janela, e é uma briga toda vez. Eu digo saia da sala pegue o lixo e traga pra dentro do lixeiro*” (BRUS12).

Assim, diante da situação exposta acima, fica evidente que a temática do lixo é bastante trabalhada na EA escolar, através de ações direcionadas, principalmente, para a mudança de comportamentos. Nessa perspectiva, Layrargues (2002) afirma que apesar da complexidade apresentada pela temática do lixo, e das diversas possibilidades de abordagens que podem direcionar as práticas pedagógicas dos professores, ainda persistem nas escolas trabalhos reducionistas, direcionados para a coleta seletiva ou descarte correto do lixo, deixando de fora uma reflexão mais crítica que envolva valores do consumismo, do industrialismo, do modo de produção capitalista e os aspectos políticos e econômicos do lixo.

Além da valorização do trabalho com a temática do lixo no desenvolvimento da educação ambiental, as questões locais que envolvem a água também são muito usadas para direcionar alguns trabalhos de EA na escola, como pode ser visto na categoria 11.

Categoria 11 – As questões que envolvem a água da região orientam certos trabalhos de EA na escola

(...) aí um problema que a gente vê sempre com eles é a questão da água (LEUS22)

As questões ambientais locais que envolvem a temática água acabam orientando diversos trabalhos de educação nas escolas, visto que, nos últimos anos a região tem passado por um período de seca e enfrentado situações de escassez hídrica. Na Escola Municipal Palma os trabalhos de educação ambiental sobre a temática da água são desenvolvidos com foco voltado para as doenças transmitidas através da água contaminada. A professora Léa justifica que esse tipo de trabalho tem sido desenvolvido por que em tempo recente houve um surto de hepatite na comunidade do entorno da escola. Sendo assim, a partir dessa problemática, existiu a preocupação de realizar trabalhos voltados para a conscientização em relação aos cuidados que devemos ter com a água que consumimos para evitar surgimento de doenças.

Além dessa abordagem, a temática da água ainda é trabalhada nessa escola através da história da nascente do rio Capibaribe, uma vez que a mesma fica localizada no município de Poção, local onde a instituição encontra-se inserida.

Na Escola Municipal Mulungu o tema água é abordado com foco no uso consciente desse recurso. O educador Bruno afirma que trabalha com a temática da água, na referida instituição, por causa da situação do município que tem enfrentado período de escassez, no qual os moradores precisam comprar água para que possam realizar suas necessidades básicas, como por exemplo, tomar banho e cozinhar. Outra questão trabalhada na referida escola diz respeito ao rio Capibaribe, através do desenvolvimento de trabalhos voltados para a questão da seca, da vegetação da Caatinga e da convivência com o Semiárido.

Na EREM Coroa-de-frade a educação ambiental desenvolvida a partir da temática da água é realizada através da observação dos impactos ambientais gerados em afluentes do rio Capibaribe que passam próximos à escola.

Da mesma forma, na EREM Catingueira os trabalhos de educação ambiental também envolvem o rio Capibaribe como principal questão, além disso, ainda são abordados os pro-

blemas relativos aos resíduos sólidos gerados pela grande quantidade de lixo, retalhos de tecidos produzidos pela confecção de roupas e ainda, a falta de árvores na cidade.

Ainda na EREM Catingueira, dois professores se destacam em relação aos trabalhos de EA que desenvolvem com seus alunos, a professora Júlia e o professor Geraldo. Desses trabalhos, são gerados artigos produzidos em conjunto com os alunos, e que são divulgados em eventos acadêmicos. As principais temáticas ambientais que norteiam esses trabalhos dizem respeito à questão local da água e a vegetação da Caatinga.

4.4 AS PEDRAS NO CAMINHO

Neste tópico intitulado “As pedras no caminho” são apresentadas algumas dificuldades que os professores enfrentam no desenvolvimento da EA.

Categoria 14 – A falta de apoio à educação ambiental por parte da gestão/coordenação escolar dificulta o desenvolvimento da EA na escola

(...) é justamente por falta de apoio, a gente não tem (JULUS1)

As dificuldades relacionadas à falta de apoio por parte da gestão/coordenação às ações de educação ambiental que são desenvolvidas dentro e fora do ambiente escolar, podem desmotivar os professores que se propõem a trabalhar com temáticas ambientais.

Tal situação é vivenciada na Escola Estadual Caraibeira, quando a professora Juliana relata que ao ingressar no Projeto Águas de Areias e levar o projeto para a escola, ela se sentiu impedida de dar continuidade a suas ações, pois a coordenação não permitiu que os alunos saíssem de sala de aula para realizarem trabalhos de campo. Diante das coibições impostas pela coordenação/direção da escola em relação às ações de EA, a professora Juliana afirma que se sente “desprotegida” ao decidir dar continuidade aos trabalhos de EA, uma vez que a mesma é uma funcionária contratada, e acredita que seu comportamento pode prejudicar sua continuidade na escola.

Outra questão que dificulta os trabalhos de EA na escola é a falta de compreensão por parte da coordenação/direção da escola em relação às necessidades formativas dos professores. Participar de momentos de formação continuada é uma tarefa difícil para alguns, visto que, os mesmos só podem ausentar-se da instituição se deixarem um professor substituto, é o

que exemplifica a professora Juliana, da Escola Estadual Caraiqueira, quando decidiu participar das formações do Projeto Águas de Areias.

A situação aponta o que ocorre em muitos casos, a falta de apoio e também de compreensão da gestão da escola sobre a importância da formação continuada na melhoria da ação docente e conseqüentemente da prática pedagógica na escola.

As dificuldades e impedimentos da participação dos professores em formações continuadas contraria a PNEA, lei que traz em seu parágrafo único do artigo 11º que “Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental” (BRASIL, 1999).

Diante do exposto concordamos com Guimarães *et al* (2012) quando afirmam que a falta de apoio da direção da escola às propostas de EA se constitui em um obstáculo a ser vencido, uma vez que esse apoio é fundamental para que a EA não ocupe um espaço periférico ou até mesmo fique sem espaço na escola.

Por outro lado, diferente das situações de proibição que ocorrem nas escolas supracitadas, na Escola Municipal Palma a coordenação/direção concede total liberdade para os professores realizarem suas atividades de EA. No entanto, a dificuldade que tem sido encontrada diz respeito à falta de participação e colaboração da família dos alunos. Isso mostra que além de se transformar para inserir a EA, a escola também tem uma missão junto à comunidade de pais e do entorno, devendo estender suas ações para além dos muros da escola.

Categoria 15 – A estrutura e organização curricular criam obstáculos para o professor desenvolver práticas de EA

(...) a escola no Brasil ela ainda é muito burocrática. (JUUS25)

A estrutura escolar vigente tem representado um obstáculo para o professor que pretende desenvolver a educação ambiental, segundo a educadora Júlia, as instituições escolares no Brasil ainda valorizam bastante o aprendizado baseado na passividade do aluno em sala, *(...) na escola no Brasil ainda é muito complicado (...), sala de aula o tempo todo sentado na cadeira, ouvindo alguém falar, lendo muito, (...).* (JUUS7)

A situação relatada acima nos revela que apesar do surgimento de várias correntes pedagógicas que buscam colocar o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem de

forma mais ativa, a pedagogia tida como tradicional ainda prevalece nos espaços educativos, e esta tem repercutido na EA que é desenvolvida nas escolas, principalmente no que diz respeito a grande valorização dos conteúdos que precisam ser abordados dentro da sala de aula.

Quanto a isso a educadora Júlia afirma que “(...) *a escola no Brasil é muito ainda conteudista (...)*”, fazendo alusão à grande quantidade de conteúdo presente nas disciplinas, situação essa que acaba tomando bastante tempo do professor que precisa seguir a risca um cronograma, e que muitas vezes não sobra “tempo livre” para o mesmo desenvolver outras atividades, como por exemplo, a educação ambiental.

As cargas horárias extensas também acabam desmotivando os professores em relação ao desenvolvimento de atividades de EA. Como afirma a educadora Júlia: “*Outra é a própria carga horária, a carga horária ela é imoral com a gente (...)*” (JUUS24).

Essa situação poderia ser revertida se os currículos que são trabalhados nas disciplinas escolares apresentassem uma comunicação entre si, aumentando assim a possibilidade da abordagem das temáticas ambientais, principalmente através de uma visão interdisciplinar.

Diante dessa situação, se fazem necessárias mudanças na organização curricular da escolar. Mudanças essas que possam proporcionar uma diminuição dos efeitos causados pela fragmentação do saber e a ausência de comunicação entre as diversas áreas do conhecimento escolar, temas que são de grande importância para que os alunos cheguem a uma compreensão global da questão ambiental, e que possam gerar ações mais conscientes (GUIMARÃES *et al*, 2012).

Desta forma, mesmo diante das dificuldades citadas, alguns professores ainda conseguem desenvolver estratégias, na perspectiva de aliar a educação ambiental aos conteúdos abordados em um cronograma rígido, garantindo assim que a EA seja trabalhada na escola. Como afirma a educadora Laura: “*Assim, tem pessoas que quando se acomoda, vê isso como um empecilho, mas para eu trabalhar outro tema eu não vejo como empecilho*” (LAUS3).

A análise também indica que a pouca quantidade de professores que trabalham na escola também se constitui uma dificuldade para o desenvolvimento de algumas ações de EA. Isso acontece na Escola Municipal Mulungu onde os professores que lecionam no turno da tarde encontram dificuldades para realizar atividades de EA fora do ambiente escolar, uma vez que a saída de um ou mais professores para acompanhar os alunos durante essas atividades, acaba comprometendo as aulas do dia que serão ministradas em outras turmas.

Outra questão diz respeito à exclusão de alguns alunos dos trabalhos de educação ambiental que são desenvolvidos na escola. Situação que ocorre na EREM Catingueira, uma instituição que apresenta uma grande quantidade de educandos. Nessa situação, a professora Jú-

lia afirma que sente dificuldades em realizar seus trabalhos de EA com todos eles, e dessa forma, a mesma precisa selecionar apenas um pequeno grupo de alunos para que possa desenvolver seus trabalhos. A professora ainda relata que mesmo trabalhando com um pequeno grupo de alunos, encontra dificuldades, pois os educandos precisam de orientação e de dedicação, situação que às vezes acaba sobrecarregando a professora.

Assim, além do dos problemas que os professores enfrentam em relação à escola, o trabalho solitário com EA na escola desenvolvidos pelos educadores também se torna uma dificuldade para o desenvolvimento da EA na mesma, como poder ser visto na categoria 17 abaixo.

Categoria 16 – O trabalho solitário na educação ambiental

(...) na realidade esses projetos terminam sendo meio solitários (CLUS15)

Enfrentar o trabalho de educação ambiental de forma solitária para é um desafio para os professores que se propõem a desenvolver atividades. Na Escola Estadual Algaroba, por se tratar de uma instituição de grande porte, e com um grande quantitativo de professores, a professora Clara nos relata que os educadores, em geral, se recusam a se envolver nos trabalhos de EA que são vivenciados nessa instituição, uma vez que acreditam que as ações de EA na escola “demandam muito trabalho”. A educadora ainda afirma que:

(...) dificuldade é justamente a falta de interesse de muita gente em participar, porque assim, quando você faz um projeto você trabalha com um grupo de professores é muito melhor, é muito mais rico, em geral é. (CLUS26)

Essa dificuldade de envolver professores em torno da educação ambiental vista na Escola Estadual Algaroba prejudica o desenvolvimento de práticas de EA na escola. Narcizo (2009) aponta que os trabalhos de EA que são vivenciados por grupos pequenos, ou até mesmo de forma solitária, podem ter pouco sucesso na transformação dos indivíduos envolvidos.

Categoria 17 – A falta de fontes de informações direcionadas a EA para o ensino infantil dificulta o desenvolvimento da EA na escola

(...) falta de informação, de material de EA (ISUS20)

A carência de materiais que contenham informações direcionadas a educação ambiental para o ensino infantil, também se constitui em uma dificuldade para o desenvolvimento da EA na escola. A educadora Isabel afirma que sempre teve a preocupação de trabalhar com temáticas ambientais, porém, a mesma sente dificuldades relacionadas à falta de materiais que possam direcionar as atividades de EA para crianças. Como afirma a educadora Isabel:

Nós tínhamos a preocupação de trabalhar com tema da EA, mas não tínhamos subsídios suficientes para lhe dar. São crianças pequenas, e realmente a gente não tinha acervo, material de pesquisa na escola. Só a internet, mas a gente não tinha algo assim estudo estabelecido com o tema para que a gente pudesse desencadear atividades pra ser feita com eles. (ISUS2)

Ainda segundo a educadora, apesar da EA ser um tema constantemente divulgado nas mídias, ainda existe uma carência em relação à abordagem da EA em livros didáticos, local onde geralmente os professores buscam embasamento e orientações para desenvolver suas atividades.

A educação ambiental é formalizada no Brasil a partir da publicação da Política Nacional de Meio ambiente (1981), através da inserção da EA em todos os níveis de ensino. Mais tarde, outros documentos oficiais como a Constituição Federal Brasileira, nossa carta magna e a formulação da PNEA, legislação própria da EA, reforçam a ideia de inseri-la em todos os níveis de ensino.

No entanto, apesar da indicação legislativa sobre a necessidade de inserção da EA em todos os níveis de ensino, Ruffino (2003) afirma que a política de EA desenvolvidas pelo MEC é mais voltada para o ensino fundamental do que para o ensino infantil, o que pode ser evidenciado nos documentos que servem como referenciais e diretrizes para a educação no Brasil, como por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais que apresenta o tema transversal “Meio Ambiente” (5^a a 8^a série) e o “Programa Parâmetros em ação de Meio Ambiente”, um guia para o desenvolvimento da temática ambiental e de projetos de EA. O autor ainda pontua que além dos documentos educacionais, em geral, os cursos de formação continuada e os materiais produzidos e disponibilizados na área da EA, são em sua maioria voltados para professores do ensino fundamental.

Uma saída para os professores da educação infantil tem sido o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998). Contudo, apesar de no texto existir a abordagem da questão ambiental direcionada para a educação infantil, ele não apresenta os princí-

pios, objetivos e metas da educação ambiental para o nível de ensino, logo, dificulta orientações para operacionalizar a EA nesse nível de ensino. (RUFFINO, 2003)

Essa carência pode gerar práticas de EA no ensino infantil fragilizadas, uma vez que nem sempre os professores dispõem de recursos para aquisição de materiais que possam embasar suas práticas. Situação que pode acarretar no desenvolvimento de ações sem qualquer tipo de orientação ou deliberação governamental (RODRIGUES, 2011).

Nesse sentido, se faz necessário a formação continuada dos educadores, através de formações que busquem direcionar o desenvolvimento de práticas de EA para cada nível de ensino, possibilitando assim aos professores vivenciarem suas práticas no ensino infantil de forma direcionada e possam gerar resultados.

Além das dificuldades enfrentadas pela falta de informações direcionadas a EA para o desenvolvimento da mesma na escola, os problemas de logística também acabam dificultando a execução de projetos/ações de educação na escola, como pode ser visto na **Categoria 19** abaixo.

Categoria 18 - Os problemas de logística dificultam a execução dos projetos/ações de educação ambiental na escola

(...) muitas vezes a escola não tem recurso para bancar um projeto (IVUS14)

As ações/projetos de educação ambiental que são desenvolvidos na escola encontram diversos problemas relacionados com a logística, que na maioria das vezes tem dificultado ou até mesmo impedido a realização de certas ações/projetos.

Um desses problemas encontra-se relacionado à falta de recurso financeiro para a realização de projetos de EA. Fato que ocorre na EREM Coroa-de-frade, onde existe a intenção por parte de um educador em realizar projetos direcionados para a construção de horta na escola. Todavia, os problemas financeiros e até mesmo a questão local relacionada à falta de água na região na qual a escola encontra-se inserida, tem se constituído em uma barreira para o desenvolvimento desses projetos.

A mesma situação relacionada à falta de recurso financeiro, também acontece na EREM Catingueira, onde a instituição possui uma programação voltada para a *Semana da Água* e envolve atividades vivenciadas em outras escolas e comunidades. A falta de recurso financeiro muitas vezes acaba comprometendo essa atividade, como relata a educadora Júlia: “(...)

a gente não consegue dar uma dinâmica melhor, fazer um evento melhor que a gente possa até convidar outras escolas, que a gente possa convidar pessoas de outros municípios de uma maneira geral porque a gente não tem dinheiro” (JUUS27).

Além da questão financeira, a falta de materiais que possam ser utilizados nas ações/projetos de educação ambiental também se constitui em dificuldade para o desenvolvimento da EA na escola. Situação essa que ocorre na Escola Particular Xique-xique.

Entretanto, apesar das dificuldades relacionadas à falta de materiais que possam ser utilizados nas ações/projetos de EA na escola, algumas vezes os professores acabam desenvolvendo algumas estratégias, e garantem o desenvolvimento de suas ações/projetos de EA na escola. Situação que ocorre com a professora Léa quando a mesma afirma que: “(...) *Mas aí foi a questão mesmo da falta de material que levou a gente a começar a reciclar, porque aí foi só uma maneira da gente continuar com nossas aulas sem que o material fosse um empecilho” (LEUS26).*

A falta de transporte para a realização de ações/projetos de educação também se constitui em uma dificuldade para o desenvolvimento da EA na escola, como relata o educador Paulo: “*Eu quero fazer, eu quero sair com uma aula de campo com meus alunos, não tem o transporte” (PAUS21).* Os educadores ainda afirmam que muitas vezes as aulas de campo de EA acabam sendo comprometidas, uma vez que a escola não possui recursos para financiar essas ações.

A questão da falta de espaço físico também se constitui em uma dificuldade para a realização das atividades de EA na escola, pois compromete a realização de algumas ações/projetos. Tal situação ocorre na Escola Municipal Mulungu, onde o professor Bruno afirma que: “(...) *se tivesse mais espaço, um espaço tipo com grama com terra poderia ser feito algumas coisas, reciclagem de casca de alimento, fazer adubo e plantação (...)*” (BRUS23).

Categoria 19 – Quando a educação ambiental integra o jogo do mercado.

Em uma ela é produzida como um jogo de marketing (LAUS26)

Na Escola Privada Juazeiro, a dificuldade encontrada pelos professores para desenvolver a educação ambiental nessa instituição, diz respeito à falta de espaço para que outras ações de EA sejam desenvolvidas na escola, uma vez que, segundo a professora Laura, as atividades de EA nessa instituição sempre são vivenciadas em uma chácara que pertence à pro-

prietária da escola, e tais ações são realizadas com o objetivo de buscar uma promoção para a escola. Como afirma a educadora Laura:

Em uma ela é produzida como um jogo de marketing. Eles têm uma fazenda particular que serve para plantação, serve para os alunos praticarem isso do fundamental I, mas só para a divulgação da escola que ta tendo aquele projeto. (...). (...) para a promoção da escola, para o crescimento da escola. (LAUS26)

Para Silva (2013) a entrada da EA na escola está diretamente relacionada à dinâmica institucional e os sujeitos que a compõem, bem como os interesses dos mesmos que podem ser os mais diversos, no caso da Escola Privada Juazeiro a motivação da gestão relaciona-se ao prestígio que a escola recebe ao desenvolver suas práticas.

4.5 O CONFORTO E MOTIVAÇÃO

Neste tópico intitulado “O conforto e motivação” são apresentadas as facilidades que a educação ambiental encontra para que seja desenvolvida no espaço escolar.

Categoria 12 – O apoio da comunidade escolar facilita o desenvolvimento da educação ambiental

E aí a gente tem total apoio (JUUS28)

O apoio da comunidade escolar às ações de educação ambiental que são desenvolvidas na escola é de grande importância, uma vez acaba motivando os professores a dar continuidade a suas ações.

Na Escola Municipal Munlungu, os professores recebem total apoio na condução de suas atividades de EA. Como relata o educador Bruno: “(...) *pela equipe da escola, eles sempre é estiveram abertos para qualquer proposta pra a gente trabalhar*” (BRUS24).

Da mesma forma ocorre na EREM Catingueira, onde alunos, professores, direção e equipe administrativa da escola, acabam apoiando as ações de educação que são desenvolvidas.

Ainda na EREM Catingueira, o apoio dos professores as ações de EA vivenciadas na instituição ocorre principalmente durante as atividades que são realizadas no *Dia da Água*, onde todos os educadores se envolvem e acabam contribuindo de alguma forma com o desenvolvimento de tais atividades. Como relata a educadora Júlia:

Nessa atividade do Dia da Água a gente pega um professor e ele só fotografa (...). Outro professor já vai com o carro de som na frente falando o que é o evento, falando para economizar água, outros professores já vão com a faixa para o sinal de trânsito e cada um participa de alguma maneira (JUUS28).

Na Escola Municipal Umbuzeiro o professor também encontra liberdade e apoio para trabalhar a EA, como relata a educadora Mariana: *“Olhe, na minha escola eu sempre tenho assim uma liberdade de trabalhar aquilo que eu quiser. O gestor, secretário, coordenador eles nunca impuseram nada, eu tenho liberdade de trabalhar” (MAUS20).*

Na Escola Municipal Palma, as ações são apoiadas e desenvolvidas por todos os professores que lecionam na instituição e também pela coordenadora. Nessa instituição, como foi abordada anteriormente, a EA teve início a partir da iniciativa da coordenadora da escola. Como relata a educadora Léa: *“Aí, a partir daí foi juntando os professores e dando ideias, aí a gente pensou no projeto de reciclagem” (LEUS3).*

Na Escola Municipal Jurema as ações de EA recebem apoio da equipe escolar, de um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e de duas ONGs, a saber, a Associação Fazenda Fieza de Educação Ambiental (AFFEA) e a Associação Águas do Nordeste (ANE). Como relata o educador Henrique:

(...) antes eu não tinha nem o conhecimento e nem o apoio que eu recebo hoje. O apoio (...) dos colegas da escola que eu trabalho, do (...) Projeto Capivara, isso fortaleceu muito minhas ideias através do conhecimento, e também (...) seu Paulo de Dona Tânia (...). (...) no projeto ANE hoje super satisfeito, onde eu encontro ideias para projeto, projetos que são idealizados e são vivenciados (...). (HEUS5)

Enquanto as escolas citadas acima recebem apoio de sujeitos que compõem a comunidade escolar para a realização das ações de EA que são desenvolvidas, inclusive apoios externos, na Escola Estadual Caraipeira, as ações de EA não recebem muito apoio, todavia, a educadora que trabalha com a EA na referida instituição afirma que, mesmo com algumas coibições feitas pela gestão/coordenação, ela não desiste de realizar seus trabalhos. Um dos motivos para essa persistência diz respeito à vontade dos alunos de querer desenvolver trabalhos que abordem as questões ambientais. Como relata a educadora Juliana: *“Os alunos. Eu acho que é quando eu entro na sala e os alunos querem dar um jeitinho, querem fazer tal hora e dão ideias para fazer tal dia”(JULUS22).*

Diante do exposto fica evidente a importância do apoio da comunidade escolar as ações de EA que são vivenciadas na escola, uma vez que tal apoio facilita a condução da EA e estimula os educadores a dar continuidade a suas ações.

Ressaltamos a importância da EA ser introduzida na escola a partir de encontros democráticos que possam envolver discussões com toda comunidade escolar, tomando o professor como peça importante nessas discussões, uma vez que, na maioria das vezes, são eles os responsáveis pela implementação e condução das práticas de EA desenvolvidas na escola (FERREIRA, 2013; BERNARDES & PRIETO, 2010).

4.6 INFLUÊNCIAS E ENGAJAMENTOS

Neste tópico são apresentadas as influências e engajamentos que contribuíram para a formação da identidade do educador ambiental, entendendo por “identidade” um atributo que emerge das narrativas do sujeito e, portanto, integra os sentidos que eles dão a suas experiências.

Categoria 21 – A vida familiar próxima à natureza

Por morar na zona rural (ISUS10)

A vivência na zona rural possui influência no engajamento dos educadores ambientais. Alguns deles relatam que ainda moram nessa região, e que é justamente essa relação que contribuiu para essa identidade, como afirma a educadora Isabel: *Por morar na zona rural, então eu estou diante, eu diria que, diante do foco da questão do meio ambiente. (ISUS10)*

Outros educadores relatam que não moram mais na zona rural, no entanto, o fato de terem passado boa parte da infância nesse local contribuiu muito para seus engajamentos como educadores ambientais. As falas de Clara e Henrique retratam isso:

(...) não sei se talvez (...) se tem a ver ou não porque eu cresci no campo, depois assim já maiorzinha que a gente veio morar na cidade, (...). (CLUS5)

Desde pequeno mesmo, apesar de eu já ser eu ainda me considero um agricultor, nasci e me criei na zona rural, (...). (HEUS3)

Além da ligação com a vivência na zona rural, a lembrança dos pais próximos à natureza durante a vida no campo, também influenciou na identidade de educadora ambiental. A professora Isabel relata que o fato de seu pai ser um agricultor e pecuarista, bem como a relação que sempre tiveram com a natureza, influenciaram em sua trajetória. Como relata a educadora Isabel: *“O meu pai é um agricultor, um pequeno pecuarista, então ele sempre teve a preocupação de ter sombras, ter árvores”* (ISUS11).

Além das lembranças dos familiares junto à natureza, a relação e cuidado com plantas e animais também ou na constituição dos educadores ambientais, como relata a educadora Clara e o educador Henrique, respectivamente:

(...) aí eu tive sempre essa relação muito forte com animais, com árvores (...). (CLUS6)

(...) sempre gostei muito de animais e de plantas. (HEUS4)

A EA está também imbricada com uma relação que é ética, estética, afetiva. O tipo de relação afetiva que estabelecemos com a natureza influencia a forma como percebemos e interagimos com ela. Os educadores Ivan e Isabel, respectivamente apontam:

Porque eu sempre eu gostei de plantas (...), e aqui na escola quem cuida das plantas sou eu. A parte de plantio de cuidado pra irrigar sou eu (...). (IVUS2)

(...) Então eu acho que as minhas melhores lembranças me influenciaram aqui na escola, (...) (ISUS13)

Diante das influências expostas acima, Carvalho (2008) ao analisar suas pesquisas, concluiu que na formação da identidade ambiental dos educadores, o encontro com a natureza boa e bela remete a fortes memórias que podem ser da infância ou até mesmo da vida adulta.

Da mesma forma, nossas investigações apontaram para o surgimento de fortes expressões que remetem a memórias ligadas à natureza, e que influenciaram na construção da identidade dos educadores ambientais. Como, por exemplo, “por morar na zona rural”, “meu pai é um agricultor”, “porque eu cresci no campo”, “sombras na beira do rio”, “árvores” “relação forte com animais e plantas”, “minhas melhores lembranças”.

Além de a vida familiar próxima à natureza contribuir para a formação dos educadores ambientais, a educação escolar e universitária também contribui nessa formação, como pode ser visto na **Categoria 23**.

Categoria 22 – A educação escolar e universitária

(...) uns dos primeiros trabalhos que eu fiz assim voltado a EA que foi um trabalho de especialização (CLUS24)

O engajamento do educador ambiental pode sofrer influência ainda durante a educação básica, principalmente através da participação em projetos e atividades direcionadas para a temática ambiental vivenciadas na escola. Com relata o educador Ivan e a educadora Clara, respectivamente:

Aí mais tarde é eu fui, comecei em outra escola e foi essa outra escola que eu me engajei em um projeto de EA (...). (PAUS10)

(...) eu lembro que na escola eu sempre eu participei de um prêmio de redação que era sempre com o tema ambiental, (...), eu acho que isso foi uma coisa assim que eu nunca esqueci. Então eu acho que isso pode ter sido uma coisa que serviu assim para despertar esse interesse. (CLUS7)

A inserção da EA na educação escolar básica é abordada no artigo 9º da PNEA, que em seu parágrafo primeiro afirma que a EA será desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privada, englobando a educação básica, através do da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio (BRASIL, 1999).

Nesse sentido, podemos notar que o trabalho de EA desenvolvido na educação escolar apresenta a potencialidade de formar cidadãos atuantes nas causas ambientais, e ainda abre possibilidades para que esses alunos em suas vidas adultas sintam-se influenciados a se engajarem mais ainda com as temáticas ambientais e, assim tornarem-se educadores ambientais.

Algumas vezes a formação universitária também pode ser fator que contribui para a construção da identidade de educador. A inserção da EA nos currículos das instituições públicas e privadas de ensino superior é citada no parágrafo II do artigo 9º da PNEA (BRASIL, 1999) e reforçada, recentemente, a partir da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Ambiental (BRASIL, 2012).

Dessa forma, com essa inserção da EA no ensino superior, algumas vezes o sujeito já inicia sua graduação com a inclinação de trabalhar com a EA, e durante o curso vai se identificando mais ainda com a área, como relata o professor Bruno: “*Desde antes de eu estudar na faculdade, eu já entrei com esse interesse de EA. Aí, lá fui vendo mais a fundo o que era e como se poderia trabalhar em sala de aula e tudo*” (BRUS4).

A inserção da questão ambiental deve ser hoje considerada algo imprescindível, no ensino superior, visto que essas instituições são responsáveis pela formação de diversos profissionais, inclusive professores. A incorporação da temática ambiental na formação universitária deve incentivar o diálogo entre as diversas áreas do saber, estimulando os alunos a se envolverem com as questões ambientais, para que os mesmos possam se posicionar em relação à realidade ambiental a nível local e até mesmo mundial (BERNARDES& PRIETO, 2010).

Outra via de acesso que apresenta a potencialidade de contribuir para a formação do educador ambiental são os cursos de especialização, como afirma o professor Ivan: “*Eu também já iniciei uma especialização em Gestão Ambiental. Então foi esse processo que me fez gostar da EA*” (IVUS3).

Alguns cursos de graduação em particular tendem a influenciar na formação do educador ambiental, visto que seus objetos de estudos frequentemente remetem à temática ambiental, como afirma a educadora Laura:

Assim, na parte de Geografia influenciou bastante. (...). De início eu fui por ir e depois eu me identifiquei com as disciplina. Não a parte política, mas a questão ambiental, que tem a Geografia Política como tem também a Ambiental. Essa parte influenciou bastante (LAUS23).

Em outros casos, a graduação pareceu não subsidiar a formação para a EA, como o exemplo das Ciências Sociais: *Não, a Ciência Social não. Eu não tenho, porque a questão de Geografia a gente pagou, mas foi aquela Geografia mais, bem Geografia Econômica.* (JULUS9)

No contexto da formação acadêmica, os educadores ambientais também se sentem influenciados por certos professores, como afirma a educadora Laura e o educador Paulo, respectivamente:

E eu tinha um professor também que é muito ligado nisso, que é Latalício, um professor da faculdade que eu me apaixonava só pelo jeito dele falar, ele era de EA (LAUS24).

“Mas assim, eu vim estudar aqui em uma escola do município e minha professora era de Ciências formada em Biologia, e me dava aula de Ciências e de Filosofia. (...) Então foi ali quando ela começou que passei a levar para essa realidade, (...)” (PAUS7).

Diante da situação acima, podemos perceber que não apenas o currículo expresso ativa aprendizagens, mas os modelos e exemplos que representam os professores para seus alunos.

Categoria 23 – A influência do exercício profissional

(...) em São Domingos tinha uma professora, (...) que era muito voltada para a questão ambiental, (...), aí eu trabalhava com ela, (...). (JULUS6)

O exercício profissional da docência, seja na área acadêmica ou até mesma na educação básica, foi um fator que contribuiu para despertar o interesse pela EA em alguns dos entrevistados. Esse foi o caso da professora Juliana, que afirma que sua identidade de educadora ambiental sofreu influência de dois professores que desenvolviam ações de EA na escola na qual ela lecionava. Como relata a educadora Juliana:

(...) tinha uma professora, é Elisângela que era muito voltada para a questão ambiental, e assim, querendo ou não ela trabalhava muito projetos, aí eu trabalhava com ela, (...). (JULUS6).

Depois disso veio Lenildo que veio com o Projeto Capivara, e aí a gente fez plantações nas margens do rio, e de lá ia assim a gente começou a sentir gosto pelo projeto (JULUS7).

Na Escola Municipal Palma, essa influência partiu da coordenadora da instituição, através de um convite que lançou aos demais professores, para que juntos pudessem desenvolver um projeto de educação ambiental voltado para a reciclagem do lixo. Como afirma a educadora Léa: *“Aí depois Luci chegou com o projeto e foi onde eu me engajei desde que comecei a ver não só a parte da reciclagem, mas também a parte da preservação de mata” (LEUS6).*

Em outras situações, na tentativa de superar algumas dificuldades presentes na escola, os professores acabam buscando alternativas para desenvolver suas práticas de EA, o que lhes desperta o interesse pela área, como aconteceu com a professora Léa quando indica que: *“Primeiro não foi tão ambiental, foi pelo gosto da arte. Trabalhar com o concreto. (...). Aí eu sempre busquei fazer oficinas, e pelo custo eu sempre preferi usar materiais que poderiam ser reciclados, (...).” (LEUS5).*

Categoria 24 – A participação em projetos contribuiu para o engajamento como educador ambiental

(...) me engajei no projeto Caritas Paroquial (PAUS9)

A participação do professor em projetos externos contribui para seu engajamento como educador ambiental, como relata o educador Paulo:

(...), me engajei no projeto Caritas Paroquial, (...), é um projeto da Igreja Católica (...), na época a gente começou a fazer visitas, (...) e de buscar um elo de sustentabilidade dentro da comunidade. (PAUS9)

E até mesmo o projeto ANE, o Águas de Areias foi um convite (...), e eu pude participar. Fui participar, gostei da proposta, (...). (PAUS12)

Essa participação também abre um leque de possibilidades para que os professores possam abordar diferentes temáticas ambientais na escola, além daquelas que os mesmos estavam acostumados a trabalhar.

A professora Léa relata que desenvolvia trabalhos de EA direcionados para a temática no lixo. No entanto, a partir do seu envolvimento com o Projeto Águas de Areias a educadora pôde participar de discussões direcionadas para a sustentabilidade hídrica no Semiárido, o que a possibilitou abordar outros temas na EA desenvolvida na escola.

Além da influência que a participação em projetos possui na construção da identidade de educador ambiental, a percepção e a sensibilidade frente aos problemas ambientais também contribuem para a construção dessa identidade, como pode ser visto na **Categoria de número 26**.

Categoria 25 – A sensibilidade frente aos problemas ambientais

(...) aí eu consegui acompanhar todo o processo de degradação do rio (JUUS3)

Os problemas ambientais locais também podem influenciar no engajamento do professor com a educação ambiental, principalmente através da observação do quadro de degradação do lugar onde se vive. Como afirmam os educadores Júlia, Paulo e Bruno, respectivamente:

Porque assim, como eu sou daqui (...), aí eu consegui acompanhar todo o processo de degradação do rio, aí eu despertei a partir do rio, de tentar pesquisar com meus alunos e ver qual era a visão deles a respeito do rio, e tentar de certa forma modificar essa realidade. E a partir daí eu começo a trabalhar e desenvolver trabalho na área de EA. (JUUS3)

(...) primeiro eu morava na zona urbana de Jataúba, fui morar com nove anos na zona rural e assim vi a necessidade de pessoas, moradias é completamente abandonadas, parte de lixo na porta das pessoas, e assim eu sempre tive esse olhar. (PAUS6)

(...) É o ambiente em volta que eu via na escola na televisão, mais pela degradação mesmo da natureza. (BRUS8)

Apesar das influências citadas nas categorias acima, algumas vezes o professor atribui seu engajamento como educador ambiental a algo que acontece naturalmente, outras vezes, os educadores não conseguem enxergar essa identidade. Situação que pode ser notada nas falas das professoras Clara e Léa, respectivamente:

É engraçado que eu nunca parei para pensar como tudo isso começou, porque é uma coisa tão assim que eu acho que foi tão natural (...) (CLUS4)

Por incrível que pareça eu não via essa identidade de educadora ambiental em mim (LAUS21)

As identidades, embora construídas socialmente, nas nossas relações com os outros e com o mundo, muitas vezes não há reflexão sobre essa “construção”, pois, por se tratar de um processo que envolve sucessivos encontros, engajamentos, vivências, rupturas ao longo da vida é difícil atribuir inícios, o sujeito ecológico está em constante formação e transformação (CARVALHO, 2001).

4.7 AS EXPECTATIVAS

Neste tópico são apresentadas “As expectativas” percebidas pelos professores diante da ação educativa de EA.

Categoria 20 - A educação ambiental possui uma dimensão ética que repercuti na vida e na prática docente

(...) a EA influenciou muito nisso mesmo, nessa questão de respeito (CLUS12)

As ações de EA idealizadas pelos professores em suas práticas relacionam-se a dimen-

sões éticas de suas vidas. Para Grün (1996), a EA está imbuída de questões éticas e valorativas que perpassam o respeito com a natureza e compromisso com as gerações atuais e futuras. Os professores abaixo retratam isso em suas falas:

Para minha vida pessoal eu acho que a preocupação com a natureza (...). E a partir do momento que você se envolve você passa mais a pensar procurar deixar a natureza melhor pra novas gerações. (IVUS5)

(...) ela me mostrou que a gente pode viver de uma forma melhor preservando o meio ambiente. Você conservando o presente hoje, o seu futuro será outro, e principalmente no que a gente pensa em relação aos nossos filhos, um futuro melhor para os nossos filhos, (...). (HEUS6)

Essas atitudes passam a caracterizar o educador ambiental, à preocupação deste com a natureza e a preservação do ambiente, como afirma a Mariana:

Sempre eu tive essa visão de não cortar, não poluir, e no Projovem aí foi quando eu comecei a desenvolver essa consciência da preservação ambiental. Hoje lá na área do Jacarará eu tenho a liberdade de fazer alguma coisa que eu possa fazer eu faço, então eu me considero (MAUS22).

Outro reflexo diz respeito ao desenvolvimento de uma conscientização e mudança de postura/comportamento em relação ao lixo. Como afirma a educadora Isabel e a educadora Juliana, respectivamente:

(...) me deu condições de eu ver o que eu posso fazer, (...) para contribuir. Coisa simples, como uma separação de lixo, como um reciclar dentro da escola, um reutilizar as coisas quando elas são descartadas. (ISUS14)

Mas assim, depois que eu comecei a me envolver isso na minha vida influenciou bastante na questão da educação própria. Porque até então eu não tinha a questão de fazer a seleta do lixo, de o carro levar junto, mas assim a minha bolsa do lixo vai separada, a questão de ir ao supermercado e não querer que coloque muita sacola. Isso pra minha vida pessoal educou muito. (JULUS11)

A EA ainda tem reflexos em alguns comportamentos dos professores dentro de casa, como por exemplo, a economia de água e energia. Tal situação ocorre com a professora Juliana e com a professora Júlia, como pode ser visto abaixo:

Eu acho que a questão de você ter mais consciência pra economizar, pra não poluir, pra gente não acender uma lâmpada toda hora, pra num gastar água quando não é necessário. Na minha casa tem poço, mas eu lavo roupa e reaproveito a água. A questão de não pegar o papel, pegar o lixo e jogar fora, o descarte adequado. (JULUS10)

Eu acho que quando (...) você começa a trabalhar você vai ter reflexo no sentido de

mudar algumas posturas de vida (...), em relação assim à água, em relação a lixo, em relação ao seu comportamento na sua casa, até como dona de casa. De como educar a sua filha nesse sentido, de você economizar água, economizar energia e por aí vai (...). (JUUS4)

A possibilidade de influenciar outras pessoas em relação às questões ambientais. Como pode ser verificado nas US abaixo:

(...) saber que eu posso fazer com que os outros tenham essa mesma consciência e tentar economizar, tentar utilizar ou jogar descartando bem, separando para ajudar os outros também. (BRUS11)

Porque o ano passado lá em nosso período de seca eles queimaram muito as serras para tirar alimento para o gado. Aí eu estou começando a botar na cabeça deles que não façam isso, para que a gente crie de outra maneira. Então ela contribuiu dessa forma assim, melhorar minha vivência lá no meu lugar rural assim, como eu posso melhorar lá. (LEUS9)

Os educadores ambientais apresentam várias características, uma delas diz respeito à missão de influenciar pessoas em relação à mudança de atitudes e de posturas relacionadas com as questões ambientais do dia a dia. Como afirma a educadora Júlia, quando a mesma é indagada se ela se considera uma educadora ambiental:

Sim, eu acho que é por causa da influência, da gente conseguir influenciar a outras pessoas dentro da nossa casa, de pegar outras pessoas e vender a nossa ideia e eles verem que não é uma ideia, como é que eu posso dizer, uma utopia, (...). (JUUS32)

O educador Bruno afirma que um professor que trabalha com a educação ambiental precisa dar o exemplo, fazendo a sua parte e a partir de suas atitudes, conseguir influenciar outras pessoas. Como o mesmo afirma:

Sim eu me considero, primeiro porque eu exerço, eu faço pelo menos a minha parte, é ter essa consciência de sempre querer preservar ou economizar ou separar pra não misturar aquilo, e quando uma pessoa é um educador primeiro tem que fazer e depois querer que os outros façam, e sempre quando eu vejo alguma coisa errada eu vou lá e falo e reclamo, ou brigo e ensino. (BRUS28)

A educadora Léa afirma que depois que começou a desenvolver a EA na escola tem procurado preparar suas aulas incluindo em seu planejamento assuntos que possam auxiliar os alunos na busca de melhoria da qualidade de vida em relação às questões ambientais.

Hoje sim porque hoje dentro de quando eu vou preparar minha aula, dentro de meu planejamento eu já eu sempre tento focar em assuntos que melhore a qualidade de vida em questão ambiental. (LEUS28)

Da mesma forma, a professora Clara também afirma que busca desenvolver uma educação ambiental voltada para a abordagem de temáticas que considera fundamental para a

formação de seus alunos.

Eu creio que sim, (...). E eu sempre que posso, e mesmo não podendo, eu dou um jeito de trabalhar aquelas temáticas que eu acho que são fundamentais para a formação de meus alunos, (...) (CLUS32)

Nesse mesmo sentido, o educador ambiental busca se inteirar de temáticas ambientais para que possam transmitir a mesmas a seus alunos, como afirma a professora Juliana: “*Sim, porque eu tento da minha forma buscar informações para passar, ou seja, a vontade é maior de colher informação para passar. Então eu acho que eu me considero*” (JULUS26). Além de buscar informações e transmiti-las a outras pessoas, um educador ambiental também desenvolve ações que possam repercutir na vida de seus alunos projetando o futuro, como afirma a educadora Laura: “*(...) Pelas as ações que eu tento fazer e modificar meus alunos, porque eu sei que eu vou plantar hoje, mas que eu não vou colher hoje, vou colher mais na frente*” (LAUS36).

Diante do exposto acima, fica evidente a importância do trabalho com a educação ambiental desenvolvido pelos educadores, uma vez que, esses trabalhos apresentam não apenas a potencialidade de trazer resultados para os atores idealizadores das práticas, mas também para todos alcançados pelas ações. Podem ser extrapolados para dentro da casa dos educadores, no que diz respeito à tomada de ações conscientes que possam gerar resultados positivos para o ambiente, e ainda, apresentam a potencialidade de influenciar outras pessoas através de atitudes e comportamentos diários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da proposta da presente pesquisa, pudemos compreender um pouco sobre os significados da educação ambiental na escola através das narrativas dos educadores que se propuseram a participar dessa investigação, contribuindo com o relato de suas experiências.

O engajamento desses educadores com a EA pode ser compreendido através das influências que os mesmos apresentaram durante a infância ou até mesmo na vida adulta, onde as lembranças da vida (junto aos familiares) próxima à natureza tiveram grande importância na formação desses educadores ambientais.

Outra influência na construção da identidade dos educadores ambientais diz respeito as suas formações, desde a educação básica até a educação universitária, passando também pelos programas de pós-graduação. Um fato a ser destacado é que tais influências partiram de um professor que abordava as questões ambientais, através de sua disciplina, ou até mesmo através do desenvolvimento de projetos nos quais os alunos se engajaram.

Vale salientar que a situação abordada no parágrafo acima nem sempre esteve presente nas narrativas aqui analisadas, reforçando a ideia de que a abordagem das questões ambientais através da EA não é unanimidade nas instituições educativas, como por exemplo, em alguns cursos de graduação.

O exercício profissional também contribui para a formação dessa identidade. Um fato curioso é que o trabalho com EA realizado na escola algumas vezes é iniciado (despertado) quando professor encontra algumas dificuldades para desenvolver suas atividades diárias. Como por exemplo, a falta de um material para realizar certas ações. Essa dificuldade encontrada pelo professor pode apresentar uma potencialidade para despertá-lo e fazer com que o mesmo comece a olhar para a questão da reciclagem dos materiais já utilizados, e assim começa a se interessar pela EA.

Outro fator diz respeito ao engajamento dos professores em projetos externos voltados para a temática ambiental. Essa participação apresenta a potencialidade de despertar e estimular o professor para que comece a se interessar pela EA, auxiliando na formação continuada e ainda abrindo um leque de possibilidades para inserção de temas ambientais, muitas vezes nunca abordados na escola.

A observação dos problemas ambientais locais apresenta a potencialidade de sensibilizar os professores, e assim fazer com que os mesmos comecem a desenvolver ações na escola direcionadas para essas temáticas, na tentativa de desenvolver nos alunos um sentimento de responsabilidade frente aos problemas ambientais que os cercam.

Mas, afinal, quem são esses educadores ambientais que realizam suas ações na escola? Esses educadores são sujeitos que possuem alguma afinidade com a educação ambiental, e apresentam formação nas diferentes áreas. Afinidade essa que aqui pode ser entendida como “convivência” com as questões ambientais, uma história de vida ligada a essas questões, que fazem com que esses sujeitos se aproximem da EA e inclua a mesma em suas práticas.

É essa afinidade que tem introduzido a EA na escola, fazendo com que pessoas de todas as áreas se engajem. No entanto, para alguns desses educadores ambientais, ter uma formação em Ciências Biológicas e Geografia é um fator que facilita o desenvolvimento da EA, devido a relação que essas disciplinas tem com a aprendizagem sobre os seres vivos e os ambientes naturais. O que nos perceber a força que ainda têm as disciplinas escolares na configuração da EA nesse contexto.

Além dos educadores que desenvolvem a EA porque apresentam alguma afinidade com a área, em certos casos, todos os professores acabam se engajando nas ações de EA que são desenvolvidas na escola. Esses engajamentos provêm em sua maioria de um “professor articulador”, que leva propostas de ações de EA para serem desenvolvidas na escola, e acaba influenciando no engajamento de todos os professores.

Assim, uma vez apresentados quem são os educadores ambientais que atuam em escolas no Alto Capibaribe, outra pergunta nos aparece, sendo ela: Como esses educadores atuam? Quais práticas os mesmos desenvolvem?

Os educadores desenvolvem suas práticas juntamente com as disciplinas nas quais os mesmos lecionam, fazendo com que a EA seja desenvolvida nas diferentes áreas do conhecimento escolar. Tais práticas geralmente são realizadas quando o professor vai trabalhar algum conteúdo presente no currículo de alguma disciplina, e dessa forma, o mesmo acaba fazendo uma ligação entre o conteúdo curricular e a EA.

Além do desenvolvimento da EA juntamente com as disciplinas escolares, a EA também é desenvolvida nos limites da escola. Essa forma de desenvolver a EA em algumas situações está atrelada ao fato do professor não possuir “liberdade” para trabalhar com ações fora da escola, ou até mesmo a falta de tempo para desenvolver outras atividades.

No entanto, é através de projetos, sejam eles elaborados pelo professor ou projetos externos, mas nos quais o professor participa, que a EA se fortalece, uma vez que estes ampliam as possibilidades das atividades na escola, e ainda apresentam a potencialidade de: despertar para desenvolver os trabalhos com a EA; agregar outros professores às ações desenvolvidas; ampliar a relação com a comunidade do entorno, através de ações de extensão; auxiliar na formação de professores; envolvimento e participação em eventos científicos.

A EA também é desenvolvida através da realização de atividades externas, ou seja, vivenciadas fora do espaço escolar, atividades que apresentam a potencialidade de despertar aprendizagens e sensibilidades em relação às questões ambientais abordadas. A EA ainda é desenvolvida através de atividades lúdicas realizadas com crianças, que possibilitam despertar o interesse em relação à EA.

Conhecendo as formas pelas quais os educadores desenvolvem suas práticas de EA, outra pergunta a ser feita é: Quais os temas que são abordados nessas práticas? Os principais temas dizem respeito ao lixo e a água, são variadas as formas de abordá-los, mas geralmente a abordagem está relacionada com alguma questão ambiental local, o que contribui para o sentimento de valorização do lugar. No entanto, as abordagens não ficam apenas restritas aos problemas ambientais locais, estes uma vez abordados, são contextualizados com temas ambientais mais globais, o que contribui para formação de sujeitos críticos e atuantes na busca da sustentabilidade local e global. Assim, conhecendo as várias formas de desenvolver a EA, bem como os temas que podem ser abordados na escola, seguimos nossa busca em busca de responder o seguinte questionamento: Quais as dificuldades que os educadores ambientais encontram para desenvolver suas ações de EA?

Uma das dificuldades diz respeito à falta de apoio da gestão/coordenação escolar as ações de EA que são desenvolvidas. Essa falta de apoio está relacionada principalmente às atividades de EA que são realizadas fora do espaço escolar, como por exemplo, as aulas de campo. Em outras situações essa falta de apoio se reflete na não liberação do educador para que o mesmo possa participar de formações continuadas que são desenvolvidas no âmbito de projetos externos nos quais os educadores participam. Logo, a falta de apoio à EA por parte da gestão/coordenação escolar muitas vezes acaba desmotivando os educadores que se dispõem a desenvolver a EA na escola. Todavia, mesmo com algumas desmotivações, os educadores não desistem de desenvolver suas ações, e assim, acabam optando por se adequar às “regras” da escola, e vivenciam suas ações de EA apenas dentro do espaço escolar e das condições que lhe são possíveis.

Outra dificuldade encontrada pelos educadores está relacionada com a organização curricular e a estrutura da escola, que acabam por criar obstáculos para o educador desenvolver suas práticas de EA.

A questão ligada ao currículo se refere a currículos densos, que apresentam grande quantidade de conteúdo, e que acabam tomando bastante tempo do professor que pretende desenvolver a EA na escola. A valorização dos conteúdos e uma visão de escola e de ensino que acontece dentro da sala de aula e está ligada a um quadro, piloto e livro, não reconhecen-

do outros espaços como espaços educadores dificulta o desenvolvimento de ações de EA vivenciadas fora do espaço escolar.

Outra dificuldade enfrentada pelos educadores diz respeito à carência de fonte de informações direcionadas à EA no ensino infantil, uma vez que as políticas de EA, as formações continuadas e os materiais pedagógicos produzidos, são, em sua maioria, direcionados para a EA no ensino fundamental.

Os problemas relacionados com a logística também dificultam a execução de projetos/ações de EA na escola. Os principais problemas encontrados dizem respeito à falta de recursos financeiros, transporte, água e espaço físico para que as ações de EA sejam realizadas.

Vale salientar que, mesmo diante de algumas dificuldades que os educadores encontram para desenvolver suas práticas, os mesmo não desistem, e encontram outros caminhos para vivenciar suas ações, o que nos leva a indagar: Quais as possibilidades que motivam os educadores a dar continuidade a suas práticas de EA?

O apoio da comunidade escolar quer seja direta através do envolvimento da mesma com as ações de EA que são desenvolvidas, ou indiretamente, através de eventuais assistências dadas quando necessário, motivam os educadores a seguir com suas práticas de EA na escola.

Outra questão, diz respeito aos resultados que o trabalho com a mesma pode trazer para a vida dos educandos, como por exemplo, mudanças de posturas e atitudes dentro de casa e na escola, as quais estão relacionadas às diversas questões que envolvem a temática ambiental.

Além dos resultados gerados na vida dos educandos, o trabalho com a EA ainda possui a potencialidade de influenciar na vida dos educadores, através de mudanças de atitudes em relação à preservação da natureza, conscientização em relação a diversas questões vivenciadas no dia a dia, quer sejam em suas casas ou até mesmo na escola. E ainda possui a potencialidade de influenciar na vida profissional dos educadores, motivando-os a dar continuidade a suas ações de EA.

Por fim, diante do que foi exposto, o educador ambiental pode ser visto como um agente de transformação em seu contexto escolar, que assume a missão de influenciar pessoas em relação à mudança de atitudes e posturas relacionadas às questões ambientais, e ainda trabalhar na escola assuntos que possam estimular e auxiliar os alunos na busca de uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método das ciências naturais e sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27 n.2, 259-268, abril-junho, 2010.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005.

BERNARDES, M. B. J.; PRIETO, E. C. Educação Ambiental: disciplina versus tema transversal. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, v. 24, janeiro a julho de 2010.

BOEMER, M. R. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 1, 83-94, janeiro, 1994.

BRASIL. Lei Nº 6.938/81. **Estabelece a Política Nacional do Meio Ambiente**. 1981.

_____. Agenda 21 brasileira: resultado da consulta nacional / Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional. 2ª ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 158 p., 2004. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/arquivos/consulta2edicao.pdf> Acesso em: 14/02/2014.

_____. Lei Nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996.

_____. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 14/02/2014.

BRASIL. Lei Nº 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm Acesso em: 14/02/2014.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais. Brasília, 1998.

BRASIL. Resolução CNE/CP Nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao13.pdf> Acesso em: 14/02/2014.

CARVALHO, I. C. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2008a.

_____. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel C. de Moura (Org.). **Educação Ambiental**: pesquisa e desafios. Porto alegre: Artmed, 17-44, 2005.

_____. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008b.

_____. Educação ambiental e movimentos sociais: elementos para uma história do campo político ambiental. **Educação**: Teoria e prática, v. 9, n. 6, 46-56, 2001.

_____. Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental. **Cadernos de Educação Ambiental**. Brasília: IPE–Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.

_____.; TONIOL, R. Ambientalização, cultura e educação: diálogos, traduções e inteligibilidades possíveis desde um estudo antropológico da educação ambiental. **Revista Eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental**. Especial, 28-38. 2010.

CHIZZOTTI, A. A Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n.2, Universidade do Minho, Braga-Portugal, 221-236, 2003.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez. 2012.

DALLABONA, S. R.; MENDES, S. M. S. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. Instituto Catarinense de Pós-Graduação, **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 1, n. 4, 107-112, 2004.

FARIAS FILHO, E. N. **O contexto da prática da educação ambiental**: interpretações sobre a produção do currículo na escola. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências), Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-PE, 2014.

FERREIRA, C. E. A. O meio ambiente na prática de escolas públicas da rede estadual de São Paulo: intenções e possibilidades. **Ambiente e Educação**, 18(1), 2013.

FIGUEIRÓ, A. S. A educação ambiental em tempos de globalização da natureza. **Revbea**, Rio Grande, v.6, 41-47, 2011.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GONZÁLEZ-GAUDIANO, E. Interdisciplinaridade e educação ambiental: explorando novos territórios epistêmicos. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Org.). Educação ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental**: a conexão necessária. São Paulo: Cortez, 1996.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental Crítica**. In: Philippe Pomier Layrargues (coord.). Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004, p. 25-34.

GUIMARÃES, Z. F. S.; SANTOS, W. L. P.; MACHADO, P. F. L.; BAPTISTA, J. A. Projetos de educação ambiental em escolas: a necessidade da sistematização para superar a informalidade e o improvisado. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 7, n.1, 68-86, 2012.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.2, 233-250, maio/ago. 2005.

JARDIM, D. B. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: trajetórias, fundamentos e identidades. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**v. 22, janeiro a julho de 2009.

_____, Educação ambiental no Brasil: o que mudou nos vinte anos entre a Rio 92 e a Rio +20. **Com ciências**: revista eletrônica de jornalismo científico. mar. 2012.

LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. IN: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (org.). **Educação Ambiental**: repensando espaços para a cidadania. São Paulo: Cortez, 179-229, 2002.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEITE LOPES, J. S. Sobre os processos de “ambientalização” dos conflitos e sobre dilemas da participação. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, ano 12, n.25, 32-64, jan./jun. 2006.

LOUREIRO, C.F.B. **Trajетórias e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARCATTO, C. **Educação ambiental**: conceitos e princípios. Belo Horizonte: FEAM, 2002.

MENDES, R.; VAZ, A. Educação Ambiental no ensino formal: narrativas de professores sobre suas experiências e perspectivas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 03, 395-411, dez. 2009.

MORALES, A. G. M. Processo de institucionalização da educação ambiental: tendências, correntes e concepções. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 4, n.1, 159-175, 2009.

NARCIZO, K. R. S. Uma análise sobre a importância de trabalhar Educação Ambiental nas escolas.**Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, v.22, janeiro a julho de 2009.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PALMIERI, M. L. B.; CAVALARI, R. M. F. Limites e possibilidades dos projetos de Educação Ambiental desenvolvidos em escolas brasileiras: análise de dissertações e teses. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, v. 29, julho a dezembro de 2012.

RODRIGUES, C. Educação Infantil e Educação Ambiental: um encontro das abordagens teóricas com a prática educativa. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v. 26, janeiro a junho de 2011.

RUFFINO, S. F. **A educação ambiental nas escolas municipais de educação infantil de São Carlos – SP**. 2003. 109 f. Dissertação (Mestrado), Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

SAMPAIO, S. M. V.; WORTMANN, M. L. C. Ser educador ambiental: entre retalhos de textos de identidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Ed. Especial Impressa - Dossiê Educação Ambiental, jan/jun, 2014.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel C. de Moura (Org.). **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto alegre: Artmed, 2005, p.17-44.

SILVA, R. P. **Entre questões ambientais e educacionais: ambientalização do currículo no Alto Capibaribe, Pernambuco**. 268f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2013.

SIMÕES, S. M. F.; SOUZA, I. E. O. Um caminhar na aproximação da pesquisa fenomenológica. **Rev. Latino-am. Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, 13-17, julho 1997.

SORNBERGER, N. A.; AMARAL, A. Q.; CARNIATTO, I.; TOBALDINI, B.G.; NASCIMENTO, E. V. J. A consolidação do movimento ambientalista e da educação ambiental no Brasil e no mundo: algumas perspectivas históricas. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.**, Vol. Especial, maio, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Questionário Semiestruturado

Questionário Semi-estruturado
<ol style="list-style-type: none">1. Quem trabalha com educação ambiental na escola?2. Quais influências você sofreu para se tornar um educador ambiental?3. Que reflexos a educação ambiental produziu na sua vida pessoal?4. Como a educação ambiental é praticada na sua escola?5. Os problemas ambientais locais fazem parte das práticas de educação ambiental na escola?6. Que dificuldades já foram encontradas nesse contexto escolar?7. Que resultados têm sido alcançados com o trabalho com a educação ambiental?8. Você se considera um educador ambiental?

APÊNDICE II - ENTREVISTAS E UNIDADES DE SIGNIFICADO

ENTREVISTA1- Entrevista realizada com o educador Bruno que leciona na Escola Municipal Mulungu e na Escola Municipal Mandacaru, ambas localizadas no município de Santa Cruz do Capibaribe - PE. A entrevista foi realizada do dia 12/11/2014.

<p>1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE DESENVOLVEM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?</p> <p>Na Escola Municipal Mulungu, é Clara, professora Nazaré, Daniele e eu. Que eu conheça são esses professores. <i>Clara e Nazaré são de Ciências, Daniele é de História e eu Matemática. (BRUS1)E na Escola Municipal Mandacaru tem o professor Sebastian, só que eu não sei se ele trabalha a EA lá na escola, e eu não trabalho com lá com a EA.</i></p> <p>Mas por que você desconfia do professor Sebastian?</p> <p><i>Porque ele é de Ciências. (BRUS2)Aí eu não sei, por causa lá que eu vejo a postura dele, aí eu acho que ele não trabalha não. Não vejo ele uma pessoa engajada para poder querer mudar alguma coisa não. (BRUS3)</i></p> <p>2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?</p> <p><i>Desde antes de eu estudar na faculdade, eu já entrei com esse interesse de EA. Aí, lá fui vendo mais afundo o que era e como se poderia trabalhar em sala de aula e tudo. (BRUS4)Porém, esse ano eu não peguei a disciplina de Ciências que seria mais fácil trabalhar. Porém, Matemática ainda dá para fazer alguma coisa. (BRUS5)</i></p> <p>O que você acha que influenciou essas suas atitudes?</p> <p><i>Mais pela degradação da natureza. E eu sempre tive essa consciência de que se cada um fizer sua parte</i></p>

pode mudar o todo. (BRUS6) Aí, à medida que eu vejo pessoas que fazem errado, tipo desde jogar o lixo a utilizar a água, principalmente eu sempre toco nessa tecla porque é só basicamente é isso que eu vejo, aí eu me interessava em querer, mas é isso mesmo. Não sei uma coisa assim que despertou assim. É o ambiente em volta que eu via na escola e na televisão. (BRUS7) A água principalmente pela região que eu moro que tipo não tem. A gente compra água em casa mesmo. A gente compra água para poder tomar banho, para poder cozinhar, fazer tudo. Não chega água da COMPESA, daí precisa ter esse uso consciente e não desperdiçar. (BRUS8)

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Como eu fico tranquilo em saber que eu faço a minha parte, só isso mesmo, e saber que eu posso fazer com que os outros tenham essa mesma consciência e tentar economizar, tentar utilizar ou jogar descartando bem, separando para ajudar os outros também. (BRUS9)

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

Na Escola Municipal Mulungu a EA é principalmente com a água. Os alunos, pela convivência com o projeto Águas de Areias, as perguntas os questionários que a gente aplicou com os alunos a gente viu que eles economizam, eles tem o uso consciente, eles sabem realmente o verdadeiro valor desse líquido, a água. (BRUS10) Já em relação ao lugar de jogar o lixo, como eles não têm essa consciência, eles jogam em qualquer lugar, é isso que a gente tem o maior trabalho para tentar mudar, essa mania que eles têm em jogar em qualquer canto. (BRUS11)

Por que você acha que eles dão importância ao descarte do lixo?

Eu acho que vai desde a educação de casa mesmo. E lá na escola eles utilizam a janela como lixo, como lixeira. Jogam as coisas pela janela, e é uma briga toda vez. Eu digo saia da sala pegue o lixo e traga pra dentro do lixeiro. (BRUS12)

Quem é que desenvolve esses trabalhos?

Ó, eu comigo foi só esse com o Águas de Areias, (BRUS13) agora com os outros professores, por exemplo, Daniele trabalha muito com o lixo, retalho de tecidos, ela faz uma reciclagem desse tecido e faz alguns artesanatos. (BRUS14) Nazaré e Clara, como elas já trabalham, já faz parte do assunto e do conteúdo que elas dão aos alunos. Aí elas já têm em Ciências uma carta a mais para poder trabalhar aquilo com os alunos. (BRUS15) Mas um projeto assim dedicado exatamente a EA foi esse do Águas de Areias.

Ensinar a disciplina Matemática isso dificulta o trabalho com EA?

Eu acho que dificulta sim, porque que tem um conteúdo de Matemática também pra ser passado. (BRUS16) Eu já utilizei materiais recicláveis uma vez para fazer alguns objetos lá na escola, e inclusive um dos objetos era um cubo, para depois fazer um jogo de Matemática com aquele dado. (BRUS17) Aí assim, foi uma vez só, mas eu com Matemática eu acho que é mais difícil por causa do conteúdo que tem que ser dado. A turma já não é um nível bom, e tem que ficar reforçando.

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Sim, porque a pessoa tem que aprender na escola para levar fora e multiplicar aquele conhecimento com os outros. (BRUS18)

Que problemas ambientais são trabalhados na escola?

Principalmente o lixo, a seleção do lixo eu acho. (BRUS19) A economia da água também, mas isso é uma coisa que eles já fazem já há algum tempo. É já faz parte do cotidiano. (BRUS20)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

Na escola que eu trabalho pode ser de espaço, porque se tivesse mais espaço, um espaço tipo com gra-

ma, com terra, poderia ser feito algumas coisas, reciclagem de casca de alimento, fazer adubo e plantação. (BRUS21) Mas pela equipe da escola, eles sempre estiveram abertos para qualquer proposta pra a gente trabalhar. (BRUS22) Ao contrário das outras escolas, tipo Juliana que para ir para aquela reunião na sexta-feira, teve que botar outra pessoa para dar aula em seu lugar. Já na escola que eu trabalho não. Nunca tivemos dificuldades, só quando era para sair os dois ao mesmo tempo, porque lá só são três professores, e sair dois não tem como, aí um sai em um dia e o outro sai no outro, três professores por dia. (BRUS23)

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

Resultado sempre tem, mas às vezes não alcança aquele resultado esperando. (BRUS24) Por exemplo, no Águas de Areias vamos fazer isso pra que os alunos se sintam interessados em tirar foto ou que eles se engajem mesmo. A gente viu que a minoria dos alunos, tipo são 25, mas uns 7 no máximo que queria participar de tudo, já os outros não queriam.

Por exemplo, naquele dia em que a gente foi para fazenda a maioria dos alunos não queriam ficar ali não, queria ficar em casa, ou costurando ou brincando. Porque é adolescente, criança a partir de 11 anos 10 anos já começam a trabalhar tirando ponta de linha ou costurando. Para ganhar dinheiro, porque a economia daqui todo mundo trabalha, aí por isso que tem poucas pessoas interessadas em estudar. E estudar vai demorar. Eles costuram em casa para terceiros. Eles mesmos costuram, têm a máquina e costuram em casa. Aí eles não fazem as atividades porque estavam costurando em casa. (BRUS25)

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Sim eu me considero, primeiro porque eu exerço, eu faço pelo menos a minha parte, tenho essa consciência de sempre querer preservar, economizar e separar pra não misturar aquilo. E quando uma pessoa é um educador, primeiro tem que fazer, e depois querer que os outros façam, e sempre quando eu vejo alguma coisa errada eu vou lá e falo e reclamo, ou brigo e ensino. (BRUS26)

Por que você trabalha com a educação na Escola Municipal Mulungu e não trabalha na Escola Municipal Mandacaru?

Na Escola Municipal Mulungu foi principalmente por causa do Águas de Areias, na outra é mais sobre o lixo que eu converso com eles. Mas é questão de, é eu não me esforcei a querer fazer lá eu queria focar só na disciplina Matemática. (BRUS27) Já pensei em fazer lá sobre Educação Sexual, porque os alunos lá eles são à flor da pele, mesmo assim não deu tempo. Eu estava pensando em levar uns jogos de Educação Sexual. Mas se eu fosse trabalhar alguma coisa algum outro tipo de projeto seria a Educação Sexual.

ENTREVISTA2 – Entrevista realizada com a educadora Laura que leciona na Escola Particular Juazeiro e na Escola Estadual Caraiqueira, ambas localizadas no município de Santa Cruz do Capibaribe - PE. A educadora ainda leciona na Escola Municipal Facheiro que fica localizada no município de Brejo da Madre de Deus - PE. A entrevista foi realizada do dia 12/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE DESENVOLVEM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Bom, em uma das escolas que eu trabalho é difícil, porque já chega o cronograma completo para nós, desde a acolhida e correção de para casa. É uma regra que você tem que seguir todo dia aquele cronograma. (LAUS1) Assim, tem pessoas que quando se acomoda vê isso como um empecilho, mas para eu trabalhar outro tema eu não vejo como empecilho. (LAUS2) Pronto, eu trabalhei o projeto a utilização

da água em sala de aula. Só que ao mesmo tempo em que eu trabalhava esse projeto interdisciplinar, eu interligava com as disciplinas que eu dava em sala de aula. (LAUS3) A leitura, a leitura de lei que eu fazia todo o dia, eu procurava uma leitura que falava da água, a utilização da água, sobre a água. É uma leitura livre. Eu já aproveitava e fazia essa leitura para ele. (LAUS4)

Tem um dia que eu trabalho Matemática e Artes. Quando eu falei sobre o rio, sobre a vida que tinha no rio, eu interliguei a parte da Matemática em que eu fiz vários peixes, várias estrelas-do-mar, fiz cavalos marinhos. Eles fizeram a pintura livre de todos os materiais, e após isso eles recortaram para montar o mural, eu fiz a contagem de quantos peixinhos tinha quantos cavalinhos marinhos, quantas estrelinhas tinham dentro daquele mural. Eles sabiam no real quantos seria aqueles numerais e eu representei depois no quadro. Não fugi da minha aula, que era os temas trabalhados de adição com ou sem reserva, só que eu incrementei o conteúdo que ia ser trabalhado e eu utilizei a arte através da pintura livre. (LAUS5)

Em Língua Portuguesa, eu trabalhei a utilização da água, aí fiz as regrinhas básicas, o que nós deveríamos e não deveríamos fazer com a água. A partir disso, nós conhecemos a letra que formava a palavra água, vimos também dente, como escovar os dentes, quais as letras que formavam a palavra dente, pasta, tudo isso incrementando junto com a aula. Isso também é uma forma de o aluno se interessar mais pela aula. (LAUS6)

Teve um dia em que eu falei sobre a utilização da água, que após nossas mães lavarem as roupas, nós deveríamos reutilizar aquela água. Aí um dia antes eu mandei elas levarem as bonecas delas, e os meninos os carrinhos, aí eu falei, olhe essa água vai servir para vocês passarem o pano dentro de casa. Elas lavaram primeiro as roupinhas das bonecas delas. Lavaram as bonecas, essa água que as bonequinhas tomaram banho, que é a mesma que vocês tomam banho, essa água vai ser reutilizada, reutilizar para lavar o próprio banheiro após o banho. Aí sempre incrementando. Aí isso mexe no lúdico, na parte do real, aí a criança fica mais interessada pela aula. (LAUS7)

Mas nessa escola você não conhece nenhum outro professor que desenvolva a EA?

Infelizmente lá não. Aí já Escola Estadual Caraibeira, no turno da noite, eu tenho mais duas colegas que é a Daiany e tem Juliana. Elas trabalham pelo esforço próprio, porque ajuda da direção não tem. (LAUS8) Porque se você quiser botar uma aula diferente com os alunos, para mostrar na prática, eles não liberam, eles botam empecilho. (LAUS9) Se você sair para alguma formação, ou você bota substituto ou você leva falta. (LAUS10) E na particular tem Regina, mas ela trabalha a EA porque faz muitos anos que ela já está lá dentro da escola, aí já tem espaço lá dentro. (LAUS11) Mas quem ta assim no meio de dois anos, ou quem tem um ano só, não tem esse espaço na escola. (LAUS12)

É como a questão que eu queria fazer um para a cidade de areias, mas infelizmente vetaram porque não tinha fins lucrativos para a escola. Onde eu fiz um orçamento com o almoço, eles disseram que não dava para fazer, porque tinha que cobrar um valor maior. Mas se for um valor maior, os pais não vão liberar os alunos. A taxa de colaboração da escola. Aí lá em São Domingos tem aquela questão, eu tenho liberdade porque só tem eu em sala de aula (LAUS13) e eu tenho liberdade, direção não tem nada contra, porém em termos de material não tem nada a oferecer ao professor, questões políticas. Nós não temos suporte. Qualquer atividade, ou você reformula para não ter que usar material, ou você vai ter que comprar do seu bolso. (LAUS14)

Na particular eu não desenvolvo por conta de questões administrativas da escola. (LAUS15) Na Escola Estadual Caraibeira eu desenvolvo só em sala de aula. Se for fora de sala eu não consigo. (LAUS16) E principalmente à noite eu trabalho com projetos, que é idade fora da faixa etária. (LAUS18) Aí até uns dos projetos que tem dentro do dentro do cronograma é sobre o rio Capibaribe também.

Quem faz esse cronograma?

O cronograma vem do Rio de Janeiro, cada região tem que abranger o rio. Até na minha sala tem uns cartazes sobre a utilização da água que eu fiz com eles, sobre como não haver desperdícios, como a falta da água pode mudar o nosso dia a dia, (LAUS19) quer queira quer não a escassez de água muda a nossa situação. Não podemos ter a mesma atitude de quando nos temos água farta.

Aí é uma turma pequena que só tem 14 alunos, de 16 a 20 anos, nessa faixa etária. Só tem duas mulhe-

res. E você tem que trabalhar lá coisas diferentes. Porque assim, eles estão em um sistema que já foram praticamente excluídos da escola, da idade regular. Eles já foram já excluídos porque estavam fora da faixa etária. E fora isso eles já têm o problema de envolvimento com drogas. Aí tentaram separar pra não ter, dizem, a contaminação dos demais. Até mesmo assim no dia a dia eles se sentem diferentes.

Então qual a formação desses professores que você citou e que desenvolvem a EA na escola?

Regina é Biologia e Daiany também é Biologia. Juliana, se eu não me engano, é História. (LAUS20)

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Por incrível que pareça eu não me enxergava isso em mim. (LAUS21) Eu fazia os meus trabalhos e as atividades voltadas para a parte de meio ambiente, porém eu não me caracterizava como educadora ambiental. Até Renata viu os meus cartazes pregados na parede. Eu faço os meus trabalhos e tento expor e divulgar, e numa dessas divulgações Renata passou e viu. Então eu comecei a trabalhar, e quando eu me vi eu já era uma educadora ambiental sem saber. (LAUS22)

Mas você acha que sofreu a influência de alguma coisa?

Assim, na parte de Geografia influenciou bastante. (LAUS23) Eu fui assim por falta de opção, porque eu queria Educação Física, aí recursos financeiros zero, aí eu disse não. Aí eu saí procurando uma área que eu tenho um pouco de afinidade. Matemática eu não gosto de exatas, Biologia não. Aí eu saí procurando. História não, minha irmã já tem. História não. Aí Geografia. De início eu fui por ir e depois eu me identifiquei com as disciplina. Essa parte influenciou bastante. Na época Arnaldo ele tava terminando o curso dele de Geografia. Eu tava entrando e ele estava saindo. E nós na época fizemos muitos passeios ambientais, o curso proporciona isso a você. E eu tinha um professor também que é muito ligado nisso, que é Antônio, um professor da faculdade que eu me apaixonava só pelo jeito dele falar, ele era de EA. (LAUS24) E só ele falar eu já me apaixonava por ele. Eu acho que foi tudo isso que me influenciou.

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Olha, para a minha vida pessoal, eu falo que até o prazer do profissional muda, porque quando você trabalha com gosto as coisas mudam, (LAUS25) porque quando você não ta trabalhando com gosto o seu lado profissional muda.

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

Em uma ela é produzida como um jogo de marketing. Eles têm uma fazenda particular que serve para plantação, serve para os alunos praticarem, mas só para a divulgação da escola. E a fazenda é da dona da escola. Aí são escolhidos a dedos os professores que vão e os alunos também. Então na particular eu vejo como um jogo de marketing para a promoção da escola, para o crescimento da escola. (LAUS26)

Na escola do estado infelizmente eu não vejo nenhum envolvimento da gestão. Falar a gestão eu to falando da parte da coordenação, porque a direção tem aqueles horários, cumprem o horário, às seis horas diárias, e quem tem contato com o professor são os coordenadores de apoio. Esses coordenadores de apoio, para não ter trabalho, eles não lhe ajuda, para não acumular trabalho para eles. (LAUS27)

Já na do município eu acho que ta faltando aquelas pessoa que chegue e diga assim, ó nós podemos trabalhar isso, que isso vai gerar mais coisa no aprendizado do aluno. Acho que ta faltando só uma sacolejada, um líder. (LAUS28) Porque assim, eu acho que eu não sei, mas nós estamos em uma situação precária da prefeitura, que em dois anos mudou cinco vezes de prefeito. Aí nós não temos gestão diária. Tinha uma gestão, mudou, saiu uma entrou outra entrou outra, e assim foi. Pronto, o prefeito que saiu ta prestes a voltar só ta precisando de uma decisão de Brasília. A gente vai fazer projetos, tipo eu vou fazer fé em que ta, e se essa pessoa sair, quem vai dar continuidade? Mesmo assim eu desenvolvo individualmente. (LAUS29)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Por incrível que pareça, eu tava comentando com as meninas que o nosso rio aqui em Santa Cruz como

em Brejo é o rio Capibaribe, e até uns 20 anos atrás, até uns 25 anos atrás ele era limpo onde os pais deles não poderiam ter usufruído, mas o avô ou alguém próximo teria usufruído daquele rio, tanto para tomar banho quanto para utilidades da casa. As pessoas que não têm consciência, eles tem preguiça de juntar o lixo, e todo mundo mesmo joga no rio. *E depois de conversando com eles sobre a poluição do rio (LAUS30) e sobre quem são as pessoas que jogam.*

E assim eu considero que as questões ambientais locais servem para trabalhar como temas para tentar modificar essa situação. (LAUS31) Porque assim, é difícil mudar a pirâmide de cima para baixo, e se você começar dos pequenos pra você chegar no topo fica mais fácil. (LAUS32)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

A maior parte em relação à particular é a falta de apoio pedagógico (LAUS33), e na do município que a gente enfrenta é a questão do material. (LAUS34) Eu quero passar um vídeo diferente e não tem um DVD, às vezes falta um cabo, falta uma extensão. Você quer passar uma atividade não tem folha na escola. O material chega e acho que eles desviam para outra escola.

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

Eu vejo o desenvolvimento da criança, ele tem mais estimular pra ir à escola. Até quando não tem aula eles perguntam se não vai ter aula amanhã. Eu vejo o estímulo da criança em ir à escola com mais gosto, ver uma aula diferente que eles gostam. E perguntam se a gente vai hoje mexer com tinta, se vamos fazer desenho naquelas folhas diferentes. Eu vejo o crescimento da aprendizagem da criança a partir disso. (LAUS35)

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Eu não me considerava, hoje sim. Pelas as ações que eu tento fazer e modificar meus alunos, porque eu sei que eu vou plantar hoje, mas que eu não vou colher hoje, vou colher mais na frente. (LAUS36)

ENTREVISTA3 - Entrevista realizada com a educadora Juliana que leciona na Escola na Escola Estadual Caraipeira, localizada no município de Santa Cruz do Capibaribe - PE. A entrevista foi realizada do dia 12/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Na verdade quem trabalha com esses projetos voltados sou eu, Daiany e Dalva, que são mais engajadas, pelo menos o que eu vejo. E assim, também a dificuldade é justamente por falta de apoio que a gente não tem. (JULUS1) Porque o projeto na verdade, eu nem sei como é que eles entendem na escola, se o projeto contribui ou não. Mas aí assim a gente sente essa questão de falta de apoio. Pronto, ontem teve na escola o projeto de dança, então eles deram total apoio. E eu acho que o projeto de EA ele traz muito para questão de dentro da escola, a questão da higiene, a questão da conscientização de lá pra casa, porque eles levam pra casa, (JULUS2) e a dificuldade maior é a questão assim do apoio da escola em fornecer material e a questão assim de tempo livre. (JULUS3)

Mas você sabe a formação desses professores?

Daiany parece que é Biologia e Dalva é Pedagogia. (JULUS4) Elas são pessoas que realmente tem o compromisso para trabalhar, mas que sente justamente a dificuldade e depois acabam se desinteressando. (JULUS5)

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Faz tempo, porque quando eu trabalhava em uma escola em São Domingos tinha uma professora, Mônica

ca, que era muito voltada para a questão ambiental, e assim, querendo ou não ela trabalhava muito projetos, aí eu trabalhava com ela, aí eu comecei a ver, aí a gente foi pra o lixão para o aterro, e a partir daí a gente foi desenvolvendo porque a gente via que os alunos tinham interesse. (JULUS6) Depois disso veio Thomas que veio com o Projeto Capivara, e aí a gente fez plantações nas margens do rio, e de lá ia assim a gente começou a sentir gosto pelo projeto. (JULUS7)

E você acha que por ser formada em Ciências Sociais influenciou em algo?

Não, a Ciência Social não. Eu não tenho, porque a questão de Geografia a gente pagou, mas foi aquela Geografia mais bem Geografia Econômica. (JULUS8)

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Eu acho que a questão de você ter mais consciência para economizar, para não poluir, para a gente não acender uma lâmpada toda hora, para não gastar água quando não é necessário. Na minha casa tem poço, mas eu lavo roupa e reaproveito a água. A questão de não pegar o papel, pegar o lixo e jogar fora, o descarte adequado. (JULUS9) Mas assim, depois que eu comecei a me envolver isso na minha vida influenciou bastante na questão da educação própria. Porque até então eu não tinha a questão de fazer a seleta do lixo, a questão de ir ao supermercado e não querer que coloque muita sacola. Isso pra minha vida pessoal educou muito. (JULUS11)

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

Começou a partir desse projeto, que depois os alunos começaram a se envolver, aí a gente fez a limpeza da escola. (JULUS12) E tudo começou dentro da escola. Então um dia eles falaram “professora por que a gente não limpa a escola? Por que a gente não faz um cesto de latinha pra colocar o lixo seletivo?” E a gente começou um dia, aí foi pra aula, pra o campo, aí fez a limpeza do pátio, então eles se educaram mais na questão de não jogar o lixo na sala. Quando a gente voltava dos intervalos tava tudo sujo, mas assim, a conscientização começou assim dentro da sala de aula. (JULUS13)

Então assim, começou a surgir a partir da Água de Areias quando a gente foi pra lá. E a questão da construção da cartilha quando a gente falou qual era o objetivo eles começaram a se engajar. (JULUS14)

Aí assim, a gente tenta aproveitar em sala de aula. Para fazer uma pesquisa de campo a gente tem dificuldade. A escola não permitiu que os alunos no horário de aula saíssem para a margem do rio para tirar foto, fazer coleta de dados. (JULUS15)

Como é que você trabalha em sala de aula?

Eu levo o material, pesquiso, levo slide. A gente faz pesquisa, eu distribuo temas para que eles façam pesquisa individual, (JULUS16) porque infelizmente não tem como a gente, eu acredito que uma das dificuldades de trabalho de a gente não ter rendido mais foi justamente da gente não ter juntado grupo, porque após a gente ir lá e conhecer eles voltaram muito empolgados. Mas aí a gente marcou numa quinta pra ir pra lá e marcou no dia seguinte para pra o rio e aí eles proibiram a gente não podia ir porque tinha que atravessar a pista e aí teve essas dificuldades. Mas aí alguns foram só, aí então não teve aquele engajamento como tava antes. Aquela questão eu vou fotografar tal canto, eu vou colher tal informação, e aí ficou tudo muito solto. (JULUS17)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Fazem. A conscientização da questão da poluição que a gente ver, dos diversos tipos de descartes. Eu trabalho muito a questão, desde o ano passado que eu venho trabalhando a questão dos tipos de lixo. E a partir de agora foi dividido em alguns grupos que assim mesmo, mesmo não trabalhando nada do projeto a gente tá aproveitando para trabalhar a questão do tipo de lixo, a quantidade de poluição, o que pode provocar. Sempre eu estou trabalhando a questão da poluição, a questão das chuvas. De jogar o lixo, de colocar o esgoto para o rio que a gente ver a céu aberto aí constante. Porque essas pessoas que moram perto do rio elas não têm esgoto, e é tudo direto no rio (JULUS18)

E isso chocou bastante eles quando eles foram fotografar que eles viram a quantidade de poluição que parecia mais uma enchente, mas que era na verdade tudo esgoto.

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

Na verdade os problemas mais assim a gestão ela deixou livre, mas também ela não deu suporte. Porque quem trabalha diretamente com a gente é o coordenador pedagógico e aí realmente ele coíbe essas ações, porque ele quer os alunos na sala de aula, independente do que seja. Por exemplo, quando eu fui para o Águas de Areias eu vi que a gente aprende muito mais do que em sala de aula. E aí para um aluno não sair da sala, para não ficar uma turma sem aula, o coordenador ele proíbe. (JULUS19)

Isso desanima?

Bastante. Eu disse até a ele que deveria chegar criticar e nos ajudar e não nos desmotivar. *Eu disse a ele que eu cheguei aqui com um projeto maravilhoso, e depois que eu saí da sua sala não tive mais motivação para trabalhar porque você botou tanta dificuldade.* (JULUS20)

E ele é formado em Geografia então ele era uma das pessoas que era para dar o maior apoio. (JULUS21)

E o que fez você continuar?

Os alunos. Eu acho que é quando eu entro na sala e os alunos querem dar um jeitinho, querem fazer tal hora e dão ideias para fazer tal dia. (JULUS22)

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

Faz mudar o aprendizado deles. Inclusive eles já sugeriram fazer artigos com a pesquisa. Aí vai trabalhar com artigo, como é que a gente faz para publicar um artigo. Então depois do projeto eles fizeram um blog e eles estão botando muitas informações. (JULUS23) *Então eles estão sempre fotografando, estão botando informações de quando eles foram lá para a aula de campo que eles gravaram. Mas assim, outra dificuldade é que eu sou contratada, e aí chega dezembro e a gente não sabe se continua. Apesar de que já faz cinco anos que eu trabalho lá, mas a gente só pode se programar depois que renovar o contrato na escola.* (JULUS24) *Agora em relação à dificuldade a gente entre professor não tem tanto esse problema entre a gente, a gente se ajuda,* (JULUS25) *mas há uma falta de vontade da questão do coordenador.*

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Sim, porque eu tento da minha forma buscar informações para passar, ou seja, a vontade é maior de colher informação para passar. Então eu acho que eu me considero. (JULUS26)

ENTREVISTA4 - Entrevista realizada com a educadora Clara que leciona na Escola Municipal Mulungu e na Escola Estadual Algaroba, ambas localizadas no município de Santa Cruz do Capibaribe - PE. A entrevista foi realizada do dia 13/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Na realidade na Escola Municipal Mulungu eu trabalho a questão ambiental com o professor Bruno que é formado também na área de Biologia. (CLUS1) *E na Escola Estadual Algaroba, ativamente nem um outro que eu conheço. Foi uma das dificuldades que eu me senti assim solitária nessa luta.* (CLUS2) *Mas em geral os professores com quem eu trabalho, que eu trabalhei, os que trabalham com as questões ambientais sempre são da área de Ciências e às vezes da área de Geografia.* (CLUS3)

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

É engraçado que eu nunca parei para pensar como tudo isso começou, porque é uma coisa tão assim que eu acho que foi tão natural. (CLUS4) *Não sei se talvez isso tem a ver ou não, porque eu cresci no campo, depois assim já maiorzinha que a gente veio morar na cidade,* (CLUS5) *aí eu tive sempre essa relação muito forte com animais, com árvores,* (CLUS6) *e eu sempre lembro que na escola eu sempre eu*

participei de um prêmio de redação que era sempre com o tema ambiental, eu acho que eu tinha 10 anos, 12 anos, eu acho que isso foi uma coisa assim que eu nunca esqueci. Então eu acho que isso pode ter sido uma coisa que serviu assim para despertar esse interesse. (CLUS7) Não houve uma influência específica de ninguém, eu não me lembro de nenhum professor que trabalhasse a EA, (CLUS8) mas lembro que desde que eu comecei a ensinar, a trabalhar com licenças, sempre que tinha assim algum um prêmio, uma redação, um projeto, que vem às vezes sugestão de uma feira pra gente fazer alguma coisa, eu sempre fazia voltar pra essa questão.(CLUS9)Eu não sei explicar exatamente o porquê, eu acho que é uma coisa natural mesmo.(CLUS10)

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Acho que muitos, porque a medida de que você quanto mais você vai pesquisando, estudando a respeito você vai percebendo a necessidade de respeito da relação de troca que existe da gente com tudo e com todos.(CLUS11) Então eu acho que a EA ela fortalece muito isso porque a gente entende, quando você entende que tudo que você faz interfere na vida dos outros, de todos os outros seres, como um bem e que tudo que eles fazem também interferem na sua, você eu acho que você passa a ter um cuidado maior pelas pessoas, pelo ambiente por tudo que tá ao seu entorno, eu falo que a EA influenciou muito nisso mesmo nessa questão de respeito.(CLUS12)

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

É a partir sempre de projetos, eu gosto muito de trabalhar com projetos, porque a gente fazendo um projeto, você tem um planejamento das ações que vai realizar, (CLUS13) porque eu me preocupo muito quando ela é realizada só em datas comemorativas, fica uma coisa muito pontual, eu gosto de trabalhar sempre com projeto, então de repente projetos que durem três a quatro meses e aí você tem toda a vivência e tem uma culminância, não que ali encerre, mas pelo menos aquela parte que tava prevista, aquelas atividades, aquelas ações. E assim você garante que elas vão ser realizadas. (CLUS14)

Nas duas escolas você trabalha assim?

É. Agora na Escola Estadual Algaroba, por ser uma escola maior, por ter um quantitativo maior de professores, na realidade esses projetos terminam sendo meio solitários. Às vezes eu faço e outros professores nem sempre desenvolvem porque dá um pouco de trabalho. (CLUS15) Já na Escola Municipal Mulungu, por ser uma escola menor, e também por a gente fazer parte de um projeto que é o COOPERJOVEM, estimula muito esse trabalho é de cooperação. Então a gente consegue envolver outros professores. (CLUS16) Às vezes até professores dos anos iniciais que ficam vivenciando aquelas mesmas atividades que eu estou vivenciando com os meus alunos dos anos finais. Então a gente senta, discute, revisa, redireciona. Aí nesse sentido o trabalho fica melhor, porque você tem outras pessoas que estão contribuindo, olhando, vendo o que ficou bom, para depois fazer os ajustes necessários.(CLUS17)

Fala um pouco sobre esse COOPERJOVEM.

Ele facilita bastante essa comunicação. O COOPERJOVEM é um programa que é ligado ao CESCOP que é das Cooperativas, faz parte do sistema que trabalha com as Cooperativas. Então lá na Escola Municipal Mulungu, a gente tem aqui em Santa Cruz do Capibaribe três escolas que fazem parte do COOPERJOVEM, e aí eles sempre estimulam para que a gente desenvolva projetos. Por exemplo, que não sejam projetos que beneficiem só a escolas, mas que eles repercutam na comunidade, que traga a comunidade pra escola, que leve a escola para fazer ações na sociedade, então de projetos mais assim inclusivos mesmo. Então, a gente trabalha muito com essa vertente de EA. Aí a gente terminando meio que dando uma direcionada muito para a questão ambiental. (CLUS18)

São livres os temas para trabalhar no COOPERJOVEM?

É, é livre. Agora a gente tem uma formação. A gente tem anos que a gente tem uma formação mais voltada pra questão ambiental, outras mais pra questão social. Mas aí a escola desenvolve o projeto que ela quiser. E também tem um prêmio de redação no COOPERJOVEM, que é anual, que aí vem à temática, e nos últimos três anos a temática tem sido a questão ambiental. Então pra poder fazer o texto, os alunos têm que estudar esse tema. Então é assim, um empurrão a mais, que a gente tem que trabalhar essa temática com eles na escola, pra depois eles produzirem os textos, corrigir, e depois selecionar aqueles que vão concorrer ao prêmio estadual. (CLUS19)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Sim, principalmente eu acho que as questões locais, porque mesmo quanto a gente trabalha as questões mais globais assim, a gente acaba fazendo uma análise de como isso se dá aqui. (CLUS20) Então eu acho que a gente trabalha muito a questão assim, da seca, a questão dessa convivência com o Semiárido. Por exemplo, esse ano, além do trabalho com o Águas de Areias, o projeto do COOPERJOVEM assim ele caminhou paralelo que era a questão da convivência com a Caatinga. (CLUS21)

Então eu sempre trabalho mais essas temáticas que são mais locais. Porque até pra eles compreenderem a importância do bioma onde eles estão inseridos, porque às vezes eles não valorizam, não enxergam assim nenhuma beleza. Então é importante que eles tenham esse respeito, esse orgulho. Um bioma único no mundo, que tem todas essas características boas e ruins, e que também dificulta essa convivência, mas que é importante, é diferente, e que a gente tem que aprender a conviver e a valorizar. (CLUS22) Aí sempre trabalhando essas temáticas locais, muito voltado assim para a questão ou do rio Capibaribe, ou da Caatinga com essa convivência com o Semiárido. (CLUS23)

Eu tava lembrando que uns dos primeiros trabalhos que eu fiz assim voltado a EA que foi um trabalho de especialização, e que a temática da minha da minha pesquisa foi justamente sobre a macambira. Porque desde criança que eu vi meu pai em tempo seca braba, como a gente vive agora, queimar macambira pra dar ao gado, e aquilo sempre me chamava muito atenção. Eu nem entendia. E aí quando eu fui fazer especialização, eu fui pesquisar sobre isso, e qual a importância dessa bromélia na vida da sociedade aqui dessa população, principalmente do pessoal que vive no campo. E aí pronto, e eu acho que a partir disso eu me liguei muito porque eu sempre convivi muito com isso. (CLUS24)

E os alunos é muito bom pra eles também, porque eles vão entendendo coisas que eles vivenciam no cotidiano. Porque eles ver os pais, os avós fazerem, utilizarem, e que muitas vezes eles acham que não faz sentido. E aí é quando eles começam a entender, vamos dizer, a usar esse conhecimento mais organizado, mais científico, e eles entendem porque tal planta que às vezes eles chamam de mato, que eles não dão valor nenhum, porque ele é tão importante naquele período, porque ela vai servir pra sustentar aqueles animais vivos até o momento em que você tenha um pasto mais abundante e tal. Então eu acho que é mais a questão da vida daqui, da convivência que tem tudo haver. (CLUS25)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

Eu acho que as maiores dificuldade é justamente a falta de interesse de muita gente em participar, porque assim, quando você faz um projeto você trabalha com um grupo de professores é muito melhor, é muito mais rico, em geral é. (CLUS26) Então uma coisa que eu acho muito difícil é às vezes trabalhar isoladamente. (CLUS27) É outra coisa difícil, dificuldade, eu acredito que é muitas vezes a falta de apoio na escola, não necessariamente dos colegas, mas falo da direção, da coordenação. (CLUS28) Porque quando há esse apoio, isso caminha bem melhor. Você de repente quer fazer uma aula de campo com os meninos, e aí o pessoal lhe apóia, lhe ajuda, ou alguém vai com você, ou pelo menos prepara a documentação necessária pra você sair tranquilo. Uma dificuldade que eu encontro mais na escola estadual é que nós não temos coordenador, nesse momento. (CLUS29)

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

Os resultados na área da EA são muitos subjetivos. Eu entendo e acho que alcancei os resultados. Não sei se eu teria como, vamos dizer assim, se eu tivesse como provar esses resultados eu não sei se eu teria como. (CLUS30)

Só percebo que tiveram muitos resultados porque eu percebo pessoas que estudaram comigo desde o início, e que hoje em dia alguns deles hoje trabalham militando nas causas ambientais, que são pessoas que você ver que se tornaram adultos que têm atitudes mais de respeito, atitudes mais conscientes, que são pessoas mais críticas em relação a várias coisas.

Então eu fiquei muito feliz outro dia porque nas redes sociais eu vi que existe uns alunos que foram alunos meus há uns 10 anos atrás, que foram alunos do Ensino Médio e que tão formados, terminaram a graduação e que eles formaram um grupo pra a questão de construção de ciclovias aqui no município.

Então eu analiso mais pela questão justamente das atitudes. (CLUS31)

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Eu creio que sim, pelo menos eu tenho isso trabalhado dentro de mim. E eu sempre que posso, e mesmo não podendo, eu dou um jeito de trabalhar aquelas temáticas que eu acho que são fundamentais para a formação de meus alunos, e a questão ambiental com certeza é uma delas. (CLUS32) Às vezes a gente não tem muito tempo, muito espaço, mas na sala de aula na realidade é a gente quem dá as cartas, e eu sempre tive muita consciência disso. (CLUS33) Então eu sempre fiz esse trabalho, e faço com todos os meus alunos, e acredito que sou sim uma educadora ambiental.

ENTREVISTA 5 - Entrevista realizada com a professora Júlia que leciona na Escola de Referência do Ensino Médio Catingueira, localizada no município de Santa Cruz do Capibaribe - PE. A entrevista foi realizada do dia 14/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Olhe, trabalham comigo diretamente Geraldo e a formação dele é Biologia, nas Ciências Biológicas. Porque a gente produz artigos, aí na parte de correção desses artigos são os professores de língua Portuguesa, (JUUS1) que é Camila, formação em Língua Portuguesa, Fátima e a professora Bárbara, também de Língua Portuguesa na formação. Assim, são professores que trabalham externamente, em coisas que ultrapassam os muros da escola. (JUUS2) Agora dentro da escola, todos. É um trabalho interdisciplinar, cada um dentro de sua área. (JUUS3)

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Porque assim, como eu sou daqui, eu sempre morei aqui e tudo, aí eu consegui acompanhar todo o processo de degradação do rio, aí eu despertei a partir do rio, de tentar pesquisar com meus alunos e ver qual era a visão deles a respeito do rio, e tentar de certa forma modificar essa realidade, e a partir daí eu começo a trabalhar e desenvolver trabalho na área de EA. (JUUS4)

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Eu acho que quando você começa a trabalhar, você vai ter reflexo no sentido de mudar algumas posturas de vida em relação a água, em relação a lixo, em relação ao seu comportamento na sua casa, até como dona de casa. De você como educar a sua filha, de você economizar água, economizar energia e por aí vai, (JUUS5) e aí você vai tendo, você vai modificando.

E alguns alunos eles também passam a ter esse reflexo. Então a gente percebe que assim como na educação de você ir construindo as coisas muito aos pouquinhos, do pequeno mesmo. Com a EA é a mesma coisa. Você tem que ir a partir do pequeno. Porque aí você ver depoimento deles, não todos obviamente, mas você ver depoimento deles, deles também terem mudado a postura em relação à EA e a vida deles, (JUUS6) a rotina, o cotidiano, procurando aliar coisas pequenas que eles antes faziam, e que eles sabem que são ambientalmente incorretas, e aí eles passam a corrigir, porque pra eles é muito importante. Na escola no Brasil ainda é muito complicado, sala de aula o tempo todo sentado na cadeira, ouvindo alguém falar, lendo muito, (JUUS7) e aí principalmente é uma escola que você tem que passar por toda uma dinâmica porque é uma escola integral, e passar muito tempo, e aí essas atividades eles gostam de fazer, qualquer coisa diferente eles gostam de fazer, e aí quando eles começam a realizar essas atividades diferentes é quando eles vão se identificar, vão passar a dizer assim, não naquele momento eu entrei pra fazer por fazer, e agora eu estou fazendo porque eu estou realmente me importando. (JUUS8)

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

Ela é praticada tanto no dia a dia e em sala de aula, (JUUS9) nos corredores da escola quando a gente passa, até eu mesmo digo "olha como é que a gente trabalha tanto o meio ambiente e vocês ainda jogam

lixo aqui?” (JUUS10)

E aí ela é praticada no dia a dia da escola, *conversando, às vezes alguns temas dentro da minha própria disciplina, quando a gente trabalha água pode tirar duas aulas de 50 minutos pra falar sobre água, que aí ainda vai ser pouco, eu vou falar eles vão falar, e também as pesquisas e além dos projetos, (JUUS11) como esse do dia do rio que você viu como é que vai ser o esquema todinho da gente, sair da escola e tentar sensibilizar outras escolas em relação ao meio ambiente (JUUS12) as pesquisas são muito importantes porque aí você incentiva o aluno a perceber, que ele não aprende apenas quando ele fica na sala de aula sentado e escrevendo, (JUUS13) ele aprende quando ele vai pra o rio identifica uma área de lançamento de esgoto sem tratamento, eles pesquisando lendo outros artigos, (JUUS14) percebendo também que a gente baixa arquivo da internet traz livros para eles leem e percebem que essa realidade não é uma realidade sé de Santa Cruz do Capibaribe, a gente pode dizer que é uma realidade em nível de Brasil, e aí eles percebem que outras pessoas nos outros lugares passam pelos os mesmos problemas que a gente passa (JUUS15).*

Somos muito engajados. Esse engajamento veio a partir daí, Raquel, porque como eu disse a você que a gente começa a trabalhar e é pra ser uma atividade diferenciada, justamente pra não ser aquela questão monótona, de você chegar e dar aula e os meninos sentados, você faz a aula, passa atividade, passa leitura, e aí isso começa a se tornar uma coisa muito monótona, muito repetitiva, e aí você ver a EA como uma forma de protagonismo, porque eles vão ta trabalhando, não apenas eu que to trabalhando, eu penso, eu pego ideias deles e a gente divide tarefas, engaja cada uma naquilo que eles sabem fazer de melhor. (JUUS16)

Eu tenho aluno aqui que a parte dele é só a parte designer, aí ele vai pensa e faz tudinho. Eu digo que vou mandar pra você três banners que eu quero que você faça para JEPEX na próxima semana, aí ele faz, porque eu dou pra esse aluno o que ele sabe fazer de melhor. Eu tenho uns alunos que se expressam muito bem, aí eu falo que eles vão para as escolas fazer palestras, eu tenho alunos que escrevem muito bem, a gente sai, *eu sempre trabalhei pegando aquilo que eles têm de melhor pegando como potencial, e tentando ao máximo não excluir. (JUUS17)*

Digo assim, ó não dá pra trabalhar com todo mundo, eu não consigo pegar e colocar, formar linhas de pesquisas, dentro da EA e trabalhar com na faixa de 500 alunos, que é o que a gente tem hoje. Aí eu digo a eles que a gente forma os grupos, a gente faz pesquisa naquela área, e a gente escreve pra um determinado evento. Os nossos alunos vão se sentir como peças importantes dentro de um projeto, porque o que eles querem é participar do projeto, (JUUS18) é estarem engajados nessas atividades, pra ele não há problema algum.

E as parcerias com as universidades que nós temos, essas parcerias elas são assim fundamentais.

Que parcerias?

Só a Rural. A gente tem com a Betânia no De olho e com vocês do Águas de Areias, porque essas parcerias, elas vão trazer pra gente uma participação na JEPEX. (JUUS19) Isso é importante para ver que o que se faz lá na universidade não é distante daquilo que ele faz aqui no Ensino Médio, e aí a gente tem uma política que além de fazer o aluno entrar na universidade, ele se manter lá também. Porque não adianta ele passar no vestibular, nos primeiros lugares e aí não consegue se adaptar ao Ensino Superior, porque é um ensino que requer que o aluno pesquise. E aprovamos alguns trabalhos já.

Esses trabalhos que foram aprovados todos envolvem a EA?

Todos envolvem a temática de EA. Tanto o de Geraldo, agora o de Geraldo é mais na área da vegetação, ele tem muitos trabalhos voltados para a área da Caatinga, quase todos ou é na área de água ou é na área da vegetação.

E você trabalha com que temática em seus trabalhos?

Eu trabalho mais com água, o meu é mais com água. (JUUS20)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

A questão do rio como foco principal, e aí a gente tem a questão de resíduos sólidos da cidade, ela tem

uma produção de lixo, eu diria extraordinária. Quase comparada a uma cidade bem desenvolvida com a produção de lixo da gente por conta da confecção, e aí uma coisa vai puxando a outra. A falta de árvores na cidade, a carência na sua arborização, e aí é como se um tema dentro da EA vai puxando para outra. (JUUS21)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

As dificuldades são primeiro você aliar o conteúdo, que a escola no Brasil é muito conteudista, não adianta a gente fugir dessa realidade. (JUUS22) Que a gente é uma escola que a nossa meta, o investimento em uma Escola Integral é um investimento pra gerar resultados, a aprovação do vestibular. Então não adianta eu querer que a escola não seja conteudista se o vestibular pede que ele saiba. Então ele vai ficar na escola e não vai conseguir entrar na universidade. (JUUS23) Outra é a própria carga horária, a carga horária ela é imoral com a gente. (JUUS24)

A gente tem 28 horas em sala de aula, a gente tem diário de classe, a gente tem diário de classe pra dar conta, a escola no Brasil ela ainda é muito burocrática, a gente ainda vive a parte de números, e a gente esquece da pessoa, a pessoa é mais importante do que um número, o aluno pessoa é mais importante que o número, eu não posso transformar o meu aluno em um número, porque eu não vou conseguir que ele tenha resultados como pessoa, e aí essa também é uma dificuldade. (JUUS25)

Outra é que você não consegue trabalhar com todo mundo, com todos os alunos da escola. A escola com praticamente 500 alunos, e esse número ele tem uma tendência de aumentar no próximo ano, eu não consigo trabalhar com 600 alunos, e aí eu tenho que excluir alguns. (JUUS26)

E por último a parte financeira, essa parte financeira. Lhe dar com grupos também é complicado. Porque você tem que orientar, você tem que estimular prazo, você tem que estabelecer metas pra eles cumprirem aquelas atividades, (JUUS27) eles têm porque eles entram pra sair da sala de aula, para sair dessa rotina, entram pela viagem, mas aí você vai mostrar a eles que eles só vão participar dessa viagem porque eles têm o conhecimento, aí eles passam a valorizar.

E por último a parte financeira. Porque a gente tem uma ação muito importante na semana da água, a gente não tem um dia da água, a gente tem justamente uma semana para tentar abarcar todo mundo, e aí com atividades nas redes sociais, com gente leva faixa pro sinal de trânsito em relação à água, a gente faz um passeio ciclístico, e aí a gente não consegue dar uma dinâmica melhor, fazer um evento melhor, que a gente possa até convidar outras escolas, que a gente possa convidar pessoas de outros municípios de uma maneira geral porque a gente não tem dinheiro. (JUUS28)

Mas você tem total liberdade para trabalhar a EA na escola?

Sim, eu tenho. Sempre tivemos. De direção, de professor a aluno. E aí a gente tem total apoio, tanto do tanto da equipe da parte administrativa, como da parte dos professores. (JUUS29)

Nessa atividade do Dia da Água a gente pega um professor e ele só fotografa, inclusive é Geraldo com João. Geraldo sai de moto com João fotografando. Outro professor já vai com o carro de som na frente falando o que é o evento, falando para economizar água. Outros professores já vão com a faixa para o sinal de trânsito, e cada um participa de alguma maneira. (JUUS30) Mas é muito bom trabalhar aqui. Se a gente for ver só a parte do salário a gente não fica aqui não. Porque nós perdemos muito do ponto de vista salarial nos últimos anos, aí a gente só permanece porque é muito bom trabalhar aqui tem uma equipe muito boa.

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

Eu acho que essa nova postura, eu acho que primeiro uma nova postura dentro da casa deles, com a família deles. (JUUS31) E por aí a fora vai, então a gente ver que o nosso trabalho, e eu sempre digo para eles que em relação à educação para que possa trazer resultados, e principalmente nesse contexto que é educação socioambiental, mudança de postura de uma sociedade, você não consegue do dia pra noite, então ele não esperem grandes resultados em curto prazo, eles esperem resultados em longo prazo. (JUUS32)

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Sim, eu acho que é por causa da influência, da gente conseguir influenciar a outras pessoas dentro da nossa casa, de pegar outras pessoas e vender a nossa, (JUUS33) é uma coisa que é preciso, e que se precisa, se precisa mudar essa relação com o meio ambiente, porque as consequências dessa não harmonia entre homem e meio ambiente elas estão bastante complicadas, elas vêm se agravando e isso só vai trazer condições piores pra a própria humanidade, e aí tem que se ter consciência disso.

Que característica que você tem que você pode dizer que essa característica é de uma educadora ambiental?

Eu acho que é uma característica de inclusão, eu não gosto de excluir ninguém e mostrar que a EA é importante do ponto de vista ambiental, mas ela também é muito importante do ponto de vista social. (JUUS34)

ENTREVISTA6 - Entrevista realizada com a educadora Léa que leciona na Escola Municipal Palma, localizada no município de Poçoão - PE. A entrevista foi realizada do dia 19/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Todos. (LEUS1)

Como você pode caracterizá-los?

Assim, na realidade a EA aqui começou com a iniciativa de Mércia, foi ela quem chegou pra gente com a sugestão de fazer uma coisa inovadora na escola, porque por a escola ficar em um ambiente carente, então para que essas crianças elas saíssem do ambiente só de sala, quadro, caderno pra uma coisa mais de interação. (LEUS2) Aí a partir daí foi juntando os professores e dando ideias, aí a gente pensou no projeto de reciclagem. (LEUS3)

Então todos os professores eles participam. Mas você sabe a formação desses professores?

Participam. Quanto à formação, eles todos são graduados em Pedagogias (LEUS4) e alguns já iniciaram suas pós. Mas todos são graduados. São 10 professores do fundamental I. O infantil são em média de umas 8 turmas.

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Primeiro não foi tão ambiental, foi pelo gosto da arte. Trabalhar com o concreto. Aí, eu sempre gostei em minha aula de arte, eu não gosto de fazer com pintura em papel, aí eu sempre busquei fazer oficinas, e pelo custo eu sempre preferi usar materiais que poderiam ser reciclados, (LEUS5) aí a partir daí eu comprei um livro de EA e comecei a implantar junto. Aí depois Mércia chegou com o projeto e foi onde eu me engajei, comecei a ver não só a parte da reciclagem, mas também a parte da preservação de mata. Aí quando cheguei no projeto Águas de Areais eu fui para a parte de solo, de água, e comecei assim. (LEUS6)

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

É, um olhar diferente. Porque assim, durante a semana eu estou aqui na cidade, mas durante o fim de semana eu to no sítio. Então hoje lá, assim as coisas eu já vejo com cuidado maior. (LEUS7) Na hora de jogar, de juntar o lixo eu já vou olhar, nem tudo é lixo. E não deixar que o pessoal lá de casa, to tentando influenciar eles para que não queime. (LEUS8) Porque o ano passado lá em nosso período de seca eles queimaram muito as serras para tirar alimento para o gado. Aí eu estou começando a botar na cabeça deles que não façam isso, para que a gente crie de outra maneira. Então ela contribuiu dessa forma assim, melhorar minha vivência lá no meu lugar rural assim, como eu posso melhorar lá.

(LEUS9)

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

Aqui a gente é bem pra parte de reciclar, de retomar, não jogar, não desperdiçar. Então a gente sempre, o foco da gente é evitar o desperdício. (LEUS10)

Aí como vocês trabalham?

Com projetos. Mas só que o projeto ele não é só um momento. A gente vai ter as exposições, a gente iniciou o projeto no começo do ano e a gente levou durante o ano. (LEUS11) Então durante o ano a gente sempre tira um dia no mês pra tá renovando essas aulas, que se fosse pra gente assim pra gente ter materiais de outros a gente não tinha espaço para tá guardando esse material, então durante todo o ano a gente dentro de sala continua com o projeto. Não é só uma etapa que ali tem uma data marcada e para não, é uma coisa contínua. (LEUS12)

Como é que você trabalha com esse projeto?

De forma mais livre onde eles opinem. (LEUS13) Eu preparo a aula. Normalmente eles trazem o que eles querem produzir, aí a aula da gente sempre é na quinta ou na sexta, a aula de reciclagem. Aí eles já trazem na segunda e na terça o que eles querem produzir. Aí eu levo pra casa, eu faço o material para trazer um prontinho que eu fiz, aí eu vou colocar dentro de meu planejamento, ver lá em meu fluxo em que vai se encaixar, (LEUS14) porque a gente na parte de Ciências a gente tem a reutilização, aí procuro textos pra trabalhar encima de texto para poder fazer o objeto que eles trouxeram. (LEUS15) E também sempre antes de produzir a gente faz um texto instrucional, quais são os passos para a produção daquela atividade, Português. (LEUS16)

Matemática que a gente vai trabalhar com quantidade. Então se a gente produzir mais de um objeto, quantas é a quantidade de cada ingrediente que a gente precisar. (LEUS17) Então a gente vai tirando também pras outras áreas.

Em História a gente gosta muito de trabalhar, eu mesmo gosto de trabalhar com a história local. (LEUS18) Então eu gosto de fazer a história da nascente, cruzeiro, aí em História eu trabalho mais com essa parte. (LEUS19)

Na parte ambiental eu trabalhei sobre o riacho que tem aqui na frente, sobre a poluição que hoje tão jogando muito lixo próximo ao riacho. Então eles buscaram como era esse riacho antes. (LEUS20)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Sim, com pesquisas. Ver como é o ambiente. Até um outro dia teve um aluno que disse “olha tia tão fazendo construção lá em casa, eu encontrei isso debaixo da terra, garrafa, pedaço de tecido”, é eles relatam que encontram alumínio, panela, prato, pedaços de louça. Então eles buscam se espelhar no que vem em casa nos vizinhos aí trazem. (LEUS21)

Quais são os problemas locais que você aborda na escola?

Sim, aí um problema que a gente ver sempre com eles é a questão da água. Sim, a questão da água porque recentemente a gente teve aqui um surto de hepatite, e coincidiu muito com os alunos daqui da escola. E houve a preocupação de que é na escola. Mas aí a gente começou um trabalho de conscientização. (LEUS22) De limpar a água, o reservatório em casa, quais os cuidados que ele deve ter de botar o cloro na água. E ultimamente a gente vem sempre trabalhando muito nessa questão da água por causa desse foco de hepatite que teve aqui. (LEUS23)

A questão do lixo a gente tá incentivando a coleta, separação mais ou menos lixo seco e lixo molhado, separar dessa forma. (LEUS24)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

Eu acho que hoje são os pais. É abrir e também a cabeça dos pais para esse aspecto. Porque agora a gente tá fazendo a coleta do óleo pra fazer sabão, amanhã a gente vai fazer sabão. Então a maioria dos alunos não trouxe porque os pais ainda estão reutilizando o óleo até não dar mais para utilizar, então é abrir a cabeça dos pais pra que eles olhem desse lado mesmo, pensem na escola. (LEUS25)

Existem outras dificuldades?

A questão de material. Mas aí foi a questão mesmo da falta de material que levou a gente a começar a reciclar, porque aí foi só uma maneira da gente continuar com nossas aulas sem que o material fosse um empecilho. (LEUS26)

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

Hoje a gente olha para cada detalhamento da escola de uma forma diferente, e o que a gente pode fazer para melhorar, tanto professor como aluno. Então eles ver às vezes o cantinho, e acha feio, vamos mudar. Vamos fazer alguma coisa pra mudar essa parte. Então hoje que tivesse mais aberto sabe, a gente se uniu mais para tentar melhor. Melhorando, quais são as possibilidades de um dá sugestão ao outro. Quando a gente se reúne a gente em conjunto tentar sempre melhorar a escola. (LEUS27)

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Sim, hoje sim, antes não. Hoje sim porque hoje quando eu vou preparar minha aula, dentro de meu planejamento eu sempre tento focar em assuntos que melhore a qualidade de vida em questão ambiental. (LEUS28) Então na aula de Português, na aula de Matemática, História elas se tornam uma aula de educação ambiental, porque no final ali a gente se depara com um tema. (LEUS29)

ENTREVISTA7 - Entrevista realizada com a educadora Isabel que leciona na Creche Municipal Ipê Roxo e na Escola Particular Macambira, ambas localizadas no município de Poção - PE. A entrevista foi realizada do dia 18/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Aqui na creche nós temos 12 professores no total, todos trabalham envolvidos no projeto de educação ambiental. (ISUS1) Nós tínhamos a preocupação de trabalhar com tema da EA, mas não tínhamos subsídios suficientes para lhe dar. São crianças pequenas, e realmente a gente não tinha acervo, material de pesquisa na escola. Só a internet, mas a gente não tinha algo assim como um estudo estabelecido com o tema para que a gente pudesse desencadear atividades pra ser feita com eles. (ISUS2)

E o Águas de Areias possibilitou isso. Pelo menos como coordenação pude participar das formações de lá e diante disso desenvolver as atividades com elas. (ISUS3)

A gente já tinha a preocupação com a EA, nós já fazíamos aulas passeio, aulas de campo, na sementeira próxima a escola. Só que assim, era um trabalho um pouco solto, não tinha um contexto, não tinha um foco principal, e a gente tinha essa necessidade de fazer esse trabalho. Entre outros temas, o meio ambiente era um dos temas que ficava sempre em evidência, mas que a gente ficava um pouco perdido. (ISUS4)

E procuramos depois de algumas conversas, da própria formação, organizar as atividades que pudessem ser feitas com eles. Nada de muita oralidade, tinha que ser uma coisa mais tática, de mais contato. Foi justamente esse acesso ao canteiro que nós fizemos aqui na escola.

Já começamos pela reciclagem aqui na escola, as próprias garrafas da escola foram recortadas e foram montadas os pequenos canteirinhos com as sementes, pra que eles pudessem acompanhar o processo de plantar, de regar, de ver crescer. Pra eles é o máximo, eles estão vendo crescer agora. (ISUS5)

Então todos os professores trabalham aqui.

Todos participam. Na outra escola nós também temos a experiência de aula passeio, mas nada no sentido de botar a mão na massa, como se diz. (ISUS6) Talvez por falta de informação também, aqui nós tivemos uma formação, foi uma coisa mais direcionada para cá por causa da cartilha, tinha interesse na cartilha, de fazer as atividades.

As professoras daqui participaram de algumas formações, então isso que nos ajudou a vivenciar as atividades de EA, as que são de mais ludicidade. (ISUS7) Todas as atividades tiveram que ser nesse caráter de lúdicas, desde as confecções de maquetes com objetos reciclados, a implantação da horta, a confecção de cartazes. Então tudo passou por esse processo de ser lúdico. Então realmente tinha que ser em uma linguagem compreensível por eles, e tem que ser lúdico. (ISUS8)

Aí nós temos 7 professoras efetivas e todas graduadas, e temos cinco contratadas que estão em formação, estão cursando ainda a Pedagogia. (ISUS9)

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Por morar na zona rural, então eu to diante eu diria que diante do foco da questão do meio ambiente. (ISUS10) O meu pai é um agricultor, um pequeno pecuarista, então ele sempre teve a preocupação de ter sombras, ter árvores. (ISUS11) E mãe por natureza própria toda vida teve um espaço próximo de casa com um pomar eu diria, muitas plantas frutíferas. (ISUS12) Então eu acho que essa intenção de EA vem desde cedo. E eu acho que foi justamente esse contato, as minhas referências e lembranças de minha infância são todas rodeadas de sombras, de árvores. Então eu acho que as minhas melhores lembranças me influenciaram aqui na escola. (ISUS13)

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Me deu condições de eu ver o que eu posso fazer, o que eu posso fazer de diferente, o que eu posso fazer para contribuir. Coisa simples, como uma separação de lixo, como um reciclar dentro da escola, um reutilizar as coisas quando elas são descartadas. (ISUS14)

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

Lá nós temos a preocupação de conduzir já a essa concepção de cuidar do meio ambiente. Lá nós temos a separação de lixo, boa parte das lembrancinhas são confeccionadas já com recicláveis. (ISUS15) Então a gente tem esse processo de reciclagem. E sempre nesse intuito de cuidar de manter o ambiente limpo, de tentar separar o lixo.

Como você trabalha em sala de aula?

Também é nesse sentido nas duas escolas. Então toda semana a gente desenvolve projetos sobre o meio ambiente, órgãos dos sentidos, alimentação saudável, a produção da semana das crianças, a produção de no ano passado nós vivenciamos a confecção de objetos aqui, de brinquedos que eram confeccionados reciclados. (ISUS16)

E as cartilhas foi uma coisa inovada de EA para a escola, porque nós tínhamos o receio de tirar eles daqui porque eles são muito pequenos. E nós tínhamos sempre a preocupação de superproteger eu diria, de limitá-los, e a cartilha trouxe, eu diria que esse empurrão que faltava, essa força que foi tirá-los daqui. (ISUS17)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Sim, porque a gente acredita que se começar desde cedo, é dando condições a eles de aprender a remanejar o próprio lixo deles para o lixeiro, de lecionar o que dá pra ser utilizado, de desenvolver essa consciência ambiental, isso vai repercutir mais tarde. (ISUS18)

Então a intenção da creche é justamente essa, é de dar subsídios a eles agora nesse contato, nesse fazer no coletivo pra que eles possam desenvolver essa consciência. Então o lixo é uma questão que trabalhamos bastante. Até porque nós estamos às margens da cidade. Eu acho que você observou que não estamos centralizados, e aqui é um lugar carente, e o lixo aqui é um problema na localidade. (ISUS19)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

Eu vejo a dificuldade na falta de informação, de material de EA pra que possa ser desenvolvida a ativi-

dade, pra que possa orientar, nortear pra fazer a atividade. (ISUS20)

É um tema na verdade que eu diria que ta constantemente na mídia, porém se você for procurar em livros didáticos, um suporte, uma coisa que você possa ler, ter um embasamento e uma orientação, você vai achar muito pouco voltado para o trabalho de EA. (ISUS21) Eu particularmente não encontrei quase nada pra EA pra a educação infantil. O que eu achei foi o mínimo. (ISUS22)

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

A conscientização. Você deve ter observado quando você chegou que a gente tinha acabado de terminar o lanche que é a merenda deles. E no fim, eu acho que você deve ter visto, tava tudo limpinho, eles não deixam. E antes desse lanche eles têm lanche na sala, e você observou as salas também e as salas ainda não foram varridas, elas vão ser varridas daqui a pouco. (ISUS23)

Outra é a questão da organização dos brinquedos. É pra brincar no chão, os brinquedos ficam no chão. Mas se você fala que os brinquedos e disser que os brinquedos vão ficar na mesa, também fica na mesa. Então eu acho que eles desenvolveu muito essa questão do que é meu e eu vou cuidar. E isso vem repercutir nas brincadeiras, nos brinquedos, com a cartilha aprender a dividir as coisas. (ISUS24)

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Agora sim, porque até então a gente vê muito, via constantemente na faculdade e tinha um das cadeiras que é justamente a questão de meio ambiente, mas é tudo muito superficial, é tudo muito oratório, não tem como fazer, e faltava isso. (ISUS25) Eu sei o que é o que agride o meio ambiente, eu sei o que pode o poderia ser feito, mas eu nunca tinha feito porque faltava esse embasamento de detalhes.

Então hoje eu tenho condições de dizer que eu sou, porque se alguém me disser que precisa de uma opinião de uma atividade, eu sei como fazer, eu sei como dirigir. E eu antes, eu até poderia saber e fazer, mas eu acho que não tinha informações suficientes. (ISUS26) E nós temos vários temas para ser trabalhado em nosso município sobre o meio ambiente. Nós estamos tendo essas condições de fazer agora.

ENTREVISTA 8 - Entrevista realizada com o educador Henrique que leciona na Escola Municipal Jurema, localizada no município de Santa Cruz do Capibaribe - PE. A entrevista foi realizada do dia 21/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Quem tem o trabalho mais afimco sou eu e a professora Daniele, também os demais não deixam de nos ajudar. (HEUS1) embora também tenha o professor Raimundo que ele gosta muita também dessas coisas, que ele é Biólogo e favorece, nos ajuda, tira dúvidas, eu sempre recorro a ele quando tem alguma duvida.(HEUS2) Todos os professores nos ajudam, todos se prontificam a sempre colaborar. Eu e Daniele sempre encontramos apoio, eles sempre apoiam os nossos trabalhos.

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Desde pequeno mesmo, apesar de eu ser e ainda me considero um agricultor, nasci e me criei na zona rural,(HEUS3) sou justamente da escola que trabalho, da zona rural do município de Santa Cruz do Capibaribe mesmo, Cacimba de Baixo, e só saí do sítio aos 23 anos de idade, sempre gostei muito de animais e de plantas. (HEUS4) Aí como eu estou dentro da educação, e recebendo apoio também dos colegas e de outras pessoas também que surgem, aí a gente encontra até incentivo maior ou pra fazer coisas novas, ou dar continuidade no que já tem.

Eu sempre procurei algo ligado a isso. Nunca fui tão focado como sou hoje, porque antes eu não tinha nem o conhecimento e nem o apoio que eu recebo hoje. O apoio seria dos colegas da escola que eu

trabalho, quando iniciei também junto ao Projeto Capivara, isso fortaleceu muito minhas ideias através do conhecimento, e também que tive um contato muito direto com seu Paulo de Dona Tânia, que vieram me mostrar através da nossa amizade o projeto, como trabalhar, aí foi quando eu entrei, passei a conhecer o projeto. E daí eu mesmo me interessei bastante. E continuo no projeto ANE hoje super satisfeito, onde eu encontro ideias para projeto, projetos que são idealizados e são vivenciados. (HEUS5)

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Ela me mostrou que a gente pode viver de uma forma melhor preservando o meio ambiente. Você conservando o presente hoje, o seu futuro será outro, (HEUS6) e principalmente no que a gente pensa em relação aos nossos filhos, um futuro melhor para os nossos filhos, que sem o meio ambiente, sem o ar puro isso não vai nos ajudar em nada, e nem tanto a eles.

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

Olha a gente trabalha de uma forma, principalmente eu e professora Daniele, o professor Raimundo, a gente trabalha de forma é mais prática. A gente trabalha dentro de um conjunto onde a gente se aparece uma lagartixa a gente mostra a importância daquela lagartixa. Se a gente observa um esqueleto de um animal morto, a gente mostra a importância daquilo ali, porque eu acho que tudo isso que fica inserido dentro do ambiente, do meio ambiente. (HEUS7)

A gente trabalha mais em sala de aula, porque a gente não tem a permissão, a liberdade de dar uma aula é de campo, (HEUS8) e como a gente não tem essa liberdade, a gente procura mostrar através de vídeos, de imagens de livros e o nosso próprio conhecimento, e pegar também conhecimento do próprio aluno. Trazer pra realidade o conhecimento dos outros. (HEUS9)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Fazem sim. A gente tem realizado é como eu diria, a gente tem realizado sarau, por exemplo, envolvendo a questão da própria escola e o que tem ao seu entorno. Os danos, os prejuízos que são causados pela falta da mata, pela falta da arborização no entorno da escola. (HEUS10)

Também trabalhos a questão de não espalhar o lixo da própria merenda, do próprio lanche do aluno, a falta de árvores no entorno da escola que estamos tentando implantar isso na escola, já tem algumas mudas colocadas. E também a questão do ar. A nossa preocupação entorno também do ar puro na nossa escola. (HEUS11)

Semanalmente a gente trabalha em sala de aula a importância do meio ambiente, a importância de não jogar o lixo, de não se queimar o lixo, de não enterrar o lixo. (HEUS12)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

O que tem nos travado mesmo é a liberdade da gente querer trabalhar o projeto. Existe a dificuldade, principalmente da gestão, apesar da própria situação da prefeitura ter pessoas preocupadas com isso. Porque a gente não tem a liberdade de botar em prática as nossas ideias. Há um pensamento ainda arcaico onde o aprendizado se acontece dentro de uma sala com portas fechadas. (HEUS13)

A gente tem a facilidade. Sempre em sala de aula a gente não tem essa dificuldade não. Mas para fazer uma aula diferente, levar o aluno para o campo, melar as mãos, encher as unhas de terra, então nós somos impedidos. (HEUS14)

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

Eu tenho percebido que os alunos tanto do tempo que eu iniciei o meu trabalho quanto os presentes, que hoje como eu vivo uma coisa mais ativa, mais afimco mesmo, o que eu percebo que eles hoje, os próprios alunos, eles preservam a planta que for, eles não gostam e nem querem que ninguém quebre um galho, não querem que ninguém mate nem se quer um escorpião, não querem que mate nenhuma espécie de animal, não querem quebrar galhos, jogar pedras em árvores, eles não fazem isso. Eles fazem de tudo pra cuidar, e se possível até pedem mudas para plantar em casa. (HEUS15)

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Eu me sinto um educador ambiental sim, porque assim eu acho que ainda falta eu me dar o tanto quanto eu posso e sei. Talvez seja devido a minhas outras atividades, que nós pensamos, nós professores, sabe. *Mas aí eu me considero educador ambiental pela preocupação que eu tenho, pelo respeito que eu tenho, não só a uma árvore, mas aos animais, a água que falta que é desperdiçada, o cumê que é jogado fora, nesse sentido. (HEUS16).*

ENTREVISTA 9 - Entrevista realizada com a educadora Mariana que leciona na Escola Municipal Umbuzeiro, localizada no município de Jataúba – PE. A entrevista foi realizada do dia 21/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Lá na minha escola eu tenho a minha auxiliar *que quando eu comecei a trabalhar lá na Escola Municipal Umbuzeiro, no outro que não funciona por conta do teto que caiu, eu comecei a trabalhar com o pessoal incentivando a ir à feira do verde, a necessidade de plantar, de recolher aquele lixo. Então aqueles vizinhos lá da escola eles começaram. (MAUS1)* Então quem desenvolve a educação lá sou eu e a minha estagiária, ela sempre desenvolve. *(MAUS2)*

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Bom, desde sete anos, porque eu nasci lá no Sítio São Paulo dos Candinhos, que fica depois da Barra do Farias. E os meus pais eles sempre falavam que a gente tem que deixar a sombra na beira do rio, deixar a sombra na beira do rio. (MAUS3)

Então na margem do rio eu lembro muito que a gente tinha manga rosa, manga espada, goiaba, caju, porque naquela época não tinha muitas para vender. Eu lembro que meu pai plantava lá e levava aquela terrinha e plantava lá. E tinha uma barragem, porque naquele tempo se comprava sabão, mas não era enrolado no plástico como hoje, era por barra. (MAUS4)

Depois de 2009 eu lectionei Ciências Humanas no Projovem Campos Saberes da Terra II, então isso pra mim foi tudo. (MAUS5)

E foi muito bom, principalmente porque eu fiquei trabalhando com técnico, e por ser da área das Ciências Humanas eu comecei a trabalhar com o técnico. E foi lá onde a gente desenvolveu na comunidade do Catolé que é após esse sítio onde eu nasci. *Então a gente trabalhou essa consciência ambiental na comunidade, porque lá tem fabricos, muito lixo, resto de tecido, e eles não tem a noção assim de como economizar nada, de como reaproveitar aquele tecido. Então é tudo jogado. (MAUS6)*

Mas a gente desenvolveu muito é a forma de plantar, porque em 2009-2010 é lá o rio não secou, que o rio Taboca. Então a gente trouxe até morango de lá do Sítio Amaro, verdura, que lá o solo é bem fértil. E todos tiveram a consciência dentro do próprio quintal. (MAUS7)

Em 93 eu trabalhei com o Pré-escolar, e naquela época na cidade ou na escola, não era e nem se comentava em EA naquela escola. Então se fosse trabalhar dessa forma assim conscientizando, não podia, porque era só para ler e escrever. Então eu não tive esse apoio que eu esperava lá na escola Cordeiro Leão. (MAUS8)

Em 2004 eu comecei a lecionar reforço na minha casa, e lá sempre foi assim essa preservação que já foi desde infância. Tanto as minhas filhas e o meu esposo, a gente sempre tem esse cuidado com o meio ambiente. E na minha escola lá de reforço eles também têm essa consciência, porque funciona um anexo da Escola Inácio, e sempre que eles jogam lixo eles pedem licença e vão pegar o lixo. Eles têm essa consciência. (MAUS9)

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Tudo de bom, porque é uma forma que você se sente bem, que você ta preservando, que você ta fazendo

o melhor basta você querer, que você também pode trabalhar com outras pessoas, que você pode aumentar esse grupo de pessoas, falar cada um querendo participar, ajudar, e foi tudo de bom. (MAUS10)

Quando estávamos lá eu lembrei bastante das pessoas lá de poção a forma como estavam interagindo com as crianças com a escola e foi muito bom. Então se juntasse esses municípios e fizesse esse reflorestamento o quanto seria bom para a natureza. O quanto seria importante até pra conscientizar essas crianças até que eles possam seguir esses exemplos, porque vai passando de geração em geração e que eles possam dar esse exemplo para as gerações futuras.

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

A gente sempre trabalha, faz um pequeno projeto principalmente visando o local, a gente começa do local e depois que a gente vai abranger outras áreas também. (MAUS11)

Assim por falar de apoio do município a gente não tem como trabalhar um projeto que seja mais amplo. Eu vejo assim de levar os alunos até um lixão, por exemplo, porque a criança aprende mais quando ela observa. Mas simplesmente o município ela não dá apoio e não dá nenhum suporte pra gente. (MAUS12)

O meu sonho é levar os alunos pra conhecer a nascente do rio, mas até agora o município não disponibilizou nenhum transporte. O transporte que leva os educandos até a escola é uma Toyota, então tinha que ser duas viagens. (MAUS13)

Tanto em Ciências como em Língua Portuguesa trabalhamos textos principalmente texto informativo. (MAUS14)

E na localidade sempre a gente pergunta no percurso da escola até a sua casa onde eles ver mais poluição. A gente trabalha muito assim, que até lá no Apolinário se você observar a parte que tem essas bolsas, esses plásticos, essas sacolas, então chama bastante a visão que eu fui nessa escola. (MAUS15)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Fazem sempre. Sempre observando tudo que acontece. Pronto, durante esse projeto trabalhamos bastante a retirada da areia, que eles também disseram que não estavam levando a sério tudo isso. Então, o que vai causar o desmatamento, porque tem Caibeiras que são madeiras antigas que eles gostam de cortar, quem é carpinteiro, para trabalhar com móveis de boa qualidade. (MAUS16)

Então geralmente toda atividade é com texto informativo que a gente trabalha Língua Portuguesa, muito a parte de Ciências, de Geografia. Então se você for trabalhar a EA seja qual for o tema, você consegue encaixar a EA porque faz parte de tudo na vida ser humano. (MAUS17)

E o desmatamento também. Porque tem o roçado que eles desmatam e queima para plantar milho, feijão. Como não tem um bom inverno, terminam não plantando e a área fica assim descampada, e aí acaba com o solo. E também tem o lixo. Existe a preocupação de queimar o lixo porque não tem coleta. (MAUS18)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

Na minha escola eu sempre tenho assim uma liberdade de trabalhar aquilo que eu quiser. O gestor, secretário, coordenador eles nunca impuseram nada, eu tenho liberdade de trabalhar. Então o tema que eu quiser trabalhar até hoje eu trabalho. Eu tenho total liberdade e eles mandam eu resolver do meu jeito, sempre a minha coordenadora me manda resolver da minha forma. Não se envolvem, mas também não atrapalham. (MAUS19)

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

São vários, principalmente você mobilizar crianças pra que ela tenha visão dos fatores que são positivos, dos que são negativos. (MAUS20)

É uma situação que se você trabalhar, que se você amar as pessoas tem como ser feito, pra que esse trabalho não seja assim de uma forma que possa agredi-los, mas que seja assim com muita calma, tentando

passar, isso devemos fazer, isso não devemos. Então a gente consegue fazer muita coisa.

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Sim, porque eu sempre tive essa visão de não cortar, não poluir, e no Projovem aí foi quando eu comecei a desenvolver essa consciência da preservação ambiental. Hoje lá na área do Jacará eu tenho a liberdade de fazer alguma coisa, então eu me considero. (MAUS21)

A gente trabalha bastante a mata ciliar, a retirada da areia, nós fizemos visitas e eles puderam ver como acontece. Algo diferente é você trabalhar em um texto e eles verem a realidade. Os cacimbões, os perigos que correm, é aquele leito do rio, todo aquele lixo jogado, o perigo que é das instalações elétricas em péssimas condições. (MAUS22)

E eu procuro sempre fazer mais, porque a gente pensa nesse planeta mesmo. Porque hoje está desse jeito, e se a gente não fizer algo?

Então enquanto eu viver eu sempre estarei fazendo esse trabalho, e não é preciso também querer fazer em grande quantidade, começa a fazer em pequena quantidade para que depois possa ampliar para que todos possam ver e disso que possa fazer um pouquinho mais.

ENTREVISTA 10 - Entrevista realizada com o professor Paulo que leciona na Escola Particular Xique-xique, localizada no município de Jataúba - PE. A entrevista foi realizada do dia 12/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Ligado a esse processo são praticamente todos os professores, da creche ao pré I e pré II até o último ano, o 9º ano, (PAUS1) tem gente que tem pedagogia, tem gente que tem Geografia, são graduandos. (PAUS2) Tem pedagogia, tem professores com Letras, Inglês, Espanhol, mas que eles voltam pra essa área constantemente. (PAUS3) Agora que quando chega um projeto eles sim desenvolvem, buscam o conhecimento. (PAUS5) Agora de momento contínuo, sou eu. (PAUS7)

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Pode contar a história?

Sim!

Primeiro eu morava na zona urbana de Jataúba, fui morar com nove anos na zona rural, e assim vi a necessidade das pessoas, moradias completamente abandonadas, de lixo na porta das pessoas, e assim eu sempre tive esse olhar. (PAUS8)

E uma coisa que eu não tolero é injustiça sabe, é traições de você querer enganar as outras pessoas. A gente tem aquela questão assim de busca de melhorias para se adequar a uma realidade, porque o que eu tenho falar eu falo e pode publicar.

Mas assim, eu comecei a estudar aqui em uma escola do município e minha professora era de Ciências formada em Biologia, e me dava aula de Ciências e de Filosofia. E eu comecei mais a me interessar por essa realidade quando ela colocava a Filosofia dentro da Ciências, que seria filosofar, refletir a realidade. Então ela além de levar na disciplina dela o que era de obrigação dela, ela também contribuía levando para dentro de Ciências. Então foi ali, quando ela começou que passei a levar para essa realidade. (PAUS9) E a gente apresentou um trabalho belíssimo em praça pública naquela época, voltado para a realidade ambiental, que seria a preservação dos seres vivos, seria a parte da agricultura, o solo. (PAUS10)

E eu comecei a me voltar para a minha realidade, me engajei no projeto Cáritas Paroquial, comecei a

me engajar com esse pessoal, é um projeto da Igreja Católica da diocese de Pesqueira, *na época a gente começou a fazer visitas, momentos de orações com a comunidade e de buscar um elo de sustentabilidade dentro da comunidade.* (PAUS11)

Aí mais tarde é eu fui, comecei em outra escola e foi essa outra escola que eu me engajei em um projeto de EA. (PAUS12)

Depois mudei no sétimo ano para outra escola e lá também eu comecei um trabalho, e sempre indo para o processo da igreja. E assim a gente criou um projeto que falava sobre literatura, poesia e cordel, voltado para a zona rural, e a gente cita alguns autores como Manoel de Barros, Manoel Bandeira, entre outros. E quando a gente levou para a zona rural também houve a necessidade de a gente levar alguns poemas ligados a questão ambiental.

Aí então eu recebi um convite de uma professora de Biologia, ela era secretária de saúde na época e era professora da gente, e ela falou que tinha a necessidade de formar um grupo. Aí a gente idealizou. Chamava GTI, seria Grupo de Trabalho Intersetorial. A gente ia para vários setores. Aí era prevenção de doenças de doenças sexualmente transmissíveis, era a questão de alimento qualidade, era a questão de queimadas, rio, assoreamento de rio, é toda essa parte voltada a vida. (PAUS13)

E até mesmo o projeto ANE, o Águas de Areias foi um convite, e eu pude participar. (PAUS14)

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Tudo. Tudo que eu tenho hoje eu atribuo a EA. E meu medo é esse, eu tenho medo, mas a gente não pode ter medo porque o medo mata as pessoas. Mas digamos assim, o medo bom, o medo de você fazer as coisas certas, caminhar e caminhar certo, seria na verdade esse, não poder ajudar como deveria.

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

Na escola tem projetos na área. (PAUS15) *A Mostra Cultural que tem todos os anos. Um ano é uma Mostra Cultural, o outro ano é uma Mostra Ambiental. Cultural não quer dizer que não vai abordar os problemas ambientais não, a questão da cultura de uma região você pode também abordar problemas que vem acarretando destruições a ela, mas a ambiental ela é focada só a parte do ambiente mesmo.* (PAUS16)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Então assim, eu sempre busco, não vou fugir do planejamento que a escola me entrega, mas que gosto de abordar e levar a realidade do aluno pro ambiente, pro local. (PAUS17) *Como agora mesmo que a gente ta trabalhando o rio Jataúba.* (PAUS18)

Então é uma realidade constante que vem sendo modificada. Então não adianta você fugir para outra realidade que o aluno não conhece e que teria uma dificuldade de se imaginar, ou até mesmo contribuir para mudanças. Seria difícil, seria uma dificuldade enorme, até mesmo de compreender. (PAUS19)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

A maior dificuldade é material. Não tem material, a logística não tem. (PAUS20) *Eu quero fazer, eu quero sair com uma aula de campo com meus alunos, não tem o transporte.* (PAUS21) *E eu já marquei duas vezes. Tem uma reserva que se chama Saltinho lá em Pernambuco no Recife que ela é preservada. Então é uma dificuldade enorme você levar. A gente conseguiu duas vezes e eu não levei porque que não tem transporte.*

E liberdade. Não tem essa liberdade. Eu acho que o foco principal seria essa liberdade para trabalhar. (PAUS22)

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

A questão do fato de conhecer a sua realidade e poder falar, mostrar, apontar que o que ta acontecendo ali é errado. *Aluno que diz que o problema do rio Jataúba não é só do prefeito. O problema do rio Jataúba é de quem polui ele. (PAUS23)*

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Então ser ambientalista é isso, é a pesquisa, é você achar que está errado e partir para mudanças. *Então eu me considero não porque estou no processo de graduação de Biologia, mas pelo o que eu aprendi na vida. (PAUS24)*

ENTREVISTA 11 - Entrevista realizada com o professor Ivan que leciona na Escola na Municipal Caroá e na Escola de Referência do Ensino Médio Coroa-de-frade, ambas localizadas no município de Jataúba - PE. A entrevista foi realizada do dia 12/11/2014.

1. QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Aqui na escola tem eu, tem Danilo que é de Biologia, tem Pedro também que apesar de ele ser formado em letras, mas ele também trabalha. (IVUS1)

2. QUAIS INFLUÊNCIAS VOCÊ SOFREU PARA SE TORNAR UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Porque eu sempre gostei de plantas, e aqui na escola quem cuida das plantas sou eu. A parte de plantio de cuidado pra irrigar sou eu. (IVUS2) Eu também já iniciei uma Especialização em Gestão Ambiental. Então foi esse processo que fez eu gostar da EA. (IVUS3)

Um sonho meu é ter um sítio assim para que possa assim plantar várias árvores frutíferas, (IVUS4) além de lazer também eu acho uma terapia cuidar de plantas.

3. QUE REFLEXOS A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PRODUZIU NA SUA VIDA PESSOAL?

Para minha vida pessoal eu acho que a preocupação com a natureza, que a gente deveria mais se preocupar com a natureza, haja vista que o que hoje a gente mais ver é a degradação ambiental, que a gente não pensa tanto nas gerações futuras. E a partir do momento que você se envolve você passa mais a pensar, procurar deixar a natureza melhor pra nossas gerações. (IVUS5)

4. COMO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL É PRATICADA NA SUA ESCOLA?

Nossa escola eu acho que deixa muito a desejar porque a gente deveria ter mais projetos, haja vista que a gente tem um terreno imenso, e esse terreno não é aproveitado. A gente podia plantar hortas, ter uma parte mais voltada para essa questão de plantio, (IVUS6) e a gente tem um espaço enorme e esse espaço não é aproveitado.

Mas também aqui existe a questão da água aqui, que às vezes nós não temos água na escola. Aí plantar, eu mesmo às vezes eu não defendo plantar a planta só para plantar e deixar morrer, eu sou contra. (IVUS7)

Eu trabalho também com alguns assuntos de Geografia que tem a questão ambiental. O desenvolvimento sustentável, a questão da escassez de água, tudo isso a gente procura trazer para o lado da questão ambiental também. (IVUS8) Eu ligo a EA a minha disciplina. (IVUS9)

5. OS PROBLEMAS AMBIENTAIS LOCAIS FAZEM PARTE DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA?

Trago. Inclusive, esse Projeto Águas de Areias foi uma boa porque a gente tem essa questão dos impactos ambientais que a gente ver ao nosso redor, no entorno de nossa escola, e na realidade que eles vivenciam. (IVUS10)

A questão que aqui existe alguns afluentes do rio Capibaribe e que eles podem vivenciar isso no dia a dia, porque eles olham esses impactos ambientais. O desmatamento, a questão do esgoto que é jogado no rio, a retirada de areia. (IVUS11)

Eu procuro sempre contextualizar e mostrar os problemas daqui. (IVUS12)

6. QUE DIFICULDADES JÁ FORAM ENCONTRADAS NESSE CONTEXTO ESCOLAR?

Eu acho que o primeiro passo assim para que ocorresse uma melhora bem relevante seria mesmo a implantação da disciplina de EA. E eu acho que isso deveria ser implantado desde o Ensino Fundamental, é Geografia e Biologia trabalha muito com essa questão ambiental, mas eu acho que deveria se tornar uma disciplina mesmo. (IVUS13)

A questão também de que muitas vezes a escola não tem recurso para bancar um projeto. (IVU14) Porque todo projeto que você vai trabalhar depende de despreza, porque como a gente é uma escola pública, não podemos pedir dinheiro aos alunos, isso é uma questão delicada, mas tem essa questão também do lado financeiro para a implantação de algum projeto que a gente não tem.

7. QUE RESULTADOS TÊM SIDO ALCANÇADOS COM O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

A gente nota uma preocupação deles, e a preservação ambiental também. (IVU15) Porque a gente mostra isso para eles e a gente já nota a preocupação por parte deles também. Inclusive recentemente o IBAMA veio com a Polícia Federal ver essa questão da retirada da areia do rio. Hoje eles já estão bem mais preocupados com essa questão também. Isso ajuda nesse processo quando você trabalha a questão ambiental eles vão se conscientizando e vendo que o melhor para o futuro é você preservar. (IVUS16)

8. VOCÊ SE CONSIDERA UM EDUCADOR AMBIENTAL?

Limitado, mas considero. Até porque a gente também trabalha, a gente tem nossas limitações, mas a gente não deixa de ser um educador ambiental. (IVUS17) Principalmente o professor de Biologia e Geografia, porque a gente trabalha com esses temas e a gente procura mostrar isso daí, a realidade e o que poderia ser feito para preservar também. (IVUS18)

APÊNDICE III - TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DAS CIÊNCIAS
ORIENTADORA: CARMEN ROSELAINÉ DE OLIVEIRA FARIAS**

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Este documento é parte integrante de um projeto de pesquisa que será realizado por Raquel Eufrázio de Santana, visando à realização de sua Dissertação de Mestrado em Ensino das Ciências, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

O objetivo do trabalho é Compreender os significados da educação ambiental na escola a partir de experiências narradas por educadores ambientais do Alto Capibaribe - Pernambuco

Para tal, faremos um período de observação participante e também entrevistas gravadas em áudio, imagens e registros fotográficos. Os dados coletados serão mantidos em sigilo, assegurando anonimato aos participantes, e serão usados em ambientes privativos dos pesquisadores e do âmbito acadêmico que envolve a divulgação em congressos e seminários. O entrevistado(a) possui total liberdade para retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.

Pelo presente termo de consentimento declaro que autorizo a minha participação nesta pesquisa, pois fui informado(a) de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios. Fui igualmente informado(a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta, esclarecimento, ou qualquer dúvida acerca dos procedimentos da pesquisa; da liberdade de dar e retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo; da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados; do compromisso por parte do pesquisador de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade de continuar.

Data: ___/___/_____

Nome do entrevistado(a): _____

Instituição: _____

Função: _____

Assinatura do entrevistado(a)

Assinatura do pesquisador(a)

APÊNDICE IV - QUADRO GERAL DAS CATEGORIAS E UNIDADES DE SIGNIFICADO

FOCO DA ANÁLISE	CATEGORIAS E UNIDADES DE SIGNIFICADOS
<p>Quem desenvolve a educação ambiental na escola</p>	<p>Categoria - 1 A EA na escola é desenvolvida por alguns professores</p>
	<p>LAUS19 - Gabriela é Biologia e Daiany também é Biologia. Juliana, se eu não me engano, é História. BRUS1 - Clara e Nazaré são de Ciências, Daniele é de História e eu Matemática. BRUS2 – E na Escola Municipal Mandacaru tem o professor Sebastian, só que eu não sei se ele trabalha a EA lá na escola, e eu não trabalho com lá com a EA. Porque ele é de Ciências. BRUS3 - Aí eu não sei, porque lá eu vejo a postura dele, aí eu acho que ele não trabalha não. Não vejo ele uma pessoa engajada para poder querer mudar alguma coisa não BRUS15 - Nazaré e Clara, como elas já trabalham, já faz parte do assunto e do conteúdo que elas dão aos alunos. Aí elas já têm em Ciências uma carta a mais para poder trabalhar aquilo com os alunos. BRUS5 - Porém, esse ano eu não peguei a disciplina de Ciências que seria mais fácil trabalhar. Porém, Matemática ainda dá para fazer alguma coisa. JUS1- Olhe, trabalham comigo diretamente Geraldo e a formação dele é Biologia, nas Ciências Biológicas. (...)os professores de língua Portuguesa, (...). CLUS1 - Na realidade na Escola Municipal Mulungu eu trabalho a questão ambiental com o professor Bruno que é formado também na área de Biologia. CLUS3 - Mas em geral os professores com quem eu trabalho, que eu trabalhei, os que trabalham com as questões ambientais sempre são da área de Ciências e às vezes da área de Geografia. HEUS1- Quem tem o trabalho mais afimco sou eu e a professora Daniele, também os demais não deixam de nos ajudar, (...). HEUS2 - (...) embora também tenha o professor Raimundo que ele gosta muita também dessas coisas, que ele é Biólogo e favorece, nos ajuda, tira dúvidas, eu sempre recorro a ele quando tem alguma duvida. JULUS4 - Daiany parece que é Biologia e Dalva é Pedagogia JULUS19 - E ele é formado em Geografia então ele era uma das pessoas que era para dar o maior apoio. IVUS1 - Aqui na escola tem eu, tem Danilo que é de Biologia, tem Pedro também que apesar de ele ser formado em letras, mas ele também trabalha. IVUS18 - Principalmente o professor de Biologia e Geografia, porque a gente trabalha com esses temas e a gente procura mostrar isso daí, a realidade e o que poderia ser feito para preservar também. PAUS5 - Agora de momento contínuo, sou eu. PAUS3- Tem pedagogia, tem professores com Letras, Inglês, Espanhol, mas que eles voltam pra essa área constantemente. PAUS2 - tem gente que tem pedagogia, tem gente que tem Geografia, são graduandos. PAUS4 - Agora que quando chega um projeto eles sim desenvolvem, buscam o conhecimento.</p>
	<p>Categoria 2 – Em certos casos todos os professores podem se engajar em ações de EA na escola</p>

	<p>LEUS1 – Todos.</p> <p>LEUS3 - Quanto à formação, eles todos são graduados em Pedagogia(...).</p> <p>ISUS1 - Aqui na creche nós temos 12 professores no total, todos trabalham envolvidos no projeto de educação ambiental.</p> <p>ISUS9 - Aí nós temos 7 professoras efetivas e todas graduadas, e temos cinco contratadas que estão em formação, estão cursando ainda a Pedagogia.</p> <p>JUUS2 - Agora dentro da escola, todos. É um trabalho interdisciplinar, cada um dentro de sua área.</p> <p>PAUS1 - Ligado a esse processo são praticamente todos os professores, da creche ao pré I e pré II até o último ano, o 9º ano, (...).</p> <p>MAUS2 - Então quem desenvolve a educação lá sou eu e a minha estagiária, ela sempre desenvolve.</p> <p>IVUS13 - Eu acho que o primeiro passo assim para que ocorresse uma melhora bem relevante seria mesmo a implantação da disciplina de EA. E eu acho que isso deveria ser implantado desde o Ensino Fundamental, é Geografia e Biologia trabalha muito com essa questão ambiental, mas eu acho que deveria se tornar uma disciplina mesmo.</p>
<p>Como a educação ambiental é desenvolvida na escola</p>	<p>Categoria 3 – As atividades de educação ambiental realizadas fora da escola despertam aprendizagens e sensibilidades</p>
	<p>JUUS11 - (...), sair da escola e tentar sensibilizar outras escolas em relação ao meio ambiente (...).</p> <p>JUUS12 - (...) as pesquisas são muito importantes porque aí você incentiva o aluno a perceber, que ele não aprende apenas quando ele fica na sala de aula sentado e escrevendo,, (...).</p> <p>JUUS13 - (...) ele aprende quando ele vai pra o rio identifica uma área de lançamento de esgoto sem tratamento, eles pesquisando lendo outros artigos, (...).</p> <p>JUUS15 - Somos muito engajados. Esse engajamento veio a partir daí, (...) é pra ser uma atividade diferenciada, justamente pra não ser aquela questão monótona, de você chegar e dar aula e os meninos sentados, você faz a aula, passa atividade, passa leitura, e aí isso começa a se tornar uma coisa muito monótona, muito repetitiva, e aí você ver a EA como uma forma de protagonismo, porque eles vão tá trabalhando, não apenas eu que estou trabalhando, eu penso, eu pego ideias deles e a gente divide tarefas, engaja cada uma naquilo que eles sabem fazer de melhor.</p> <p>JUUS16 - (...) eu sempre trabalhei pegando aquilo que eles têm de melhor pegando como potencial, e tentando ao máximo não excluir.</p> <p>MAUS1 - (...) que quando eu comecei a trabalhar lá na Escola Municipal Umbuzeiro,, (...),eu comecei a trabalhar com o pessoal incentivando a ir a feira do verde, a necessidade de plantar, de recolher aquele lixo. Então aqueles vizinhos lá da escola eles começaram.</p> <p>MAUS16 - E na localidade sempre a gente pergunta no percurso da escola até a sua casa onde eles ver mais poluição. A gente trabalha muito assim, que até lá no Apolinário se você observar a parte que tem essas bolsas, esses plásticos, essas sacolas, então chama bastante a visão que eu fui nessa escola.</p> <p>MAUS22 - A gente trabalha bastante a mata ciliar, a retirada da areia, nós fizemos visitas e eles puderam ver como acontece. Algo diferente é você trabalhar em um texto e eles verem a realidade. Os cacimbões, os perigos que correm, é aquele leito do rio, todo aquele lixo jogado, o perigo que é das instalações elétricas em péssimas condições.</p> <p>Categoria 4 – As atividades propostas de educação ambiental são desenvolvidas na sala de aula nas diferentes áreas do conhecimento escolar</p> <p>IVUS9 - Eu ligo a EA a minha disciplina.</p>

IVUS8 - Eu trabalho também com alguns assuntos de Geografia que tem a questão ambiental. O desenvolvimento sustentável, a questão da escassez de água, tudo isso a gente procura trazer para o lado da questão ambiental também.

MAUS17 - Então geralmente toda atividade é com texto informativo que a gente trabalha Língua Portuguesa, muito a parte de Ciências, de Geografia. Então se você for trabalhar a EA seja qual for o tema, você consegue encaixar a EA porque faz parte de tudo na vida ser humano.

MAUS14 - Tanto em Ciências como em Língua Portuguesa trabalhamos textos principalmente texto informativo.

LAUS4 - A leitura que eu fazia todo o dia, eu procurava uma leitura que falava da água, a utilização da água, sobre a água. É uma leitura livre. Eu já aproveitava e fazia essa leitura para ele.

LAUS5 - Tem um dia que eu trabalho Matemática e Artes. Quando eu falei sobre o rio, sobre a vida que tinha no rio, eu interliguei a parte da Matemática em que eu fiz vários peixes, várias estrelas-do-mar, fiz cavalos marinhos. Eles fizeram a pintura livre de todos os materiais, e após isso eles recortaram para montar o mural, eu fiz a contagem de quantos peixinhos tinha, quantos cavalinhos marinhos, quantas estrelinhas tinham dentro daquele mural. Eles sabiam no real quantos seria aqueles numerais e eu representei depois no quadro. Não fugi da minha aula, que era os temas trabalhados de adição com ou sem reserva, só que eu incrementei o conteúdo que ia ser trabalhado e eu utilizei a arte através da pintura livre.

LAUS6 - Em Língua Portuguesa, eu trabalhei a utilização da água, aí fiz as regrinhas básicas, o que nós deveríamos e não deveríamos fazer com a água. A partir disso, nós conhecemos a letra que formava a palavra água, vimos também dente, como escovar os dentes, quais as letras que formavam a palavra dente, pasta, tudo isso incrementando junto com a aula. Isso também é uma forma de o aluno se interessar mais pela aula.

BRUS17 - Eu já utilizei materiais recicláveis uma vez para fazer alguns objetos lá na escola, e inclusive um dos objetos era um cubo, para depois fazer um jogo de Matemática com aquele dado.

JUUS10 - (...), conversando, às vezes alguns temas dentro da minha própria disciplina, quando a gente trabalha água pode tirar duas aulas de 50 minutos pra falar sobre água, e também as pesquisas e além dos projetos, (...).

LEUS13 - De forma mais livre onde eles opinem.

LEUS14 - Eu preparo a aula. Normalmente eles trazem o que eles querem produzir, aí a aula da gente sempre é na quinta ou na sexta, a aula de reciclagem. Aí eles já trazem na segunda e na terça o que eles querem produzir. Aí eu levo pra casa, eu faço o material para trazer um prontinho que eu fiz, aí eu vou colocar dentro de meu planejamento, ver lá em meu fluxo em que vai se encaixar, (...).

LEUS15 - (...) porque a gente na parte de Ciências a gente tem a reutilização, aí procuro textos pra trabalhar acima de texto para poder fazer o objeto que eles trouxeram.

LEUS16 - E também sempre antes de produzir a gente faz um texto instrucional, quais são os passos para a produção daquela atividade, Português.

LEUS17 - Matemática que a gente vai trabalhar com quantidade. Então se a gente produzir mais de um objeto, quantas é a quantidade de cada ingrediente que a gente precisar.

LEUS18 - Em História a gente gosta muito de trabalhar, eu mesmo gosto de trabalhar com a história local.

Categoria 5 – Os projetos constituem modos de planejamento e atuação em educação ambiental

CLUS13 - É a partir sempre de projetos, eu gosto muito de trabalhar com projetos, porque a gente fazendo um projeto, você tem um planejamento das ações que vai realizar, (...).

CLUS14 - (...) porque eu me preocupo muito quando ela é realizada só em datas comemorativas, fica uma coisa muito pontual, eu gosto de

trabalhar sempre com projeto, então de repente projetos que durem três a quatro meses e aí você tem toda a vivência e tem uma culminância, não que ali encerre, mas pelo menos aquela parte que estava prevista, aquelas atividades, aquelas ações. E assim você garante que elas vão ser realizadas.

LEUS11 - *Com projetos. Mas só que o projeto ele não é só um momento. A gente vai ter as exposições, a gente iniciou o projeto no começo do ano e a gente levou durante o ano.*

LEUS12 - *Então durante o ano a gente sempre tira um dia no mês pra tá renovando essas aulas, (...), então durante todo o ano a gente dentro de sala continua com o projeto. Não é só uma etapa que ali tem uma data marcada e para não, é uma coisa contínua.*

ISUS16 - *Então toda semana a gente desenvolve projetos sobre o meio ambiente, órgãos dos sentidos, alimentação saudável, (...) a confecção de objetos aqui, de brinquedos que eram confeccionados reciclados.*

PAUS12 - *Na escola tem projetos na área.*

PAUS13 - *A Mostra Cultural que tem todos os anos. Um ano é uma Mostra Cultural, o outro ano é uma Mostra Ambiental. Cultural não quer dizer que não vai abordar os problemas ambientais não, a questão da cultura de uma região você pode também abordar problemas que vem acarretando destruições a ela, mas a ambiental ela é focada só a parte do ambiente mesmo.*

JUUS17 - *Aí eu digo a eles que a gente forma os grupos, a gente faz pesquisa naquela área, e a gente escreve pra um determinado evento. Os nossos alunos vão se sentir como peças importantes dentro de um projeto, porque o que eles querem é participar do projeto,*

LAUS17 - *(...) à noite eu trabalho com projetos, que é idade fora da faixa etária.*

JULUS13 - *Então assim, começou a surgir a partir da Água de Areias quando a gente foi pra lá. E a questão da construção da cartilha quando a gente falou qual era o objetivo eles começaram a se engajar.*

Categoria 6 – Atividades que têm dimensão lúdica despertam o interesse das crianças pela educação ambiental

LAUS7 - *Teve um dia em que eu falei sobre a utilização da água, que após nossas mães lavarem as roupas, nós deveríamos reutilizar aquela água. Aí um dia antes eu mandei elas levarem as bonecas delas, e os meninos os carrinhos, aí eu falei, olhe essa água vai servir para vocês passarem o pano dentro de casa. (...) Aí isso mexe no lúdico, na parte do real, aí a criança fica mais interessada pela aula.*

ISUS5 - *Já começamos pela reciclagem aqui na escola, as próprias garrafas da escola foram recortadas e foram montadas os pequenos cantarinhos com as sementes, pra que eles pudessem acompanhar o processo de plantar, de regar, de ver crescer. Pra eles é o máximo, eles estão vendo crescer agora.*

ISUS8 - *Todas as atividades tiveram que ser nesse caráter de lúdicas, desde as confecções de maquetes com objetos reciclados, a implantação da horta, a confecção de cartazes. Então tudo passou por esse processo de ser lúdico. Então realmente tinha que ser em uma linguagem compreensível por eles, e tem que ser lúdico.*

Categoria 7 – A EA nos limites da escola e da sala de aula

JUUS8 - *Ela é praticada tanto no dia a dia e em sala de aula, (...).*

JUUS9 - *(...) nos corredores da escola quando a gente passa, até eu mesmo digo “olha como é que a gente trabalha tanto o meio ambiente e vocês ainda jogam lixo aqui?”*

HEUS7 - *(...) a gente trabalha de forma é mais prática. A gente trabalha dentro de um conjunto onde a gente se aparece uma lagartixa a gente mostra a importância daquela lagartixa. Se a gente observa um esqueleto de um animal morto, a gente mostra a importância daquilo ali, porque eu acho que tudo isso que fica inserido dentro do ambiente, do meio ambiente.*

HEUS9 - *(...) e como a gente não tem essa liberdade, a gente procura mostrar através de vídeos, de imagens de livros e o nosso próprio conhe-*

	<p><i>cimento, e pegar também conhecimento do próprio aluno. Trazer pra realidade o conhecimento dos outros.</i></p> <p>HEUS14- <i>A gente tem a facilidade. Sempre em sala de aula a gente não tem essa dificuldade não. Mas para fazer uma aula diferente, levar o aluno para o campo, melar as mãos, encher as unhas de terra, então nós somos impedidos.</i></p> <p>JULUS14 – <i>(...)a gente tenta aproveitar em sala de aula. Para fazer uma pesquisa de campo a gente tem dificuldade. A escola não permitiu que os alunos no horário de aula saíssem para a margem do rio para tirar foto, fazer coleta de dados.</i></p> <p>JULUS15 - <i>Eu levo o material, pesquiso, levo slide. A gente faz pesquisa, eu distribuo temas para que eles façam pesquisa individual, (...).</i></p> <p>CLUS30 - <i>Às vezes a gente não tem muito tempo, muito espaço, mas na sala de aula na realidade é a gente quem dá as cartas, e eu sempre tive muita consciência disso.</i></p> <p>LAUS13 – <i>(...) tem aquela questão, eu tenho liberdade porque só tem eu em sala de aula</i></p>
<p>A abordagem de temáticas ambientais locais nas ações de educação ambiental</p>	<p>Categoria 8 - O ambiente local oferece oportunidades para o trabalho de educação ambiental na escola</p>
	<p>MAUS16 - <i>Fazem sempre. Sempre observando tudo que acontece. Pronto, durante esse projeto trabalhamos bastante a retirada da areia, que eles também disseram que não estavam levando a sério tudo isso. Então, o que vai causar o desmatamento, porque tem Caibeiras que são madeiras antigas que eles gostam de cortar, quem é carpinteiro, para trabalhar com móveis de boa qualidade.</i></p> <p>MAUS7 - <i>Mas a gente desenvolveu muito é a forma de plantar, porque em 2009-2010 é lá o rio não secou, que o rio Taboca. (...). E todos tiveram a consciência dentro do próprio quintal.</i></p> <p>LEUS21 - <i>Sim, com pesquisas. Ver como é o ambiente. Até um outro dia teve um aluno que disse “olha tia tão fazendo construção lá em casa, eu encontrei isso debaixo da terra, garrafa, pedaço de tecido”, é eles relatam que encontram alumínio, panela, prato, pedaços de louça. Então eles buscam se espelhar no que vem em casa nos vizinhos aí trazem.</i></p> <p>LAUS31 - <i>E assim eu considero que as questões ambientais locais servem para trabalhar como temas para tentar modificar essa situação.</i></p> <p>BRUS18 - <i>Sim, porque a pessoa tem que aprender na escola para levar fora e multiplicar aquele conhecimento com os outros.</i></p> <p>HEUS10 - <i>Fazem sim. A gente tem realizado é como eu diria, a gente tem realizado sarau, por exemplo, envolvendo a questão da própria escola e o que tem ao seu entorno. Os danos, os prejuízos que são causados pela falta da mata, pela falta da arborização no entorno da escola.</i></p> <p>IVUS10 - <i>Trago. Inclusive, esse Projeto Águas de Areias foi uma boa porque a gente tem essa questão dos impactos ambientais que a gente ver ao nosso redor, no entorno de nossa escola, e na realidade que eles vivenciam.</i></p> <p>IVUS12 - <i>Eu procuro sempre contextualizar e mostrar os problemas daqui.</i></p> <p>PAUS14 - <i>Então assim, eu sempre busco, não vou fugir do planejamento que a escola me entrega, mas que gosto de abordar e levar a realidade do aluno pro ambiente, pro local.</i></p> <p>PAUS20 - <i>Aluno que diz que o problema do rio Jataúba não é só do prefeito. O problema do rio Jataúba é de quem polui ele.</i></p> <p>PAUS16 - <i>Então não adianta você fugir para outra realidade que o aluno não conhece e que teria uma dificuldade de se imaginar, ou até mesmo contribuir para mudanças. Seria difícil, seria uma dificuldade enorme, até mesmo de compreender.</i></p> <p>CLUS20 - <i>Então eu sempre trabalho mais essas temáticas que são mais locais. Porque até pra eles compreenderem a importância do bioma onde eles estão inseridos, porque às vezes eles não valorizam, não enxergam assim nenhuma beleza. Então é importante que eles tenham esse respeito, esse orgulho. Um bioma único no mundo, que tem todas essas características boas e ruins, e que também dificulta essa convivência,</i></p>

mas que é importante, é diferente, e que a gente tem que aprender a conviver e a valorizar.
CLUS22 - *E os alunos é muito bom pra eles também, porque eles vão entendendo coisas que eles vivenciam no cotidiano. Porque eles ver os pais, os avós fazerem, utilizarem, e que muitas vezes eles acham que não faz sentido.*

Categoria 9 - As relações entre o local e o global se complementam nas ações de educação ambiental

MAUS11 - *A gente sempre trabalha, faz um pequeno projeto principalmente visando o local, a gente começa do local e depois que a gente vai abranger outras áreas também.*

CLUS18 - *Sim, principalmente eu acho que as questões locais, porque mesmo quanto a gente trabalha as questões mais globais assim, a gente acaba fazendo uma análise de como isso se dá aqui.*

JUUS14 - *(...) eles leem e percebem que essa realidade não é uma realidade sé de Santa Cruz do Capibaribe, a gente pode dizer que é uma realidade em nível de Brasil, e aí eles percebem que outras pessoas nos outros lugares passam pelos os mesmos problemas que a gente passa.*

Categoria 10 – A temática do lixo é muito valorizada na escola

LEUS24 - *A questão do lixo a gente tá incentivando a coleta, separação mais ou menos lixo seco e lixo molhado, separar dessa forma.*

LEUS10 - *Aqui a gente é bem pra parte de reciclar, de retomar, não jogar, não desperdiçar. Então a gente sempre, o foco da gente é evitar o desperdício.*

HEUS12 - *(...) semanalmente a gente trabalha em sala de aula a importância do meio ambiente, a importância (...) de não se jogar o lixo de não se queimar o lixo de não enterrar o lixo.*

HEUS11 - *Também trabalhos a questão de não espalhar o lixo da própria merenda, do próprio lanche do aluno, é a falta de árvores no entorno da escola (...), e também (...). (...) a questão do ar puro na nossa escola.*

ISUS15 - *Como eu disse lá nós temos a preocupação de fazer já essa, de conduzir já a essa concepção de cuidar do meio ambiente. Lá nós temos a separação de lixo, boa parte das lembrancinhas são confeccionadas já com recicláveis, (...).*

ISUS19 – **Então, o lixo é uma questão que trabalhamos bastante.** *Até porque nós estamos às margens da cidade. Eu acho que você observou que não estamos centralizados, e aqui é um lugar carente, e o lixo aqui é um problema na localidade.*

BRUS15 - *(...) agora com os outros professores, por exemplo, Libânea ela tenta, é vai muito lixo, muito retalho de tecido pro lixo, ela faz uma reciclagem desse tecido e faz alguns artesanatos.*

BRUS12 - *Já em relação ao lixo, ao meio ambiente, a saber onde jogar, como eles não têm essa consciência, eles jogam em qualquer lugar, é isso que a gente tem o maior trabalho para tentar mudar, esse essa mania que eles têm em jogar em qualquer canto.*

BRUS13 - *E lá escola eles utilizam a janela como lixo, como lixeira. Jogam as coisas pela janela, e é uma briga toda vez. Eu digo saia da sala pegue o lixo e traga pra dentro do lixeiro.*

BRUS20 - *Principalmente o lixo, a seleção do lixo eu acho.*

JULUS16 - *A conscientização da questão da poluição que a gente ver, dos diversos tipos de descartes. Eu trabalho muito a questão, desde o ano passado que eu venho trabalhando a questão dos tipos de lixo. (...), a quantidade de poluição, o que pode provocar. (...), a questão das chuvas. De jogar o lixo, de colocar o esgoto para o rio que a gente ver a céu aberto aí constante. Porque essas pessoas que moram perto do rio elas não têm esgoto, e é tudo direto no rio.*

MAUS6 - *Então a gente trabalhou essa consciência ambiental na comunidade, porque lá tem fabricos, muito lixo, resto de tecido, e eles não tem a noção assim de como economizar nada, de como reaproveitar aquele tecido. Então é tudo jogado.*

MAUS18 - *E o desmatamento também. Porque tem o roçado que eles desmatam e queima para plantar milho, feijão. Como não tem um bom*

	<p><i>inverno, terminam não plantando e a área fica assim descampada, e aí acaba com o solo. E também tem o lixo. Existe a preocupação de quem o lixo porque não tem coleta.</i></p> <p>Categoria 11 – As questões que envolvem a água da região orientam certos trabalhos de EA na escola</p> <p>LEUS22 - <i>Sim, aí um problema que a gente ver sempre com eles é a questão da água. Sim, a questão da água porque recentemente a gente teve aqui um surto de hepatite, e coincidiu muito com os alunos daqui da escola. E houve a preocupação de que é na escola. Mas aí a gente começou um trabalho de conscientização.</i></p> <p>LEUS23 - <i>De limpar a água, o reservatório em casa, quais os cuidados que ele deve ter de botar o cloro na água. E ultimamente a gente vem sempre trabalhando muito nessa questão da água por causa desse foco de hepatite que teve aqui.</i></p> <p>LEUS19 - <i>Então eu gosto de fazer a história da nascente, cruzeiro, aí em História eu trabalho mais com essa parte.</i></p> <p>LEUS20 - <i>Na parte ambiental eu trabalhei sobre o riacho que tem aqui na frente, sobre a poluição que hoje tão jogando muito lixo próximo ao riacho. Então eles buscaram como era esse riacho antes.</i></p> <p>BRUS8 - <i>A água principalmente pela região que eu moro que tipo não tem. A gente compra água em casa mesmo. A gente compra água para poder tomar banho, para poder cozinhar, fazer tudo. Não chega água da COMPESA, daí precisa ter esse uso consciente e não desperdiçar.</i></p> <p>BRUS10 - <i>Na Escola Municipal Mulungu a EA é principalmente com a água. Os alunos, pela convivência com o projeto Águas de Areias, as perguntas os questionários que a gente aplicou com os alunos a gente viu que eles economizam, eles tem o uso consciente, eles sabem realmente o verdadeiro valor desse líquido, a água.</i></p> <p>BRUS20 - <i>A economia da água também, mas isso é uma coisa que eles já fazem já há algum tempo. É já faz parte do cotidiano.</i></p> <p>LAUS29- <i>E depois de conversando com eles sobre a poluição do rio, (...).</i></p> <p>IVUS11 - <i>A questão que aqui existe alguns afluentes do rio Capibaribe e que eles podem vivenciar isso no dia a dia, porque eles olham esses impactos ambientais. O desmatamento, a questão do esgoto que é jogado no rio, a retirada de areia.</i></p> <p>CLUS23 - <i>Aí sempre trabalhando essas temáticas locais, muito voltado assim para a questão ou do rio Capibaribe, ou da Caatinga com essa convivência com o Semiárido.</i></p> <p>CLUS19 – <i>(...) a gente trabalha muito a questão assim, da seca, a questão dessa convivência com o Semiárido. (...) a questão da convivência com a Caatinga.</i></p> <p>PAUS15 - <i>Como agora mesmo que a gente tá trabalhando o rio Jataúba.</i></p> <p>JUUS20 - <i>A questão do rio como foco principal, e aí a gente tem a questão de resíduos sólidos da cidade, ela tem uma produção de lixo, eu diria extraordinária. (...) por conta da confecção (...). A falta de árvores na cidade, a carência na sua arborização, e aí é como se um tema dentro da EA vai puxando para outra.</i></p> <p>JUUS19 - <i>Todos envolvem a temática de EA. (...), agora o de Geraldo é mais na área da vegetação, (...) para a área da Caatinga, quase todos ou é na área de água ou é na área da vegetação. Eu trabalho mais com água, (...).</i></p> <p>LAUS18 - <i>O cronograma vem do Rio de Janeiro, cada região tem que abranger o rio. Até na minha sala tem uns cartazes sobre a utilização da água que eu fiz com eles, sobre como não haver desperdícios, como a falta da água pode mudar o nosso dia a dia.</i></p>
Facilidades encontradas para o desenvolvimento da educação na escola	<p>Categoria 12– O apoio da comunidade escolar facilita o desenvolvimento da educação ambiental</p>
	<p>BRUS22 - <i>Mas pela equipe da escola, eles sempre estiveram abertos para qualquer proposta pra a gente trabalhar.</i></p>

	<p>LEUS2 - <i>Aí a partir daí foi juntando os professores e dando ideias, aí a gente pensou no projeto de reciclagem.</i></p> <p>HEUS5 - <i>antes eu não tinha nem o conhecimento e nem o apoio que eu recebo hoje. O apoio seria dos colegas da escola que eu trabalho, quando iniciei também junto ao Projeto Capivara, isso fortaleceu muito minhas ideias através do conhecimento, e também que tive um contato muito direto com seu André de Cintia, (...). E continuo no projeto ANE hoje super satisfeito, onde eu encontro ideias para projeto, projetos que são idealizados e são vivenciados.</i></p> <p>JUUS29 - <i>Sim, eu tenho. Sempre tivemos. De direção, de professor a aluno. E aí a gente tem total apoio, tanto do tanto da equipe da parte administrativa, como da parte dos professores.</i></p> <p>JUUS30- <i>Nessa atividade do Dia da Água a gente pega um professor e ele só fotografa, inclusive é Geraldo com João. Geraldo sai de moto com João fotografando. Outro professor já vai com o carro de som na frente falando o que é o evento, falando para economizar água. Outros professores já vão com a faixa para o sinal de trânsito, e cada um participa de alguma maneira.</i></p> <p>JULUS20 - <i>Os alunos. Eu acho que é quando eu entro na sala e os alunos querem dar um jeitinho, querem fazer tal hora e dão ideias para fazer tal dia.</i></p> <p>MAUS19 - <i>Na minha escola eu sempre tenho assim uma liberdade de trabalhar aquilo que eu quiser. O gestor, secretário, coordenador eles nunca impuseram nada, eu tenho liberdade de trabalhar. Então o tema que eu quiser trabalhar até hoje eu trabalho. Eu tenho total liberdade e eles mandam eu resolver do meu jeito, sempre a minha coordenadora me manda resolver da minha forma. Não se envolvem, mas também não atrapalham.</i></p> <p>Categoria 13– Os projetos externos ampliam as possibilidades das atividades de EA na escola</p> <p>CLUS16 - <i>Já na Escola Municipal Mulungu, por ser uma escola menor, e também por a gente fazer parte de um projeto que é o COOPERJO-VEM, estimula muito esse trabalho é de cooperação. Então a gente consegue envolver outros professores.</i></p> <p>CLUS17 - <i>Ele facilita bastante essa comunicação.(...), e aí eles sempre estimulam para que a gente desenvolva projetos. Por exemplo, que não sejam projetos que beneficiem só a escolas, mas que eles repercutam na comunidade, que traga a comunidade pra escola, que leve a escola para fazer ações na sociedade, então de projetos mais assim inclusivos mesmo. Então, a gente trabalha muito com essa vertente de EA. Aí a gente terminando meio que dando uma direcionada muito para a questão ambiental.</i></p> <p>BRUS27 - <i>Na Escola Municipal Mulungu foi principalmente por causa do Águas de Areias, na outra é mais sobre o lixo que eu converso com eles. Mas é questão de, é eu não me esforcei a querer fazer lá eu queria focar só na disciplina Matemática.</i></p> <p>ISUS3 - <i>E o Águas de Areias possibilitou isso. Pelo menos como coordenação pude participar das formações de lá e diante disso desenvolver as atividades com elas.</i></p> <p>ISUS7 - <i>As professoras daqui participaram de algumas formações, então isso que nos ajudou a vivenciar as atividades de EA, as que são de mais ludicidade.</i></p> <p>JUUS18 - <i>E as parcerias com as universidades que nós temos, essas parcerias elas são assim fundamentais. A gente tem com a Betânia no De olho e com vocês do Águas de Areias, porque essas parcerias, elas vão trazer pra gente uma participação na JEPEX.</i></p>
Dificuldades encontradas para o desenvolvimento da educação ambiental na escola	<p>Categoria 14 – A falta de apoio à educação ambiental por parte da gestão/coordenação escolar dificulta o desenvolvimento da EA na escola</p> <p>JULUS1 - <i>(...) a dificuldade é justamente por falta de apoio que a gente não tem.</i></p>

JULUS17 - (...) o coordenador pedagógico e aí realmente ele coíbe essas ações, porque ele quer os alunos na sala de aula, independente do que seja. Por exemplo, quando eu fui para o Águas de Areias eu vi que a gente aprende muito mais do que em sala de aula. E aí para um aluno não sair da sala, para não ficar uma turma sem aula, o coordenador ele proíbe.

LAUS10 - Se você sair para alguma formação, ou você bota substituto ou você leva falta.

JULUS18- Eu disse a ele que eu cheguei aqui com um projeto maravilhoso, e depois que eu saí da sua sala não tive mais motivação para trabalhar porque você botou tanta dificuldade.

JULUS5 - Elas são pessoas que realmente tem o compromisso para trabalhar, mas que sente justamente a dificuldade e depois acabam se desinteressando.

LAUS8 – Aí já Escola Estadual Caraiqueira, no turno da noite, eu tenho mais duas colegas que é a Daiany e tem Juliana. Elas trabalham pelo esforço próprio, porque ajuda da direção não tem.

LAUS9 - Porque se você quiser botar uma aula diferente com os alunos, para mostrar na prática, eles não liberam, eles botam empecilho.

LAUS26 - Esses coordenadores de apoio, para não ter trabalho, eles não lhe ajuda, para não acumular trabalho para eles.

LAUS28 - Porque assim, eu acho que eu não sei, mas nós estamos em uma situação precária da prefeitura, que em dois anos mudou cinco vezes de prefeito. Aí nós não temos gestão diária. Tinha uma gestão, mudou, saiu uma entrou outra entrou outra, e assim foi. (...), e se essa pessoa sair, quem vai dar continuidade? Mesmo assim eu desenvolvo individualmente.

HEUS13 - Porque a gente não tem a liberdade de botar em prática as nossas ideias. Há um pensamento ainda arcaico onde o aprendizado se acontece dentro de uma sala com portas fechadas.

CLUS28 - (...) a falta de apoio na escola, não necessariamente dos colegas, mas falo da direção, da coordenação.

PAUS19 - E liberdade. Não tem essa liberdade. Eu acho que o foco principal seria essa liberdade para trabalhar.

HEUS8 - A gente trabalha mais em sala de aula, porque a gente não tem a permissão, a liberdade de dar uma aula é de campo, (...).

LAUS16 - Na Escola Estadual Caraiqueira eu desenvolvo só em sala de aula. Se for fora de sala eu não consigo.

MAUS8 - Em 93 eu trabalhei com o Pré-escolar, e naquela época na cidade ou na escola, não era e nem se comentava em EA naquela escola. Então se fosse trabalhar dessa forma assim conscientizando, não podia, porque era só para ler e escrever. Então eu não tive esse apoio que eu esperava lá na escola Cordeiro Leão.

LAUS27 - (...) eu acho que tá faltando aquelas pessoa que chegue e diga assim, “ó nós podemos trabalhar isso”, (...) um líder.

LAUS32 - A maior parte em relação à particular é a falta de apoio pedagógico

CLUS26 - Uma dificuldade que eu encontro mais na escola estadual é que nós não temos coordenador, nesse momento.

LEUS25 - Eu acho que hoje são os pais. É abrir e também a cabeça dos pais para esse aspecto. (...), pensem na escola.

LAUS11 - E na particular tem Regina, mas ela trabalha a EA porque faz muitos anos que ela já está lá dentro da escola, aí já tem espaço lá dentro.

LAUS12 - Mas quem tá assim no meio de dois anos, ou quem tem um ano só, não tem esse espaço na escola.

Categoria 15 – A estrutura e organização curricular criam obstáculos para o professor desenvolver práticas de EA

JUUS6 - Na escola no Brasil ainda é muito complicado, sala de aula o tempo todo sentado na cadeira, ouvindo alguém falar, lendo muito, (...).

JUUS21 - As dificuldades são primeiro você aliar o conteúdo, que a escola no Brasil é muito conteudista, não adianta a gente fugir dessa realidade.

JUUS22- Que a gente é uma escola que a nossa meta, o investimento em uma Escola Integral é um investimento pra gerar resultados,a apro-

vação do vestibular. Então não adianta eu querer que a escola não seja conteudista se o vestibular pede que ele saiba. Então ele vai ficar na escola e não vai conseguir entrar na universidade.

JUUS23 - Outra é a própria carga horária, a carga horária ela é imoral com a gente.

JUUS24 - a escola no Brasil ela ainda é muito burocrática, a gente ainda vive a parte de números, e a gente esquece da pessoa, a pessoa é mais importante do que um número, (...), eu não posso transformar o meu aluno em um número, porque eu não vou conseguir que ele tenha resultados como pessoa, e aí essa também é uma dificuldade.

LAUS1 - Bom, em uma das escolas que eu trabalho é difícil, porque já chega o cronograma completo para nós, desde a acolhida e correção de para casa. É uma regra que você tem que seguir todo dia aquele cronograma.

LAUS2 - Assim, tem pessoas que quando se acomoda vê isso como um empecilho, mas para eu trabalhar outro tema eu não vejo como empecilho.

LAUS3 - Pronto, eu trabalhei o projeto a utilização da água em sala de aula. Só que ao mesmo tempo em que eu trabalhava esse projeto interdisciplinar, eu interligava com as disciplinas que eu dava em sala de aula.

JULUS22 - Mas assim, outra dificuldade é que eu sou contratada, e aí chega dezembro e a gente não sabe se continua. Apesar de que já faz cinco anos que eu trabalho lá, mas a gente só pode se programar depois que renovar o contrato na escola.

BRUS16 - Eu acho que dificulta sim, porque que tem um conteúdo de Matemática também pra ser passado.

LAUS15 - Na particular eu não desenvolvo por conta de questões administrativas da escola.

BRUS23 - Nunca tivemos dificuldades, só quando era para sair os dois ao mesmo tempo, porque lá só são três professores, e sair dois não tem como, aí um sai em um dia e o outro sai no outro, três professores por dia.

JUUS26 - Outra é que você não consegue trabalhar com todo mundo, com todos os alunos da escola. (...), e aí eu tenho que excluir alguns.

JUUS27 - Lhe dar com grupos também é complicado. Porque você tem que orientar, você tem que estimular prazo, você tem que estabelecer metas pra eles cumprirem aquelas atividades, (...).

Categoria 16 – O trabalho solitário na educação ambiental

CLUS2 - E na Escola Estadual Algaroba, ativamente nem um outro que eu conheço. Foi uma das dificuldades que eu me senti assim solitária nessa luta.

CLUS15 - Agora na Escola Estadual Algaroba, por ser uma escola maior, por ter um quantitativo maior de professores, na realidade esses projetos terminam sendo meio solitários. Às vezes eu faço e outros professores nem sempre desenvolvem porque dá um pouco de trabalho.

CLUS23 - (...) dificuldade é justamente a falta de interesse de muita gente em participar, porque assim, quando você faz um projeto você trabalha com um grupo de professores é muito melhor, é muito mais rico, em geral é.

CLUS24 - Então uma coisa que eu acho muito difícil é às vezes trabalhar isoladamente.

Categoria 17 – A falta de fontes de informações direcionadas a EA para o ensino infantil dificulta o desenvolvimento da EA na escola

ISUS2 - Nós tínhamos a preocupação de trabalhar com tema da EA, mas não tínhamos subsídios suficientes para lhe dar. São crianças pequenas, e realmente a gente não tinha acervo, material de pesquisa na escola. Só a internet, mas a gente não tinha algo assim como um estudo estabelecido com o tema para que a gente pudesse desencadear atividades pra ser feita com eles.

ISUS20 - Eu vejo a dificuldade na falta de informação, de material de EA pra que possa ser desenvolvida a atividade, pra que possa orientar, nortear pra fazer a atividade.

ISUS21 - É um tema na verdade que eu diria que tá constantemente na mídia, porém se você for procurar em livros didáticos, um suporte, uma

	<p>coisa que você possa ler, ter um embasamento e uma orientação, você vai achar muito pouco voltado para o trabalho de EA.</p> <p>ISUS22 - Eu particularmente não encontrei quase nada pra EA pra a educação infantil. O que eu achei foi o mínimo.</p>
	<p>Categoria 18 - Os problemas de logística dificultam a execução dos projetos/ações de educação ambiental na escola</p>
	<p>IVUS14 - A questão também de que muitas vezes a escola não tem recurso para bancar um projeto.</p> <p>JUUS28 - E por último a parte financeira. Porque a gente tem uma ação muito importante na semana da água, (...), e aí a gente não consegue dar uma dinâmica melhor, fazer um evento melhor, que a gente possa até convidar outras escolas, que a gente possa convidar pessoas de outros municípios de uma maneira geral porque a gente não tem dinheiro.</p> <p>PAUS17 - A maior dificuldade é material. Não tem material, a logística não tem.</p> <p>JULUS3 - (...) e a dificuldade maior é a questão assim do apoio da escola em fornecer material e a questão assim de tempo livre.</p> <p>LAUS33 - E na do município que a gente enfrenta é a questão do material.</p> <p>LAUS14 - (...), direção não tem nada contra, porém em termos de material não tem nada a oferecer ao professor, questões políticas. Nós não temos suporte. Qualquer atividade, ou você reformula para não ter que usar material, ou você vai ter que comprar do seu bolso.</p> <p>LEUS26 - A questão de material. Mas aí foi a questão mesmo da falta de material que levou a gente a começar a reciclar, porque aí foi só uma maneira da gente continuar com nossas aulas sem que o material fosse um empecilho.</p> <p>BRUS21 - (...) pode ser de espaço, porque se tivesse mais espaço, um espaço tipo com grama, com terra, poderia ser feito algumas coisas, reciclagem de casca de alimento, fazer adubo e plantação.</p> <p>IVUS6 - Nossa escola eu acho que deixa muito a desejar porque a gente deveria ter mais projetos, haja vista que a gente tem um terreno imenso, e esse terreno não é aproveitado. A gente podia plantar hortas, ter uma parte mais voltada para essa questão de plantio, (...).</p> <p>PAUS18 - Eu quero fazer, eu quero sair com uma aula de campo com meus alunos, não tem o transporte.</p> <p>MAUS12 - Assim por falar de apoio do município a gente não tem como trabalhar um projeto que seja mais amplo. Eu vejo assim de levar os alunos até um lixão, por exemplo, porque a criança aprende mais quando ela observa. Mas simplesmente o município ela não dá apoio e não dá nenhum suporte pra gente.</p> <p>MAUS14 - O meu sonho é levar os alunos pra conhecer a nascente do rio, mas até agora o município não disponibilizou nenhum transporte. O transporte que leva os educandos até a escola é uma Toyota, então tinha que ser duas viagens.</p> <p>IVUS7 - Mas também aqui existe a questão da água aqui, que às vezes nós não temos água na escola. Aí plantar, eu mesmo às vezes eu não defendo plantar a planta só para plantar e deixar morrer, eu sou contra.</p>
	<p>Categoria 19—quando a educação ambiental integra o jogo do mercado</p>
	<p>Em uma ela é produzida como um jogo de marketing. Eles têm uma fazenda particular que serve para plantação, serve para os alunos praticarem isso do fundamental I, mas só para a divulgação da escola que ta tendo aquele projeto. (...). (...) para a promoção da escola, para o crescimento da escola.(LAUS26)</p>
Resultados gerados com o desenvolvimento do trabalho da educação ambiental na escola	<p>Categoria 20 - A educação ambiental possui uma dimensão ética que repercuti na vida e na prática docente</p>
	<p>IVUS5 - Para minha vida pessoal eu acho que a preocupação com a natureza, (...).</p> <p>E a partir do momento que você se envolve você passa mais a pensar, procurar deixar a natureza melhor pra nossas gerações.</p>

HEUS6 - Ela me mostrou que a gente pode viver de uma forma melhor preservando o meio ambiente. Você conservando o presente hoje, o seu futuro será outro, (...).

ISUS14 - Me deu condições de eu ver o que eu posso fazer, o que eu posso fazer de diferente, o que eu posso fazer para contribuir. Coisa simples, como uma separação de lixo, como um reciclar dentro da escola, um reutilizar as coisas quando elas são descartadas.

JULUS9 - Eu acho que a questão de você ter mais consciência para economizar, para não poluir, para a gente não acender uma lâmpada toda hora, para não gastar água quando não é necessário. Na minha casa tem poço, mas eu lavo roupa e reaproveito a água. A questão de não pegar o papel, pegar o lixo e jogar fora, o descarte adequado.

JULUS10 - Mas assim, depois que eu comecei a me envolver isso na minha vida influenciou bastante na questão da educação própria. Porque até então eu não tinha a questão de fazer a seleta do lixo, a questão de ir ao supermercado e não querer que coloque muita sacola. Isso pra minha vida pessoal educou muito.

JUUS4 - Eu acho que quando você começa a trabalhar, você vai ter reflexo no sentido de mudar algumas posturas de vida em relação à água, em relação a lixo, em relação ao seu comportamento na sua casa, até como dona de casa. De você como educar a sua filha, de você economizar água, economizar energia e por aí vai, (...).

LEUS9 - Porque o ano passado lá em nosso período de seca eles queimaram muito as serras para tirar alimento para o gado. Aí eu estou começando a botar na cabeça deles que não façam isso, para que a gente crie de outra maneira. Então ela contribuiu dessa forma assim, melhorar minha vivência lá no meu lugar rural assim, como eu posso melhorar lá.

LEUS8 - Na hora de jogar, de juntar o lixo eu já vou olhar, nem tudo é lixo. E não deixar que o pessoal lá de casa, estou tentando influenciar eles para que não queime

BRUS9 - Como eu fico tranquilo em saber que eu faço a minha parte, só isso mesmo, e saber que eu posso fazer com que os outros tenham essa mesma consciência e tentar economizar, tentar utilizar ou jogar descartando bem, separando para ajudar os outros também.

MAUS10 - Tudo de bom, porque é uma forma que você se sente bem, que você tá preservando, que você tá fazendo o melhor basta você querer, que você também pode trabalhar com outras pessoas, que você pode aumentar esse grupo de pessoas, falar cada um quer participar, ajudar, e foi tudo de bom.

LEUS27 - Hoje a gente olha para cada detalhamento da escola de uma forma diferente, e o que a gente pode fazer para melhorar, tanto professor como aluno. Então eles ver às vezes o cantinho, e acha feio, vamos mudar. (...). Quando a gente se reúne a gente em conjunto tentar sempre melhorar a escola

LEUS7 - Um olhar diferente. Porque assim, durante a semana eu estou aqui na cidade, mas durante o fim de semana eu estou no sítio. Então hoje lá, assim as coisas eu já vejo com cuidado maior.

CLUS12 - (...), quando você entende que tudo que você faz interfere na vida dos outros, de todos os outros seres, como um bem e que tudo que eles fazem também interferem na sua, você passa a ter um cuidado maior pelas pessoas, pelo ambiente por tudo que tá ao seu entorno, eu falo que a EA influenciou muito nisso mesmo nessa questão de respeito

CLUS11 - Acho que muitos, porque a medida de que você quanto mais você vai pesquisando, estudando a respeito você vai percebendo a necessidade de respeito da relação de troca que existe da gente com tudo e com todos.

LAUS24 - Olha, para a minha vida pessoal, eu falo que até o prazer do profissional muda, porque quando você trabalha com gosto as coisas mudam, (...).

JUUS31 - Eu acho que essa nova postura, eu acho que primeiro uma nova postura dentro da casa deles, com a família deles.

JUUS5 - E alguns alunos eles também passam a ter esse reflexo. (...). Porque aí você ver depoimento deles, não todos obviamente, mas você

ver depoimento deles, deles também terem mudado a postura em relação à EA e a vida deles, (...).

CLUS27 - *Os resultados na área da EA são muitos subjetivos. Eu entendo e acho que alcancei os resultados. Não sei se eu teria como, vamos dizer assim, se eu tivesse como provar esses resultados eu não sei se eu teria como.*

CLUS28 - *Só percebo que tiveram muitos resultados porque eu percebo pessoas que estudaram comigo desde o início, e que hoje em dia alguns deles hoje trabalham militando nas causas ambientais, que são pessoas que você vê que se tornaram adultos que têm atitudes mais de respeito, atitudes mais conscientes, que são pessoas mais críticas (...). Então eu analiso mais pela questão justamente das atitudes*

MAUS20 - *São vários, principalmente você mobilizar crianças pra que ela tenha visão dos fatores que são positivos, dos que são negativos.*

JUUS31 - (...), e eu sempre digo para eles que em relação à educação para que possa trazer resultados, e principalmente nesse contexto que é educação socioambiental, mudança de postura de uma sociedade, você não consegue do dia pra noite, então ele não esperem grandes resultados em curto prazo, eles esperem resultados em longo prazo.

JULUS12 - *E tudo começou dentro da escola. Então um dia eles falaram “professora por que a gente não limpa a escola? Por que a gente não faz um cesto de latinha pra colocar o lixo seletivo?” E a gente começou um dia, aí foi pra aula, pra o campo, aí fez a limpeza do pátio, então eles se educaram mais na questão de não jogar o lixo na sala. Quando a gente voltava dos intervalos estava tudo sujo, mas assim, a conscientização começou assim dentro da sala de aula.*

ISUS23 - *A conscientização. Você deve ter observado quando você chegou que a gente tinha acabado de terminar o lanche que é a merenda deles. E no fim, eu acho que você deve ter visto, estava tudo limpinho, eles não deixam. E antes desse lanche eles têm lanche na sala, e você observou as salas também e as salas ainda não foram varridas, elas vão ser varridas daqui a pouco.*

ISUS18 - *Sim, porque a gente acredita que se começar desde cedo, é dando condições a eles de aprender a remanejar o próprio lixo deles para o lixeiro, de lecionar o que dá pra ser utilizado, de desenvolver essa consciência ambiental, isso vai repercutir mais tarde.*

JULUS2 - *E eu acho que o projeto de EA ele traz muito para questão de dentro da escola, a questão da higiene, a questão da conscientização de lá pra casa, porque eles levam pra casa, (...).*

IVUS16 - *Inclusive recentemente o IBAMA veio com a Polícia Federal ver essa questão da retirada da areia do rio. Hoje eles já estão bem mais preocupados com essa questão também. Isso ajuda nesse processo quando você trabalha a questão ambiental eles vão se conscientizando e vendo que o melhor para o futuro é você preservar.*

ISUS24 - *Outra é a questão da organização dos brinquedos. É pra brincar no chão, os brinquedos ficam no chão. Mas se você fala que os brinquedos e disser que os brinquedos vão ficar na mesa, também fica na mesa. Então eu acho que eles desenvolveu muito essa questão do que é meu e eu vou cuidar. E isso vem repercutir nas brincadeiras, nos brinquedos, com a cartilha aprender a dividir as coisas.*

HEUS15 - *eles preservam a planta que for, eles não gostam e nem querem que ninguém quebre um galho, não querem que ninguém mate nem se quer um escorpião, não querem que mate nenhuma espécie de animal, não querem quebrar galhos, jogar pedras em árvores, eles não fazem isso. Eles fazem de tudo pra cuidar, e se possível até pedem mudas para plantar em casa.*

IVUS15 - *A gente nota uma preocupação deles, e a preservação ambiental também.*

LAUS34 - *E na do município que a gente enfrenta é a questão do material. (...). Eu vejo o crescimento da aprendizagem da criança a partir disso.*

LAUS31 - *Porque assim, é difícil mudar a pirâmide de cima para baixo, e se você começar dos pequenos pra você chegar no topo fica mais fácil.*

JUUS7 - (...), e aí essas atividades eles gostam de fazer, qualquer coisa diferente eles gostam de fazer, e aí quando eles começam a realizar

	<p><i>essas atividades diferentes é quando eles vão se identificar, vão passar a dizer assim, não naquele momento eu entrei pra fazer por fazer, e agora eu estou fazendo porque eu estou realmente me importando.</i></p> <p>JULUS23 - <i>Faz mudar o aprendizado deles. Inclusive eles já sugeriram fazer artigos com a pesquisa. Aí vai trabalhar com artigo, como é que a gente faz para publicar um artigo. Então depois do projeto eles fizeram um blog e eles estão botando muitas informações.</i></p> <p>JUUS33 - <i>Sim, eu acho que é por causa da influência, da gente conseguir influenciar a outras pessoas dentro da nossa casa, de pegar outras pessoas e vender a nossa, (...).</i></p> <p>LEUS28 - <i>Sim, hoje sim, antes não. Hoje sim porque hoje quando eu vou preparar minha aula, dentro de meu planejamento eu sempre tento focar em assuntos que melhore a qualidade de vida em questão ambiental.</i></p> <p>CLUS29 - <i>Eu creio que sim, (...).E eu sempre que posso, e mesmo não podendo, eu dou um jeito de trabalhar aquelas temáticas que eu acho que são fundamentais para a formação de meus alunos, e a questão ambiental com certeza é uma delas.</i></p> <p>JULUS23 - <i>Sim, porque eu tento da minha forma buscar informações para passar, ou seja, a vontade é maior de colher informação para passar. Então eu acho que eu me considero.</i></p> <p>LAUS36 - (...). <i>Pelas as ações que eu tento fazer e modificar meus alunos, porque eu sei que eu vou plantar hoje, mas que eu não vou colher hoje, vou colher mais na frente.</i></p> <p>HEUS16 - <i>Mas aí eu me considero educador ambiental pela preocupação que eu tenho, pelo respeito que eu tenho, não só a uma árvore, mas aos animais, a água que falta que é desperdiçada, o cumê que é jogado fora, nesse sentido.</i></p> <p>MAUS21 - <i>Sim, porque eu sempre tive essa visão de não cortar, não poluir, e no Projovem aí foi quando eu comecei a desenvolver essa consciência da preservação ambiental. Hoje lá na área do Jacarará eu tenho a liberdade de fazer alguma coisa, então eu me considero.</i></p> <p>BRUS26 - <i>Sim eu me considero, primeiro porque eu exerço, eu faço pelo menos a minha parte, tenho essa consciência de sempre querer preservar, economizar e separar pra não misturar aquilo. E quando uma pessoa é um educador, primeiro tem que fazer, e depois querer que os outros façam, e sempre quando eu vejo alguma coisa errada eu vou lá e falo e reclamo, ou brigo e ensino.</i></p> <p>ISUS26 - <i>Então hoje eu tenho condições de dizer que eu sou, porque se alguém me disser que precisa de uma opinião de uma atividade, eu sei como fazer, eu sei como dirigir. E eu antes, eu até poderia saber e fazer, mas eu acho que não tinha informações suficientes.</i></p> <p>JUUS34 - <i>Eu acho que é uma característica de inclusão, eu não gosto de excluir ninguém e mostrar que a EA é importante do ponto de vista ambiental, mas ela também é muito importante do ponto de vista social.</i></p> <p>IVUS17 - <i>Limitado, mas considero. Até porque a gente também trabalha, a gente tem nossas limitações, mas a gente não deixa de ser um educador ambiental.</i></p> <p>BRUS24 - <i>Resultado sempre tem, mas às vezes não alcança aquele resultado esperando.</i></p> <p>BRUS25 - <i>Por exemplo, naquele dia em que a gente foi para fazenda a maioria dos alunos não queriam ficar ali não, queria ficar em casa, ou costurando ou brincando. Porque é adolescente, criança a partir de 11 anos 10 anos já começam a trabalhar tirando ponta de linha ou costurando. Para ganhar dinheiro, porque a economia daqui todo mundo trabalha, aí por isso que tem poucas pessoas interessadas em estudar. E estudar vai demorar. Eles costuram em casa para terceiros. Eles mesmos costuram, têm a máquina e costuram em casa. Aí eles não fazem as atividades porque estavam costurando em casa.</i></p>
<p>Influências e engajamentos com a educação ambiental</p>	<p>Categoria 21 – A vida familiar próxima à natureza</p>

ISUS10 - Por morar na zona rural, então eu estou diante eu diria que diante do foco da questão do meio ambiente.

HEUS3 - Desde pequeno mesmo, apesar de eu ser e ainda me considero um agricultor, nasci e me criei na zona rural (...).

CLUS5-Não sei se talvez isso tem a ver ou não, porque eu cresci no campo, depois assim já maiorzinha que a gente veio morar na cidade, (...).

CLUS22 - Eu estava lembrando que uns dos primeiros trabalhos que eu fiz assim voltado a EA que foi um trabalho de especialização, e que a temática da minha da minha pesquisa foi justamente sobre a macambira. Porque desde criança que eu vi meu pai em tempo seca braba, como a gente vive agora, queimar macambira pra dar ao gado, e aquilo sempre me chamava muito atenção. Eu nem entendia. E aí quando eu fui fazer especialização, eu fui pesquisar sobre isso, e qual a importância dessa bromélia na vida da sociedade aqui dessa população, principalmente do pessoal que vive no campo. E aí pronto, e eu acho que a partir disso eu me liguei muito porque eu sempre convivi muito com isso.

ISUS11 - O meu pai é um agricultor, um pequeno pecuarista, então ele sempre teve a preocupação de ter sombras, ter árvores.

MAUS3 - Bom, desde sete anos, porque eu nasci lá no Sítio São Paulo dos Candinhos, que fica depois da Barra do Farias. E os meus pais eles sempre falavam que a gente tem que deixar a sombra na beira do rio, deixar a sombra na beira do rio.

MAUS4 - Então na margem do rio eu lembro muito que a gente tinha manga rosa, manga espada, goiaba, caju, porque naquela época não tinha muitas para vender. Eu lembro que meu pai plantava lá e levava aquela terrinha e plantava lá. E tinha uma barragem, porque naquele tempo se comprava sabão, mas não era enrolado no plástico como hoje, era por barra.**ISUS12** - E mãe por natureza própria toda vida teve um espaço próximo de casa com um pomar eu diria, muitas plantas frutíferas.

IVUS2 - Porque eu sempre gostei de plantas, e aqui na escola quem cuida das plantas sou eu. A parte de plantio de cuidado pra irrigar sou eu.

CLUS6 - (...) aí eu tive sempre essa relação muito forte com animais, com árvores (...).

HEUS4 - (...) sempre gostei muito de animais e de plantas.

IVUS4 - Um sonho meu é ter um sítio assim para que possa assim plantar várias árvores frutíferas,

ISUS13 - Então eu acho que essa intenção de EA vem desde cedo. E eu acho que foi justamente esse contato, as minhas referências e lembranças de minha infância são todas rodeadas de sombras, de árvores. Então eu acho que as minhas melhores lembranças me influenciaram aqui na escola.

PAUS21 - Então eu me considero não porque estou no processo de graduação de Biologia, mas pelo o que eu aprendi na vida.

Categoria 22 – A educação escolar e universitária

BRUS4 - Desde antes de eu estudar na faculdade, eu já entrei com esse interesse de EA. Aí, lá fui vendo mais afundo o que era e como se poderia trabalhar em sala de aula e tudo.

IVUS3 - Eu também já iniciei uma Especialização em Gestão Ambiental. Então foi esse processo que fez eu gostar da EA.

LAUS22 - Assim, na parte de Geografia influenciou bastante.

LAUS23 - E eu tinha um professor também que é muito ligado nisso, que é Antônio, um professor da faculdade que eu me apaixonava só pelo jeito dele falar, ele era de EA.

PAUS7 - Mas assim, eu comecei a estudar aqui em uma escola do município e minha professora era de Ciências formada em Biologia, e me dava aula de Ciências e de Filosofia.(...). Então foi ali, quando ela começou que passei a levar para essa realidade.

PAUS10 - Aí então eu recebi um convite de uma professora de Biologia, ela era secretária de saúde na época e era professora da gente, e ela falou que tinha a necessidade de formar um grupo. Aí a gente idealizou. Chamava GTI, seria Grupo de Trabalho Intersetorial. A gente ia para vários setores. Aí era prevenção de doenças de doenças sexualmente transmissíveis, era a questão de alimento qualidade, era a questão de queimadas, rio, assoreamento de rio, é toda essa parte voltada a vida.

<p>CLUS7 - (...) e eu sempre lembro que na escola eu sempre eu participei de um prêmio de redação que era sempre com o tema ambiental, eu acho que eu tinha 10 anos, 12 anos, eu acho que isso foi uma coisa assim que eu nunca esqueci. Então eu acho que isso pode ter sido uma coisa que serviu assim para despertar esse interesse.</p>
<p>CLUS8 - Não houve uma influência específica de ninguém, eu não me lembro de nenhum professor que trabalhasse a EA, (...). JULUS8 - Não, a Ciência Social não. Eu não tenho, porque a questão de Geografia a gente pagou, mas foi aquela Geografia mais bem Geografia Econômica.</p>
<p>Categoria 23 – A influência do exercício profissional</p>
<p>JULUS6 - (...) quando eu trabalhava em uma escola em São Domingos tinha uma professora, Mônica, que era muito voltada para a questão ambiental, e assim, querendo ou não ela trabalhava muito projetos, aí eu trabalhava com ela, aí eu comecei a ver, aí a gente foi pra o lixão para o aterro, e a partir daí a gente foi desenvolvendo porque a gente via que os alunos tinham interesse. JULUS7 - Depois disso veio Thomas que veio com o Projeto Capivara, e aí a gente fez plantações nas margens do rio, e de lá ia assim a gente começou a sentir gosto pelo projeto. LEUS5 – Aí depois Mércia chegou com o projeto e foi onde eu me engajei, comecei a ver não só a parte da reciclagem, mas também a parte da preservação de mata. LAUS21 - Eu fazia os meus trabalhos e as atividades voltadas para a parte de meio ambiente, porém eu não me caracterizava como educadora ambiental.(...). Então eu comecei a trabalhar, e quando eu me vi eu já era uma educadora ambiental sem saber. CLUS9- mas lembro que desde que eu comecei a ensinar, a trabalhar com licenças, sempre que tinha assim algum um prêmio, uma redação, um projeto, que vem às vezes sugestão de uma feira pra gente fazer alguma coisa, eu sempre fazia voltar pra essa questão. MAUS5 - Depois de 2009 eu lecionei Ciências Humanas no Projovem Campos Saberes da Terra II, então isso pra mim foi tudo. MAUS9 - Em 2004 eu comecei a lecionar reforço na minha casa, e lá sempre foi assim essa preservação que já foi desde infância. Tanto as minhas filhas e o meu esposo, a gente sempre tem esse cuidado com o meio ambiente. E na minha escola lá de reforço eles também têm essa consciência, porque funciona um anexo da Escola Inácio, e sempre que eles jogam lixo eles pedem licença e vão pegar o lixo. Eles têm essa consciência. LEUS4 – Primeiro não foi tão ambiental, foi pelo gosto da arte. Trabalhar com o concreto. (...), aí eu sempre busquei fazer oficinas, e pelo custo eu sempre preferi usar materiais que poderiam ser reciclados,</p>
<p>Categoria 24 – A participação em projetos contribuiu para o engajamento como educador ambiental</p>
<p>PAUS8 - E eu comecei a me voltar para a minha realidade, me engajei no projeto Cáritas Paroquial, comecei a me engajar com esse pessoal, é um projeto da Igreja Católica da diocese de Pesqueira, na época a gente começou a fazer visitas, momentos de orações com a comunidade e de buscar um elo de sustentabilidade dentro da comunidade. PAUS11 - E até mesmo o projeto ANE, o Águas de Areias foi um convite, e eu pude participar. LEUS6 -Aí quando cheguei no projeto Águas de Areias eu fui para a parte de solo, de água, e começou assim. BRUS14 - Ó, eu comigo foi só esse com o Águas de Areias, (...).</p>
<p>Categoria 25 – Os problemas ambientais locais e o despertar para se tornar um educador ambiental</p>
<p>JUUS3 - Porque assim, como eu sou daqui, eu sempre morei aqui e tudo, aí eu consegui acompanhar todo o processo de degradação do rio, aí eu despertei a partir do rio, de tentar pesquisar com meus alunos e ver qual era a visão deles a respeito do rio, e tentar de certa forma modificar essa realidade, e a partir daí eu começo a trabalhar e desenvolver trabalho na área de EA.</p>

	<p>PAUS6 - <i>Primeiro eu morava na zona urbana de Jataúba, fui morar com nove anos na zona rural, e assim vi a necessidade das pessoas, moradias completamente abandonadas, de lixo na porta das pessoas, e assim eu sempre tive esse olhar.</i></p> <p>BRUS7 - <i>Não sei uma coisa assim que despertou assim. É o ambiente em volta que eu via na escola e na televisão.</i></p> <p>BRUS6 - <i>Mais pela degradação da natureza. E eu sempre tive essa consciência de que se cada um fizer sua parte pode mudar o todo. excluir</i></p> <p>CLUS4 - <i>É engraçado que eu nunca parei para pensar como tudo isso começou, porque é uma coisa tão assim que eu acho que foi tão natural.</i></p> <p>CLUS10 - <i>Eu não sei explicar exatamente o porquê, eu acho que é uma coisa natural mesmo.</i></p> <p>LAUS20 - <i>Por incrível que pareça eu não me enxergava isso em mim.</i></p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------